

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: José Faustino Filho

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1934

NUM. 237

EDIÇÃO DE 64 PÁGINAS

SUMÁRIO

EDITORIAL

O Momento Militar	57
-------------------------	----

COLABORAÇÃO

Operações noturnas — Cel. Baudouim da M. M. F.....	60
Funcionamento de uma 2. ^a Secção de Corpo de Exercito — Ten. Cel. Carpentier da M. M. F.....	66
Oise — Junho de 1918 — Ten. Cel. Torres Guimarães	75
Uma miniatura do 75 — Major João Müller Neiva de Lima.....	80
A propósito de um canhão miniatura — Cap. Guaracy S. Freire....	82
Entrega de diplomas na Escola de Estado Maior — Cel. Coelho Neto	85
Ações em retirada — Cap. Durval M. Coelho	87
Interseção-Avante — Cap. Amangá C. Menezes.....	94
O problema de Instrução na Cia. de Infantaria — Cap. J. B. Matos	99
A ideologia política — J. B. Magalhães	100
O exercito no Estado — Gen. Von Seeck.....	104
O cavalo militar — 1. ^{os} Tens. Armando Rabelo e Bernardino Costa..	105
O caráter próprio do Exercito — Gen. Von Seeck.....	107
Passagem do Piave pelos franco-italianos a 26 de Outubro de 1918 — Cap. Lima Figueiredo	108
Escolas de fogo na Escola de Artilharia em 1933 — Cap. Olivio de Oliveira Bastos	119

DA REDAÇÃO

Lei de movimento dos quadros	97
Átос oficiais	103
Serviço de Subsistência da 1. ^a Região Militar	113
A questão dos efetivos militares.....	118
Livros à venda	120

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretoria: — Presidente - J. B. Magalhães; Secretario - José Faustino Filho
e Gerente - J. B. Matos.

Conselho de Administração: — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior,
Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olivio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saude — Cap. A. Gentil Basilio Alves; Intendencia — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinaria — 1º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Das armas - Inf.º Capitãis J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; Cav.º Cap. Ladario C. Teles; Eng. Cap. J. Lima Figueiredo; Dos Serviços - Int.º 1º Ten. José Salles.

CORPO DE REPRESENTANTES Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
E. M. E. — Cap. Pery Beviláqua
D. P. G. — 1º Ten. Toscano de Brito
D. C. — 1º Ten. Toscano de Brito
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
Dir. Av. —
Dir. Remonta —
Dir. I. G. — Ten. José Salles
Dir. S. G. —
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
Serv. Radio — Ten. Juracy Campelo
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
Q. G. 1ª R. M. — Ten. Romão Leal
Q. G. 2ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
Q. G. 3ª R. M. — Cap. Carlos Analio
Q. G. 4ª R. M. — Cap. Oscar Costa
Q. G. 5ª R. M. —
Q. G. 6ª R. M. — Major Lopes da Costa
Q. G. 7ª R. M. —
Q. G. 8ª R. M. —
Q. G. Cir. Militar — Ten. Cel. Mario Xavier
M. M. F. — Cap. Newton O'Reilly
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro

E. I. — Cap. Oswaldo Soares Lopes
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira
E. C. — Cap. Armando Ancora
E. E. — Cap. Luiz Betamio
E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
E. Av. — Ten. Helio Brugman
E. M. — Ten. Almeida de Moraes
E. M. P. — Ten. Leandro Costa
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
E. S. I. — Ten. Hugo de Faria
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
C. M. C. —
A. G. R. J. —
A. G. P. A. —
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
F. P. E. —
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
Coudelaria de Saican
Idem de Rincão
Dep. Rem. — Monte Belo - Cap. Oromar Osorio
Dep. Rem. — Campo Grande
Dep. Rem. — Valença

TROPA INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
Btl. Guardas —
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
3º R. I. — Ten. Leal Ribeiro
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
I/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
II/5º R. I. —
III/5º R. I. — Ten. Castro e Silva
6º R. I. — Ten. Ary Ruch
7º R. I. —
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico
I/9º R. I. — Cap. Floriano de Farias
10º R. I. — Ten. Tancredo Cunha
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves
II/12º R. I. — Ten. Armando Carvalho

13º R. I. — Ten. Armando Alvim
1º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho
6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
7º B. C. — Ten. Riograndino C. e Silva
8º B. C. — Ten. Gelci Brun
9º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
10º B. C. — Ten. Affonso Ferreira
13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
14º B. C. — Ten. Pinto da Luz
15º B. C. —
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
18º B. C. —
19º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:

João Batista de Magalhães

SECRETARIO:

José Faustino Filho

GERENTE:

João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL – RIO DE JANEIRO, FEVEREIRO DE 1934

NUM. 237

EDITORIAL

O Momento Militar

O Brasil, que em 1826 dispunha de uma força militar relativamente considerável, pois nessa época, mal entrado na vida emancipada, contando apenas 6.000.000 de habitantes, tinha *organizada, equipada, armada e municiada, uma força* com um efetivo de 119.000 homens, enquanto que seus vizinhos mal possuíam alguns homens em armas, caiu no segundo Império e com a República mais ainda, num grão de desorganização militar indiscrimitiva, tornando-se de uma fraqueza relativa lastimável.

A Guarda Nacional que no período monárquico, até meados do 2º Império, apesar dos pezares, foi uma milícia organizada e que prestou reais serviços, degenerou miseravelmente depois e abastardou-se por completo na República. O Exército em quasi nada progrediu até passado bem recente, pode-se dizer sem temor de contestação, à vista das necessidades das organizações militares modernas e dos progressos das nações vizinhas.

O Exército veiu sendo mal amparado pelos seus maiores responsáveis, os quais por preguiça ou ignorância, *incultura* ou desleixo, combatiam con-

tra o progresso, ou apenas toleravam-no com seticismo e displicência, não obstante os esforços honestos de alguns — *avis rara* — para esclarecer as necessidades e orientar o movimento para a frente.

Em certos períodos houve mesmo o desencadear de uma verdadeira *furia de desorganização*, levianamente agitada por certos indivíduos que se julgavam detentores dos ardilosos segredos da arte.

A *Guarda Nacional*, de milícia militar, transformaram-na, políticos inescrupulosos, em arma e recurso eleitoral, fonte de renda para o Estado e de ridículo para o Estado e para os cidadãos. *Risum teneatis!* Em 1896 dispunha a briosa *Guarda Nacional*, creados pelo *Governo* e nomeados por seus Ministros de 100 brigadas e 90.000 oficiais! ...

**

A reforma do nosso apparelho militar era portanto empresa ardua e extremamente difícil.

**

A fase reformista inaugurada por *Mallet* e empreendida prática e decisivamente com as primeiras turmas de

aspirantes e o regresso dos primeiros oficiais que tinham ido á Alemanha *vér um Exercito*, e prosseguida depois com denodo, coragem e inteligencia pelos que tiveram a bela inspiração de contratar a M. M. F., caracteriza-se pelo *despertar da idéa* de que o Exercito, as forças armadas, teem por precipuo dever — *o combate*.

Essa fase não segue uma rota continua, em marcha uniforme e cadenciada. O novo movimento parece antes uma torrente que, embora indomável, desce um declive cheio de escohos de toda sorte e represas varias — ora se espraia, ora se retem, ora solta-se de chofre no espaço, tumultuosamente para retomar de novo seu curso natural.

Havia em primeiro logar de vencer-se a resistencia que a ignorancia, a molesa e a falta de curiosidade ofereciam; havia-se que transformar a mentalidade da grande massa de dirigentes e derigidos! Empresa gigantesca que é essa de reformar habitos e costumes, atuando de posições excentricas!

Não obstante, caminha-se para a frente. A propaganda de alguns poucos; pela palavra escrita, pela palavra oral, pelo exemplo e propensas atitudes; pela resistencia de outros não mais numerosos ás medidas desorganisadoras; pelo impulso dado por certos outros ás providencias organizicas; a transformação da mentalidade se vae a pouco e pouco operando. As escolas dão frutos.

**

Mas a política perturba, impede e destrui. Os políticos, absortos em suas questiunculas de campanario e que foram incapazes de construir nossa força militar, de compreender e sentir as necessidade da defesa nacional, as mais comesinhas e rasteiras, mal

e mal concedem certas leis e orçamentos mal feitos, a custo arrancados por alguns militares sonhadores e ideologos, os quais logo se destroem pelos sofismas, pelo compadrismo exaltado, e com as concessões de favores pessoais e de caracter tendencioso.

No fundo em nada se acredita e nada se faz ao serio. Cede-se apenas, certos de que tudo ficará imutavel.

Afóra alguns, muito raros, que não medram, os que dominam e governam, só teem como interesse a renovação dos mandatos eleitorais, isto é, das pingues vantagens que em proprio podem deles auferir.

A política, ladina e interesseira, vê na sinceridade, positividade, e bôa fé naturais do soldado uma arma excelente para fazer vencer seus desígnios... Entra nos quartéis, atrai o militar absorto nas suas preocupações, cristalizado em suas formas disciplinares, crente e adorador sincero da grandeza da Patria e chama-o para as lutas e vigilias civicas... E ele, mal preparado para essas campanhas de discursos e manobras invisiveis, vai levado pela torrente, convicto de seu civismo!... Inexperto!...

É a molestia, é a quasi asfixia, a anesia do grande organismo militar. É a confusão, é a desordem, são as correntes contrárias que se formam no seio da grande familia... Tudo começa a estiolar-se.

**

No entanto, em meio do caos, no ardor da desordem, consegue-se vislumbrar que ha alguma cousa que resiste, solida e indestrutivel...

Entre mesmo os que parecem mais despeitados, mais aturdidos pela tumultuosidade, levados pelo fragor da tormentosa desordem, alguns ha que veem claro e procuram encaminhar a avalanche, cheia de vida sem du-

vida mas sem governo, para o grande vale por onde pode tornar-se fecunda, em vez de ficar meramente destruidora.

**

Pode-se afirmar sem temor de contestação, que vimos de sair da fase de aturdimento, porque passamos ha cerca de uma decada, cheios, ricos de *experiencias*.

No final das contas, afóra prejuízos sofridos pela natureza do *processo revolucionario* que adotamos para empreender as reformas reclamadas, podemos admitir talvez dentro em breve que o balanço nos ha de ser favoravel.

Certas resistencias estão definitivamente quebradas. É necessario apenas, que todos nos apercebamos disso para, com fé, esperança e confiança no futuro, prosseguirmos em nossa atividade.

O Exercito tem *chefes* de nova *formação*, saídos das correntes que combateram pela reforma, que a iniciaram e por ela propugnaram sem desanimar jamais.

Podemos estar certos de que logo que se torne visivel o trabalho feito para pôr em ordem os *destroços* da luta longa e arduamente empreendida, conduzida meio ao acaso e sabor das circunstancias, frutos abundantes serão rapidamente colhidos.

Certamente, ha muito a fazer sobre-tudo na ordem mental, cultural, educacional. Não se pense que num *jíat* vamos ter o armamento, as munições, os transportes, as reservas, a instrução, a vida... que nos seduz e que almejamos. Ha muito a construir e isso só pode ser obra do tempo. Mas parece podermos estar seguros de que entramos decisivamente em *nova fase...*

**

Até aqui, possuímos muito de util e capaz de grande rendimento. Oficiais, não poucos havia, propulsores do progresso, conhecedores da profissão, e havia órgãos que se esforçavam honestamente por *esclarecer as questões e encaminhar as soluções*.

Tais elementos porém, não encontravam éco bastante, eram tidos por teoricos ou revolucionarios e não podiam *repercutir*. *Invencivel barreira de incompreensão represava-os, amortecia-os, neutralisava-os.*

Doravante, é visivel que assim já não é, não mais deve ser.

**

Caraterizar-se-á, o movimento militar atual nitidamente pelo inicio do estabelecimento *oficial da ordem natural das causas*, da entrada em atividade dos *órgãos de direção e propulsão*, orientação e coordenação, no sentido que lhes corresponde legitimamente.

Entramos num *periodo de integração*, cumprindo a todos nós ajudá-la sem hesitação, com ardor, com entusiasmo, para acelerar o advento da normalidade a mais completa.

As novas reformas que se projetam executar, atacando o *problema militar* em seus *fundamentos*, removendo as causas básicas que impediam o nosso progresso, hão de por força dar frutos.

A ninguem é, pois, legitimo duvidar, resistir ou negar, por comodismo ou fraquesa, o sentido que realmente teem. Ao contrario, cumpre a todos, qualquer que seja a esfera de ação em que labore, agir no sentido que convém ao reerguimento de nossa grandesa nacional.

**

A pedra de toque miraculosa que nos fará surgir das proprias cinsas,

Operações noturnas

Pelo Cel. Baudouim

Chefe da M. M. F.

A utilidade das operações noturnas é evidente; ela decorre das duas considerações fundamentais seguintes:— garantir a proteção das tropas e realizar a surpresa, elemento primordial de todo sucesso tático ou estratégico.

As operações noturnas são de todos os tempos, mas, no passado, eram antes operações isoladas, *episódicas, pôde-se dizer.* A grande guerra de 1914-1918 NORMALIZOU o emprego da noite para a realização das marchas, dos transportes, e mesmo do combate. Todos aqueles que tomaram parte na guerra mundial, tanto na guerra de posição como na guerra de movimento, conservaram viva lembrança desses deslocamentos de tropas em plena obscuridade, seja a pé, seja em auto-caminhão, seja por estrada de ferro, dessas substituições, desses golpes de mão, desses combates.

Não me deterei no exame dos diversos regulamentos militares, no que respeita às operações noturnas. Nada mais arido que o estudo de um regulamento.

Minha intenção é, aliás, tratar tão somente do combate e para esse fim, prefiro examinar dois casos «vividos» na Grande Guerra, e escolhidos no decurso da guerra de movimento.

mais vigorosos, é — a *honestidade profissional.*

Sejamos profissionalmente honestos antes de mais nada. Sejamos profissionalmente honestos, julgando-nos a nós mesmos antes de cogitarmos das opiniões que sobre nós possam formar os alheios.

Acreditemos, em princípio, na capacidade e honestidade profissionais de nossos camaradas, pares, superiores e subordinados. Ha de assim formar-se um tal ambiente que os maus nele não poderão viver...

Essa *honestidade profissional* é naturalmente necessária em todos os grados da hierarquia e em toda gama de funções. Consiste para cada um, antes de mais nada, em se pôr, pela meditação, bem ao par do que, de

Tomei deliberadamente duas operações ofensivas: — uma, conduzida pelos Franceses, outra conduzida pelos Alemães. Escolhi essas duas operações porque ambas apresentaram falhas de execução importantes — e nada é melhor do que o estudo das faltas cometidas e de suas repercuções, para fazer resaltar os ensinamentos. Enfim, eu as escolhi dentre as operações do inicio da guerra, quando o armamento não tinha ainda realizado todo o seu desenvolvimento e em circunstâncias que podem talvez, aproximar-se bastante das operações possíveis no BRASIL.

I

COMBATE de PARVILLIERS

(noite de 7 para 8 de Outubro de 1914)

A primeira das operações de que trataremos se realiza em 7 de Outubro de 1914.

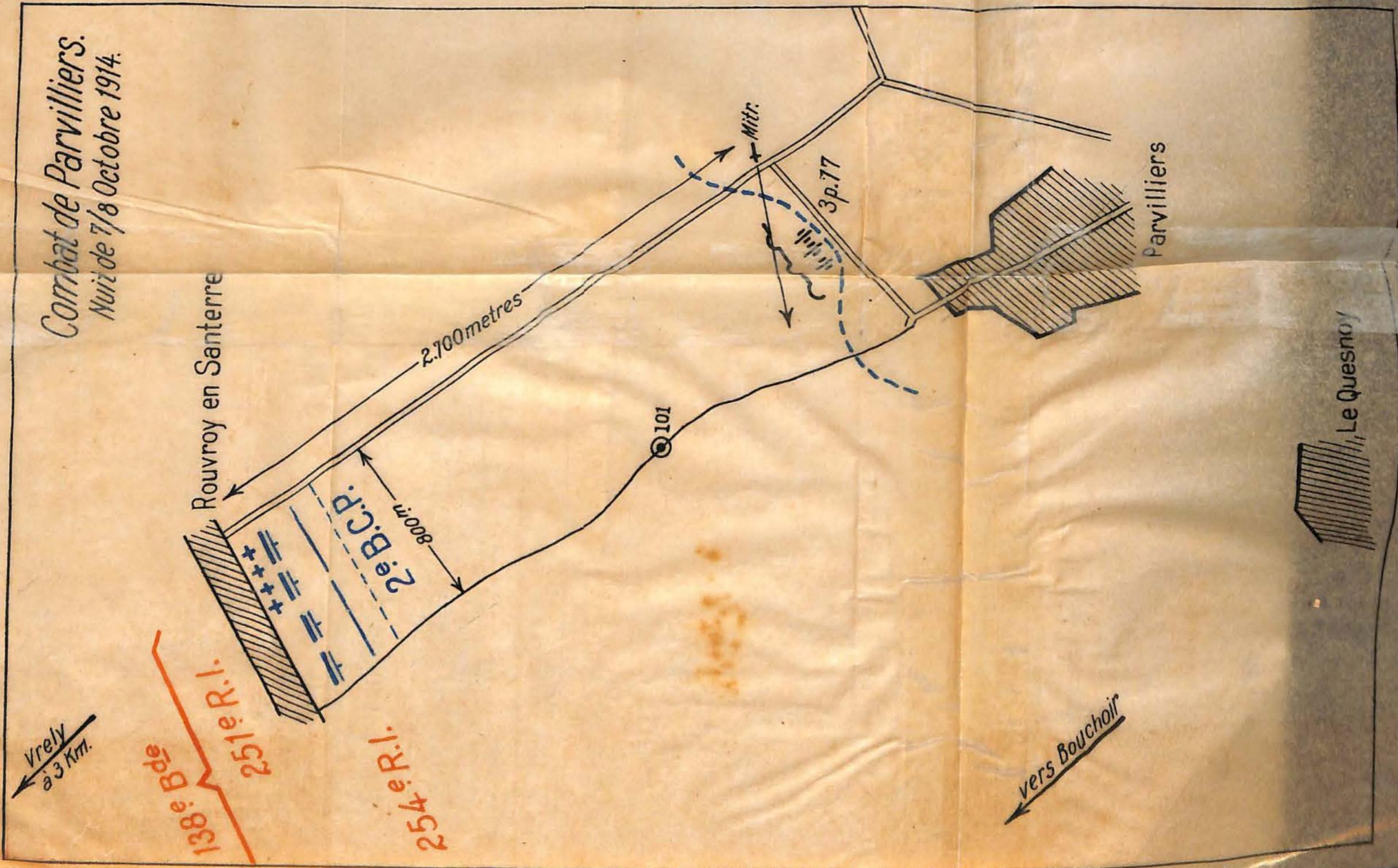
É a fase final do periodo chamado da «Corrida para o Mar», depois da batalha do MARNE. O Exercito do General CASLENAU está em vias de travar uma série de rudes combates em PICARDIE, entre o OISE e AMIENS, na frente RIBECOURT-ALBERT,

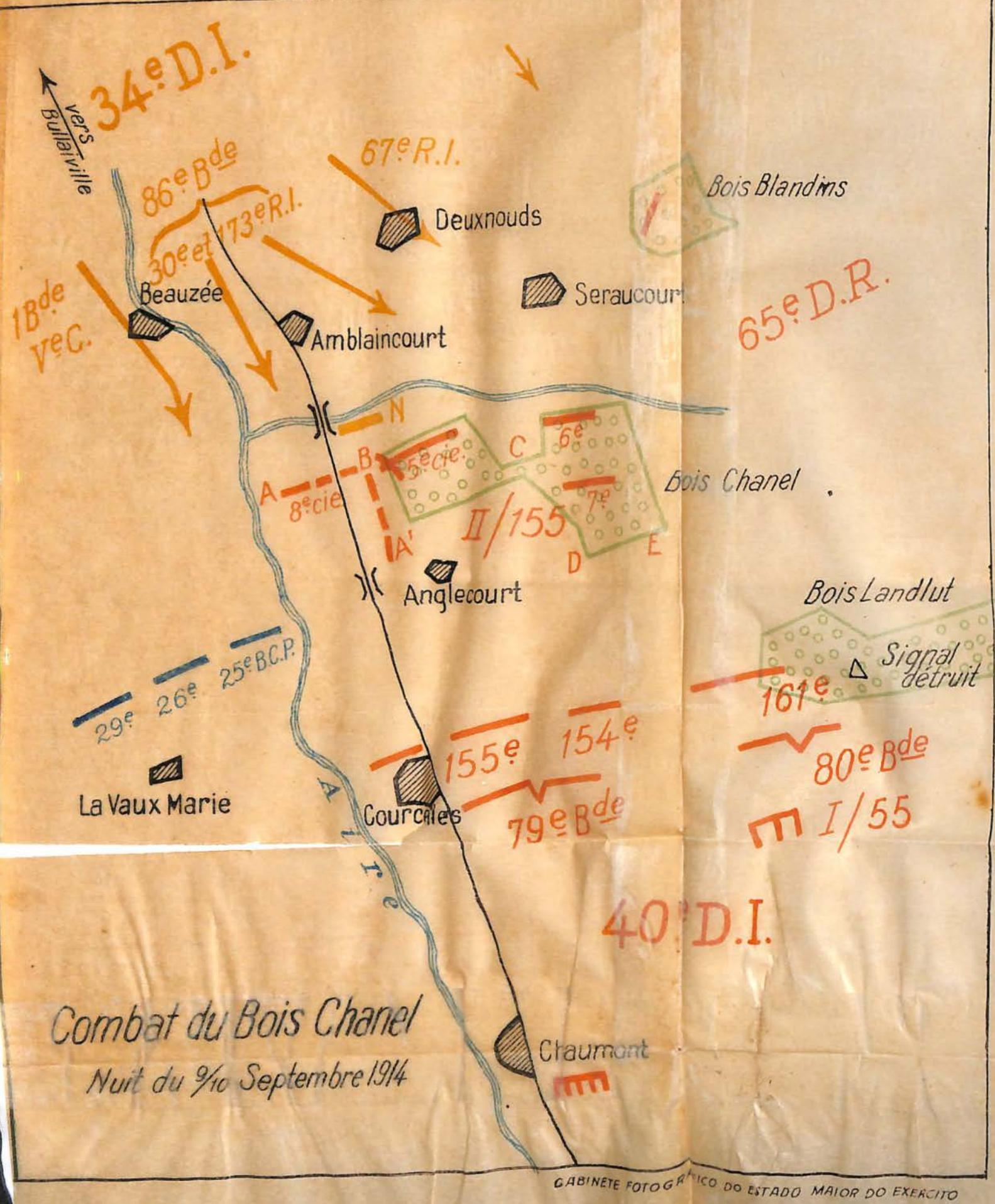
acordo com seu posto e *notadamente sua função*, compete-lhe fazer.

Devemos todos pensar que somos efemeros e passamos rapidamente pelas funções que exercemos. Subindo ou descendo na escala de funções públicas que somos levados a exercer, uma causa fica: é o produto de nosso trabalho, oriundo dos costumes e normas que adotamos. Normas que, acertadas, proliferarão e tenderão a melhorar constantemente o ambiente, permitindo o progresso e facilitando surtos cada vez mais vigorosos. Erradas, contra o que deve e convém que sejam, causarão ou aumentarão a desordem, quaisquer que sejam seus tumultos e brilhos aparentes.

Essa *honestidade profissional* tão necessária ao nosso vigor, depende principalmente de **SINCERIDADE REAL.**

Combat de Parvilliers.
Nuit de 7/8 Octobre 1914.





Combat du Bois Chanel

Nuit du 9/10 Septembre 1914

CABINETE FOTOGRÁFICO DO ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

afim de conservar AMIENS nas mãos dos Franceses.

Nos começos de Outubro, o 14.^o Corpo de Exercito, que fazia parte daquele Exercito, e ocupava a região de SANTERRE, cedeu. O Comando julga necessário aliviá-lo da pressão inimiga para permitir-lhe refazer-se; para esse efeito, decide atacar á noite as linhas inimigas.

Estudaremos apenas uma parte dessa ação; a que foi executada pelas tropas da 138.^a Bda. de Infantaria.

Essas tropas, que compreendiam os 251.^o e 254.^o R. I., tinham evacuado as aldeias de PARVILLIERS e de QUESNOY, sob a pressão do inimigo, e se tinham transportado para a região de ROUVROY em SANTERRE e BOUCHOIR.

Uma primeira constatação deve ser feita desde já:—o contâto foi rompido entre os dois partidos, e, na realidade, do lado dos Franceses, ignora-se si o inimigo ocupa PARVILLIERS e QUESNOY ou não, e, no caso de ocupar essas localidades, como as ocupa:—si lançou até elas somente elementos avançados de Infantaria, ou si tem aí forças importantes, si está apoiado por artilharia...

Grave lacuna e falta tática capital.

Seja como fôr, a 138.^a Bda. recebe ordem de atacar PARVILLIERS. Essa Bda. será reforçada com infantaria, mas não deverá contar com apoio algum imediato de artilharia. Dá-se-lhe o 2.^o B. C. que se achava em reserva.

Na noite de 6 para 7 esse Btl. é dirigido, parte em autos, parte a pé, para VRÉLY, onde ele chega pela manhã. VRÉLY se encontra a 3 km. N.O. de ROUVROY em SANTERRE.

À 7, ás 14,30 horas, o Btl. recebe ordem de se transportar para ROUVROY, afim de tomar parte no ataque da 138.^a Brigada.

Esse ataque deve realizar-se nas condições seguintes:

Eixo do movimento: uma pista que vai diretamente de ROUVROY a PARVILLIERS, pela cota 101. O 254.^o R. I. operará á direita desse eixo, o 2.^o B. C. P. á esquerda. O 251.^o R. I. devia ficar em 2.^o escalão. Vamos seguir o ataque executado pelo 2.^o B. C. P.

A zona de ação do Btl. era nitidamente limitada, á esquerda, pela grande estrada de ROUVROY a PARVILLIERS e, á direita, pela pista da cota 101. O terreno, entre as duas localidades, é chato, descoberto: uma unica dobra do terreno, apenas sensível, ao S. de ROUVROY.

Quanto ao Btl., ele compreendia 6 companhias, mais uma Cia. Metralhadoras, mas, é

preciso notar que, desde o começo da guerra, o efetivo dessas companhias tinha baixado de 250 para 150 homens; os quadros estavam bastante desfalcados e algumas companhias eram comandadas por sub-oficiais. Comtudo, o Btl. estava relativamente fresco, porque só havia percorrido 5 km. a pé e tinha tido um longo repouso em VRÉLY. Enfim, era uma tropa de alto valor moral e que tinha sido já experimenterada.

Não insistirei a respeito da incerteza que reinava quanto á situação do inimigo e sobre a falta total de informações nesse sentido; abordo a execução do ataque.

O dispositivo adotado pelo Btl. é o seguinte: na testa, 2 Cias. desenvolvidas em atiradores e cobertas por patrulhas de esclarecedores a 150 ms. á frente; em 2.^o escalão, e a 200 ms. á retaguarda das Cias. de testa, 4 Cias. em 2 linhas, com a distancia de 50 ms. entre as 2 linhas; enfim, atrás da esquerda do dispositivo e a 50 ms. igualmente dessa esquerda, a Cia. de Mtr.

Esse dispositivo foi tomado ás 17 horas e 45', ao cair da noite; ele mantinha uma frente de cerca de 800 ms.

A partida se fez com precação, em silêncio; as patrulhas marcham por lanços... Nas proximidades da cota 101 uma delas se choça com um posto inimigo instalado numa moita, e o destróça. *Mas, os tiros de fuzil trocados provocam o desencadeamento do tiro em todo o resto da frente.* É, então, uma troca de fogos, ao acaso, resultado de um primeiro enervamento, que vai aumentando.

Passa-se, então, o fenomeno seguinte:

Sob o efeito da fuzilaria, as 2 Cias. de testa se detêm, quando, por uma voz de comando, partida não se sabe de onde, o grito de «em frente» é repetido ao longo da 2.^a linha; as Cias. de 2.^a linha se precipitam então, correndo, na direção de PARVILLIERS. Elas ultrapassam as Cias. de 1.^a linha e as arrastam, mesmo a da esquerda. «É um clamor espantoso, vociferações terrificantes», diz uma testemunha; essa «arrancada» para a frente chega a uma trincheira cavada mais ou menos a 250 metros, N.O. de PARVILLIERS, que os defensores apavorados tinham abandonado em desordem. Nesse momento uma ½ Bia. de 77 que se acha em pleno campo, 150 ms. á retaguarda da trincheira atira á «queima-roupa», sobre os caçadores. Passa-se então uma cena terrível: os projéts rebentam ao sair das peças entre jactos de chamas. A parte das nossas linhas que enfrenta as peças é abatida, mas a direita

não se detem, salta sobre a bateria e massacra os artilheiros. Retoma-se o movimento para PARVILLIERS, mas reina a desordem nas nossas linhas, é uma tropa em massa que se atira sobre a aldeia. Então, o inimigo se reanima; dos pomares que bordam a aldeia rompe a fuzilaria, enquanto uma metralhadora colocada na grande estrada 600 metros ao N. da aldeia ceifa o nosso flanco esquerdo.

Nossas tropas turbilhonam sob as balas; respondem ao acaso; atiram uns contra os outros; os chefes cáem.

A massa dos nossos caçadores oscila e finalmente reflui. Só alguns agrupamentos reunidos por graduados se mantêm na trincheira conquistada, mas ninguém está em ligação com êles, e todos ficam isolados lá até pela manhã (sua retirada não foi, aliás, inquietada).

Entrteanto, o comandante do Btl. tinha conseguido retomar a companhia da direita da primeira linha, a qual, por estar na mão de seu Comandante, não tinha seguido o movimento para a frente. Ele colocou-a em posição retraída, a cavalo sobre o eixo do movimento, a 600 metros da trincheira. Depois, ouvem-se toques de corneta, apitos, gritos e o Btl. é trazido para atrás de ROUVROY, aliás, sem que o inimigo o persiga.

As perdas são: 2 oficiais e 64 homens mortos, 3 oficiais e 233 homens feridos, — 9 desaparecidos.

Quanto ao ataque do 254º e ao ataque a QUESNOY, êles não foram mais bem sucedidos.

Quais são as razões desse revés? — o que acabamos de ver, quanto ao 2º B.C.P., basta para explicá-lo, e pôde-se aplicar ás outras unidades engajadas.

1º — a frente de ataque era um pouco grande para as duas companhias de 1º escalão. À noite, é preciso diminuir os intervalos e as distâncias para ter a tropa mais na mão e evitar a dispersão. Para as duas companhias, 500 metros era já um maxímo.

2º — a formação era defeituosa. Os homens das 2 companhias de 1ª linha não deveriam ter sido desenvolvidos inicialmente em atiradores. À noite não se ataca atirando; o fogo é cégo; não havia então necessidade alguma de se desenvolver numa formação, ao contrário, muito vulnerável aos fôgos do defensor. Esse desenvolvimento tornava difícil a execução do comando e se prestava mal á conservação da direção.

Teria sido preferível dispôr a tropa em pequenas colunas.

3º — A constituição do 2º escalão era má: foi um erro pôr 4 companhias em linha; essas Cias. não estavam na mão do Cmt. do Btl., donde, essa fuga para a frente que, em suma, fez perder-se tudo. Talvez tivesse sido melhor constituir 3 escalões de 2 companhias.

4º — A Cia. Mtr. estava inteiramente na cauda do dispositivo. Ela parece ter antes embaracado o Cmt. do Btl., que não deu instruções ao comandante dela (no começo da guerra não se estava ainda muito habituado com o emprego-tático dessa arma).

É verdade que o problema é delicado: como empregar as metralhadoras num combate ofensivo á noite?

Seu papel pôde consistir em «enjaular» o ataque, nos flancos e na frente, em fazer baragens com tiros indiretos, em garantir a proteção contra um retraimento eventual...

Em todo o caso, ha um plano de emprego delicado e justo a estabelecer.

5º — Segundo o relatorio do Cmt. do Btl., as patrulhas marcharam bem, por lanços, mas as Cias. não fizeram o mesmo. A marcha por lanços é, entretanto, uma precaução indispensável á noite, para garantir a possibilidade de pôr as unidades em ordem. Havia 2.700 ms. de ROUVROY a PARVILLIERS; teria sido necessário que o Cmt. do Btl. fixasse 2 ou 3 altos, sobretudo no caso atual, em que nenhum reconhecimento prévio tinha sido executado, nem existia qualquer informação precisa a respeito do terreno e do inimigo.

6º — O fogo provocado pelo incidente da cota 101 generalizou-se; — não se pôde impedir que as metralhadoras atirem (sobretudo para responder aos tiros do inimigo) mas uma tropa mais forte e bem enquadrada deve resistir ao contagio de atirar no escuro.

Em todo o caso, o inimigo foi alertado, e, como ainda se estava longe, a surpresa foi diminuída e o inimigo poude reanimar-se.

7º — A precipitação para a frente, então verificada, si permitiu a tomada momentanea da bateria alemã, foi nefasta, porque era um ataque partido de muito longe, que fatalmente se deslocou na escuridão e terminou em desordem. A tropa escapou ao comando.

Entretanto, pôde-se notar que a tomada da bateria, por um rebatimento á direita, foi bem conduzida.

8º — Emfim, houve ainda ruído na retirada, e os alemães tiveram uma bela ocasião para atirar na «massa».

Tais são as considerações principais que podem decorrer do exame rapido do combate de PARVILLIERS.

Vamos agora estudar uma outra ação noturna, conduzida esta pelos alemães, aliás anteriormente á de PARVILLIERS, mas que preferi expôr em 2.º lugar, porque é mais importante.

II

COMBATE DO BOSQUE «CHANEL»

(noite de 9/10 de Setembro de 1914)

Estamos a 7 de Setembro de 1914⁽¹⁾ no 3.º Exercito Francês, o qual se acha engajado de VERDUM a REVIGNY, face a N.O., em violentos combates contra o V Exercito Alemão (KRONPRINZ).

A 6 e 7 de Setembro a 40.ª Divisão desenvolveu uma ação ofensiva indecisa contra BULLAINVILLE, partindo da frente AMBLAINCOURT - DEUXNOUDS, retraindo-se depois para a retaguarda das tropas da 65.ª Divisão da Reserva.

O 155.º R.I. da 40.ª Divisão, que sofreu sensivelmente com esses combates encontra-se a 7 em COURCELLES. Pela manhã, ele recebe a ordem laconica de fazer avançar um Btl. para o bosque «CHANEL», afim de substituir os elementos do 311.º R.I. da 65.ª D.R. que ocupam esse bosque. Esse batalhão — o 2.º — depois de alguns incidentes devidos aos tiros de artilharia alemã que partiam da região de BULLAINVILLE, substitue o 311.º e a 8 de Setembro, ao alvorecer, toma o dispositivo seguinte:

- 5.ª Cia., no canto N.O. do bosque, atrás dos atérros da propria orla do bosque; ela está reforçada com uma seção de Metralhadoras (enviada pelo Coronel do Regimento) que bate a ponte da estrada de AMBLAINCOURT sobre o arroio.
- 6.ª Cia., na orla N., face SÉRAUCOURT;
- 7.ª e 8.ª Cias., em reserva na orla S. do bosque.

Em caso de ataque inimigo a 5.ª e 6.ª Cias. deviam manter-se firmes na orla N.; elas seriam apoiadas, em caso de necessidade, pelas 7.ª e 8.ª, que se transportariam, no todo ou em parte, para a orla.

Durante o dia, todas as Cias. ficaram ao abrigo das vistas, no interior do bosque.

À direita do II/155.º, unidades da 65.ª D. I. mantêm SÉRAUCOURT e o bosque BLANDIN.

À esquerda, na margem esquerda do AIRE se acham os 25.º, 26.º e 29.º B.C.P., na região de VAUX MARIE.

Nenhuma ligação existe entre esses Btl., e o II/155.º.

Este supõe a direita dos Caçadores á altura de BEAUSÉE. Na realidade, ha um afastamento de 2 kms.. Uma simples Secção do II/155.º é lançada para a ponte de ANGLE-COURT.

A tarde de 7 de Setembro, a jornada de 8 e a noite de 8 para 9 passaram-se, sem incidentes; o grosso da 40.ª Divisão ocupa os lugares que figuram no croquis junto. A A.D./40 acantona á noite em CHAUMONT S/AIRE e só um grupo do 55.º R.A.C. (da 65.ª D.R.) fica em posição á noite.

Na tarde de 9 verifica-se um certo numero de incidentes: — sâo, a principio, tiros de artilharia pesada alemã sobre VAUX MARIE, ANGLECOURT, bosque CHANNEL e sobre todas as unidades visíveis; sua ação parece ser de preparação de um ataque ulterior de Infantaria.

Cerca de 5 horas da tarde, uma patrulha do II/155.º, comandada por um sargento da 5.ª Cia., se choça em AMBLAINCOURT com uma patrulha alemã em que ha oficiais; a patrulha se apossa de 2 cavalos de oficiais, dos quais um, pelo equipamento, parece ser de um oficial sapador.

«Não se trata certamente de uma simples patrulha de contáto, pensa o comandante do II/155.º, é um reconhecimento de terreno, e particularmente, do arroio».

Enfim, a 65.ª D.R. assinala que se vêem numerosas patrulhas alemães se esgueirarem e se estabelecerem em face da 1.ª linha francesa, como para constituir uma mascara. O Cmt. do II/155.º acompanhado do capitão da 8.ª Cia., se dirige para a orla do bosque CHANNEL e verifica pessoalmente o fato.

De todos esses fatos, a conclusão é que é preciso esperar um ataque noturno. Indícios analogos são, aliás, observados na margem esquerda do AIRE diante dos B.C.P..

Essas observações foram comunicadas, por meio de parte, á retaguarda.

Que se passaria, de fato, do lado alemão? O historico de um Regimento WURTEMBERGEOIS nô-lo explica:

O KRONPRINZ, Comandante de V. Ex., ordenou *um forte ataque noturno sobre uma frente de 20 kms. para romper a posição francesa.*

(1) — Batalha do Marne.

Não examinaremos o dispositivo completo do ataque que, no espirito do KRONPRINZ, devia dar resultados decisivos. Saibamos unicamente que na região de que nos ocupamos, a 34.^a Divisão Alemã devia atacar como se segue:

— a 86.^a Bda. I., com dois pelotões de pioneiros por AMBLAINCOURT, o 30.^o R. I. á direita, o 173.^o á esquerda, enquadrado pelo 67.^o R. I. que atacava por DEUX NOUDS e uma Bda. do V.^o C. A. pela margem direita do AIRE, que atacava por BEAUSÉE. A artilharia da Divisão devia atuar por contra bateria.

A colocação da 86.^a Bda. no lugar escondido, terminou á meia noite de 9, debaixo de forte chuva.

O 30.^o R. I., que mais nos interessa, devia atacar com 2 Btis. na testa e um em reserva.

O II/30.^o (1.^a linha) devia progredir pelo S. de AMBLAINCOURT, ao longo da orla O. do bosque CHANEL, depois rebater-se para o sinal destruído do bosque LANDLUT, segundo a orla S. do bosque CHANEL.

O III/30.^o devia avançar ao longo da orla N. do bosque CHANEL e progredir igualmente para o sinal destruído.

O I/30.^o (reserva) devia seguir atrás do centro (indicação muito vaga á vista da missão dos 2 Btis. de 1.^a linha. Esse Btl. deveria atravessar o bosque CHANEL?).

As armas não deviam ser carregadas. O ataque seria conduzido com violencia mas em completo silencio. A progressão das unidades devia fazer-se com bastante ordem, sob a proteção de uma densa cortina de atiradores.

Notemos que não se trata aí de reconhecimentos prévios.

Em frente, nosso II/155.^o enfraquecido pelos combates anteriores, encharcado ainda até os ossos, em linha desde 7, privado de reabastecimento e tendo devorado seus viveres de reserva, esperava o ataque.

As 5.^a e 8.^a Cias. estão desenvolvidas no centro N.O. do Bosque e mais a O., na linha A B, com sentinelas no arroio; a 6.^a Cia., que recebera ordem de deixar apenas uma seção face a SÉRAUCOURT, foi levada como reserva para o bosque com a 7.^a.

Cerca de meia noite alguns tiros ecôam para os lados de AMBLAINCOURT, provavelmente entre nossas patrulhas e as unidades alemãs. Imediatamente, a 5.^a Cia. e sua seção de Mtrs. abrem fogo violento. Dentro em pouco, não se sabe como, AMBLAINCOURT e a crista que domina o arroio se cobrem de clarões de incêndios.

O Cmt. do Btl. se transporta para C, seguido pela 7.^a Cia. (vêr croquis); de lá ele vê, graças ao incêndio uma unidade alemã deitada em N, atrás de uma dobraria do terreno, trocando com a 5.^a Cia. um fogo infernal. Um homem, comandante ou não, dessa unidade, tenta em vão atirá-la num lança sobre a 5.^a: ele é morto. O Cmt. do Btl. fica tranquilo desse lado, não sem o receio de ver seus homens queimarem rapidamente a munição; ele procura moderar o tiro. Depois, sob uma chuva de balas, ele se dirige para a 8.^a para vêr o que se passa: essa Cia., sob a pressão dos alemães se tinha retraído para B-A'; percebem-se fortes colunas alemãs avançarem entre o AIRE e a estrada. O Cmt. do Btl. dá ordem á 8.^a de se manter em B-A'. Mas, nesse momento, uma coluna alemã penetrará entre essa linha e o Bosque. Foi então uma luta selvagem: o fogo foi substituído pela matança á baioneta e a couces darmas. O Cmt. tenta fazer a 7.^a desembocar de uma coberta, sob o fogo... á noite é impossível (o chefe não tem nenhuma ação sobre os homens ocultos pela escuridão), e é, desde logo, o desbordamento da esquerda. O Cmt. sente que é preciso ir se embora; ele julga já ter cumprido sua tarefa.

O grosso da Divisão foi, sem dúvida, alertado, e deve ter tido o tempo necessário para tomar suas disposições. O Btl. reflui como pôde, pela clareira C D E, sem ser felizmente, inquietado, e desemboca do bosque face á orla S. O. do bosque LANDLUT.

Tal é o 1.^o ato do combate.

O grosso da 79.^a Bda. e a 80.^a estão na frente: COURCELLES-BOIS LANDLUT; mas existem, entre as unidades, intervalos que, embora bem batidos pelos fogos durante o dia, são muito vastos para a noite. Certas unidades conservaram á noite, o mesmo dispositivo que tinham tomado de dia e ha falta de ligação entre elas.

Quando o II/155.^o se apresenta, é inicialmente recebido a tiros de fuzil; entretanto, ele se faz reconhecer, mas, em breve, á noite e sob a chuva que cai, os alemães se apresentam; trava-se, então um combate extremamente confuso, os intervalos entre as unidades francesas são logo invadidos e os alemães conseguem penetrar até ás baterias do 55.^o. Os serventes lançam mão da metralha e se fazem matar sobre as peças... Entretanto, do lado dos alemães, é a desordem, a confusão, uma mistura de unidades extremas... Por isso, quando souu a carga francesa, lançando um contra ataque, a bateria foi retomada.

Nesse momento, as unidades alemães e francesas acham-se completamente misturadas e o combate extremamente confuso, cessa por volta de 9 horas da manhã.

Que se tinha passado do lado alemão?

Desde que os primeiros elementos do 30.^o Btl. chegaram perto de AMBLAINCOURT, receberam (segundo suas declarações) tiros de fuzil de nossas patrulhas; um incêndio os iluminava. Desde esse momento começou a desordem em suas linhas; a princípio, o 173.^o se dirigiu obliquamente para o S. de AMBLAINCOURT e se mistura com o 30.^o; depois, as tropas esbarraram nas sébes e cercas; experimentaram grandes dificuldades na transposição do arroio, sob o fogo. Elas ficam expostas à plena claridade, ao passo que reina inteira obscuridade no bosque CHANEL.

Por fim, todos esquecem a proibição de atirar... a desordem começa. Esta se acentua no combate do bosque CHANEL; não só o 30.^o e o 173.^o R. I. estão misturados, como outros regimentos das Divisões vizinhas se mantêm no meio dêles, e entre o bosque CHANEL e a 2.^a linha francesa, são grupos compostos de elementos diversos, reunidos como pôdem, que continuam o combate. É por essa razão que na manhã de 10 esse combate cessa por si e acaba numa desordem completa.

Os alemães, que tinham reunido efetivos consideráveis, não tinham alcançado o resultado visado por êles, isto é, a ruptura.

Suas perdas não são exatamente conhecidas; mas foram sensíveis. Do lado francês, foram, no II/155.^o, as seguintes: 2 oficiais mortos, 3 feridos e 1 desaparecido; 226 homens mortos ou desaparecidos e 209 feridos.

Vejamos agora os principais ensinamentos que se podem tirar desses fatos.

Do lado alemão, o fracasso, segundo a própria confissão, deve-se às razões seguintes:

- 1.^o — suas tropas foram prevenidas muito tarde e não dispuseram de tempo para reconhecer previamente, e de dia, o terreno do ataque;
- 2.^o — a colocação das tropas nos seus lugares, para o ataque, foi defeituosa.

Foi assim que, na 86.^a Bda., o 173.^o R. I. não havia sido colocado frente à sua direção de ataque, isto é, face a S.E. Seria já uma falta num combate de dia. Por esse motivo, êsse Btl. marchou para o S. e misturou-se com o 30.^o R. I.

3.^o — Não se dispunha de bussola para garantir e manter as direções.

A essas constatações, adjuntaremos que o papel da Artilharia foi pouco mais ou menos nulo (dos dois lados, aliás). Não houve enjaulamento do ataque nem tiros sistemáticos...

Como observação geral, parece finalmente, que teria sido vantajoso, para os alemães, limitarem-se, à noite, à tomada e ocupação do Bosque CHANEL e dos bosques vizinhos, para aí constituirem uma base de partida, donde, com tropas frescas, teriam atacado, de dia, a posição principal francesa. À noite, é preciso ter objetivos limitados, e de dia explorar os objetivos conquistados durante a noite.

Si agora nos voltarmos para o lado francês, a primeira lacuna que constatamos, foi a falta de ligação entre a 40.^a Divisão e as tropas da margem esquerda do AIRE.

Houve, em seguida, uma falta de prescrições nítidas sobre a conduita a manter: a missão dos Postos Avançados, no caso a do 2.^o Btl. do 155.^o, não fôra definida. Esse Btl. devia resistir a todo o custo? retraír-se à Ordem do Comando superior? retraír-se por sua própria iniciativa, no momento julgado oportuno por seu comandante? Nenhuma indicação precisa lhe fôra dada; nenhum sinal de reconhecimento fôra combinado, para evitar equívocos, no caso dêle retraír-se.

Falta, talvez, de indicação quanto à resistência a oferecer ao inimigo: o terreno e os bosques não foram organizados, o renúnciamento não foi aumentado.

Havia muita gente no bosque CHANEL. Não se desemboca de um bosque; a 7.^a Cia. teria sido colocada, mais utilmente, com a 8.^a entre o bosque e o AIRE.

Hoje, estabelecer-se-iam pontos de apoio de Cia. bem providos de munições, com defesas acessórias, em pontos bem escolhidos, entre o bosque e o AIRE, no canto N.O. do bosque, etc., etc. As imediações desses pontos de apoio seriam batidas por fôgos de artilharia.

A importância do fogo de infantaria diminuiu consideravelmente à noite. As 5.^a e 8.^a Cias. e a Seção de Mtr., consumiram cerca de 40.000 cartuchos para abaterem cerca de 300 a 400 alemães, e isto a uma distância de tiro que não excedeu de 100 metros. O tiro à noite não é dirigido nem ajustado; só os tiros amarrados (repérés) podem ser eficazes (tiros de metralhadoras); um sistema de fôgos para a noite deve ser estabelecido durante o dia.

Enfim, é preciso que a linha de fôgos seja de uma continuidade rigorosa em largura, e isto muito mais à noite que de dia.

Funcionamento de uma 2.^a Secção de Corpo de Exercito

**O problema da procura das informações durante o periodo de cobertura
(Caso concreto)**

Pelo Ten. Cel. Carpentier
Da M. M. F.

Tradução do Cap. Décio Escobar

(Continuação do n.º 236)

Durante essas jornadas, aos Generais Comandantes de Divisão compete a procura das informações, catando-as na fonte, lançando para a frente um ou 2 oficiais de sua 2.^a Secção, si esta fôr suficientemente provida, em direção aos pontos de passagem do Nahe em que a circulação autoriza a que se espere um rendimento particularmente interessante.

Seria o caso de Kreuznach para a 37.^a D. I.,
de Staudernheim, Odernheim e Kirn para a 37.^a D. I.

A mesma necessidade se impõe para a 2.^a Secção do C. Ex. que destacará, si fôr preciso, um oficial idoneo para Wellertheim, um outro para Obermoschel, podendo mesmo lançar um até Kreuznach.

Será uma questão de espécie, a regular no momento oportuno.

**

A 4 de Setembro, pela manhã, o Gen. Cmt. do 30.^o C. Ex. recebe a ordem de operações do Cmt. do I Ex. Azul, estabelecida na previsão da travessia da fronteira a 5 de Setembro.

Quanto à Artilharia, foi uma falta ter deixado a A. D. / 40 no acantonamento, quando se estava na expectativa de um ataque. O grupo de 55.^o estava, aliás, em posição, mas não tinha recebido missão especial alguma para a noite. Sem dúvida, atualmente (e mesmo durante a guerra, depois de 1914) as baterias teriam ocupado posição com missões definidas: barragens, tiros de interdição, em pontos de passagem obrigados, etc....).

Não insistirei mais nessas observações.

As duas operações que acabamos de estudar me parecem bem «frizantes» e, por isso, dispensam outras considerações a respeito dos combates á noite. Os ensinamentos imediatos que delas tiramos bastam para caracterizar o fim,

Ao mesmo tempo chegam-lhe ás mãos o «boletim de informações sobre o inimigo» e o «plano de busca», anexos, do I Exercito Azul.

I Ex. Azul	Q.G. em... 4 de
E. M.	Set. ^o , ás 10 hs.
2. ^a Sec.	

Boletim de Informações n.º 1

O presente boletim resume todas as informações obtidas até a data de 3 de Setembro, ás 22 hs.

I — *Fisionomia do periodo findo.*

Até 3 de Setembro, inclusive, o inimigo limitou-se a vigiar a fronteira por meio de destacamentos de polícia bem armados e providos de metralhadoras.

As primeiras reuniões de forças vermelhas importantes foram assinaladas no vale do Moselle e do Lahn.

II — *Dispositivo e ordem de batalha do inimigo.*

Informações de fonte especial assinalam movimentos de tropas inimigas, que não puderam ser precisados, na margem

a natureza e a conduta desses combates. Abster-me-ei, pois, de quaisquer desenvolvimentos puramente didáticos a esse respeito; como conclusão, lembrei, apenas, as prescrições dos regulamentos, principalmente o de Serviço em Campanha e o de Infantaria.

Terminando, afirmarei, entretanto, a utilidade dos combates á noite, com objetivos limitados, quando bem conhecidos, meticulosamente preparados e conscientiosamente executados. Tal execução exige, dos quadros e da tropa, uma instrução técnica particularmente cuidada e a formação de um moral capaz de ser posto á prova. São condições indispensáveis á aquisição do sangue frio e do domínio de si próprio, capazes de suplantar todas as angustias que assaltam o homem nesse desconhecido que é a noite.

esquerda do Rheno, entre este rio e o Moselle, na região S.O. de Boppard e na região de Daun.

Até 4 de Setembro, nenhuma identificação poude ser feita.

III — Aviação inimiga.

Ainda não vôou sobre a fronteira. Pouca atividade aparente no terreno inimigo de Andernach.

IV — Atividade na zona de retaguarda

Operam-se desembarques na região de Coblença e de Andernach. Assinala-se na manhã de 3 circulação regularmente intensa na região de Mayence.

V — Postos radios.

Uma estação poderosa, cuja localização conseguimos determinar a 1.º de Setembro, continua a funcionar em Coblença. Nenhum posto, com as características conhecidas da telegrafia militar vermelha, foi ouvido.

VI — Conclusão.

O inimigo parece grupar ao S. do Moselle tropas pertencentes provavelmente á sua cobertura.

Gen. X
Cmt. I Ex. Azul.
P.O., o Chefe do E.M.

I Ex. Azul	Q.G. em... 4 de
E. M.	Set.o, ás 10 hs.
2 ^a e 3 ^a Secções.	

Plano de busca de informações.

I — Aplica-se o presente plano á procura das informações que permitirão:

- avaliar a importancia e precisar a composição das forças inimigas assinaladas no vale do Moselle;
- localizar essas forças, especialmente na região S.O. de Boppard e na região de Daun;
- determinar as intenções do inimigo que pôde:

- ou intervir com o grosso de suas forças de cobertura ao S. do Moselle, em direção a Soonwald e Bingerwald;

- ou organizar-se defensivamente no Moselle, limitando-se a vigiar as saídas das orlas septentrionais de Soonwald e Bingerwald.

- obter todas as indicações uteis a respeito das facilidades de percurso da zona arborizada de Soonwald - Idarwald;
- revelar-nos os trabalhos defensivos que por acaso haja o inimigo empreendido em ambas as margens do Moselle para interdizer-lhe a transposição;
- conhecer a composição e o destino dos elementos que desembarquem em Andernach e Coblença;
- estimar as possibilidades da aviação inimiga.

II — As missões particulares de cada um dos órgãos de procura, são as seguintes:

A) — *Serviços especiais* (a titulo de lembrete)..

B) — Aviação.

O limite entre as zonas de ação das aviações de Ex. e de C.Ex. é balizado pela linha Oberwesel, Simmern, Sohren. Esforço principal da aviação de Ex., em...

C) — *Divisões de cobertura.*

Além das investigações a que deverão proceder em função de suas necessidades proprias, as tropas de cobertura ministrarão as informações que se seguem:

- Indicações pormenorizadas da ordem de batalha das tropas cujo contâto houver sido tomado no decorrer da progressão;
- movimentos de tropas inimigas em sua zona de ação;
- indicações concernentes ao armamento (infantaria, artilharia, carros, engenhos de defesa contra os carros); boatos ou noticias que circulam entre as tropas inimigas;
- localização dos P.C.; organizações defensivas do inimigo em sua zona.

A atividade das divisões em suas respectivas zonas de ação deverá ser de mólde a que nenhum reforço do inimigo possa passar-lhes desapercebido.

D) — *S.I.A.*

Manter-se á pronto para entrar em ação, afim de determinar a importancia

da artilharia empenhada pelo inimigo, sua atividade, seus calibres, suas posições.

E) — Transmissões.

As escutas radios entrarão em ação o mais cedo possível para captar as comunicações inimigas.

III — Transmissão das informações.

a) — Partes periodicas.

Os C. Ex. enviarão ao E.M., 2.^a Secção, do I Ex. as seguintes partes:

1.^o Telefonicas:

— ás 8 hs. com as informações da noite;
— ás 19 hs. com as informações da jornada.

2.^o Escritas — todos os dias ás 20 hs.

b) — Todas as informações importantes concernentes á ordem de batalha deverão constituir objeto de partes especiais transmitidas pelos meios mais rápidos.

Gen. Cmt. I Ex. Azul
P.O Chefe do E.M.

**

Ás 17 hs. do dia 4 de Setembro o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. é avisado de que as hostilidades começarão a 5 de Setembro, a 0 (zero) hora, e de que as tropas do C.Ex. deverão transpôr a fronteira desde o alvorecer.

Essas ordens de operações não encontram desprevenido o Chefe da 2.^a Sec. do 30.^o C.Ex., que se mantinha em ligação com o Chefe da 2.^a Sec. do I Ex. O plano de procura que acaba de chegar ás suas mãos não é mais do que a confirmação de conversas em que o Chefe da 2.^a Sec. do Ex. lhe indicará a tarefa do C.Ex. na procura das informações.

Além disso, ele vive em intima comunhão de idéias com o Chefe da 3.^a Sec. do C.Ex., com quem muitas vezes trabalhára em tempo de paz. Nestas condições, conhece, antes mesmo da redação da ordem de operações do C.Ex., a missão dessa Grande Unidade e a maneira por que o general pretende realizá-la.

Tem, pois, em mãos todos os elementos necessários á elaboração do plano de procura do C.Ex., relativo ao período de operações que se iniciará a 5.

A 4 de Setembro pela manhã, o Chefe da 2.^a Secção do E.M. do 30.^o C.Ex. recebeu da Chefia do E.M. do 30.^o C.Ex. o seguinte «Plano de Informações».

PLANO DE INFORMAÇÃO N.^o 2 (Valido a partir do dia 5 ás 0 hs.)

I — Missão do 30.^o C.Ex.

Transpôr a fronteira, na madrugada de 5 de Setembro, e dirigir-se para a região ao N. de Soonwald, afim de apossear-se das saídas do massiço arborizado.

II — Idéa de manobra do Gen. Cmt. do C. Ex.

a) — Lançar, desde o dia 5 de Setembro, para a orla N. do massiço arborizado destacamentos ligeiros, comprendendo cada qual:

i grupo de reconhecimento,
i batalhão de infantaria transportado em caminhões,

i fração de artilharia transportada, e atuando respectivamente segundo os eixos:

Bingen-Stromberg-Rheinböllen;
Kreuznach-Argenschwang-Argenthal;
Aberta entre Soonwald e Idarwald.

b) — Encaminhar o grosso, desde 5 de Setembro, para bem perto da orla S. do massiço arborizado, pronto a varar a floresta a 6 de Setembro.

37.^a D.I. para o planalto Waldalgesheim-Dörrebach;

137 D.I. para a região Kellenbach-Hennweiler.

ZONA DE AÇÃO DAS D.I.: — sem alteração.

III — Informações necessárias ao Comando:

Segundo as informações obtidas até 3, inclusive, o inimigo só disporia de fracos elementos no Nahe, tendo sido assinaladas na região de Boppard as reuniões das forças mais avançadas.

Na jornada de 4 e noite de 5, ele poderia ter levado as suas tropas, sinão para as garupas de Bingerwald e Soonwald, em que se organizaria, pelo menos até ás orlas septentrionais dos bosques.

Deseja, então, o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex., a partir da manhã de 5:

a) — saber si o inimigo mantém as garupas de Bingerwald e de Soonwald ou suas saídas do N.; o grau de adiantamento das organizações empreendidas;

b) — ter indicações sobre a importância das tropas que se lhe opõem bem como sobre a respectiva ordem de batalha;

c) — conhecer o estado das tropas que atravessam Bingerwald e Soonwald e as destruições efetuadas pelo inimigo.

**

Em seu plano de busca, o Ex. manifestou o desejo de procurar informações até as margens do Moselle e além (região de Daun).

Nestas condições, deve o Chefe da 2.^a Secção do C.Ex. proceder a investigações nesses mesmos objetivos? Evidentemente não!

Mas, que limite em profundidade irá ele escolher então?

Trata-se, com efeito, de vêr com exatidão; de compôr; de agulhar com precisão os orgãos de procura para objetivos definidos, sem manejá-los, e sem lhes indicar objetivos que corram o risco de só poderem ser atingidos ao cabo de varias jornadas de combate e sobre os quais, além disso, teremos tempo de sobejo para dirigir a atividade dos ditos orgãos.

Mas o Chefe da 2.^a Secção do C.Ex. possue uma primeira indicação, muito preciosa aliás.

Em seu plano de procura diz o Ex.:

Tomo a meu cargo a procura das informações, por meio da aviação, na região que se estende além da estrada *Oberwesel, Simmern, Buchenbeuren*.

Por outro lado, em seu plano de informações o Gen. Cmt. do 30.^º C.Ex. pediu apenas as relativas á zona arborizada e suas saídas do N.

Finalmente, admitindo-se a realização integral das previsões do Gen. Cmt. do 30.^º C.Ex., tais como ressaltam da ordem para a jornada de 5 de Setembro, serão precisos dous dias no minimo para atingir-se a estrada Oberwesel-Simmern, o que já representará em linha reta, uma progressão de 30 kms., entre Kreuznach e Simmern, em cujo percurso se encontra um massiço arborizado difícil, onde o inimigo poderá ter praticado destruições.

Todas as considerações acima expendidas levam o Chefe da 2.^a Secção do

C.Ex. a fixar como limite, para o plano de procura que terá de redigir, a estrada *Oberwesel - Simmern - Buchenbeuren*.

Não sofreram alteração os órgãos de procura postos á sua disposição, mas agora poderá tirar da aviação todo o rendimento de que ela é capáz.

Em sua instrução particular á Aeronautica, a 3.^a Secção do C.Ex. reservou quatro saídas para a procura das informações.

Poderá a 2.^a Secção já na tarde de 4 determinar as missões a executar nessas 4 saídas? Evidentemente não!

Indicará apenas a missão da aviação que alçará o vôo ao despontar do dia. Quanto ás que devem ser atribuidas ás outras saídas, serão fixadas no decorrer da ação, de acordo com o seu desenvolvimento e as informações colhidas na primeira missão.

Por fim, no dia 4 de Setembro ás 15 hs., o Chefe da 2.^a Secção submete á assinatura do Chefe do E.M. o «Plano de Busca» seguinte:

Kirchimbolanden, 4 de Setembro, ás 15 hs.

30.^º C. de E.

E. M.

2.^a Secção.

PLANO DE BUSCA N.^º 2

(a partir de 15 de Set. a zero horas)

I — Aeronautica.

A) — Ao despontar do dia:

Procurar os grupamentos de forças inimigas ao Sul da estrada, inclusive:

Oberwesel, Kisselbach, Simmern, Söhren.

Importancia, composição e localização destas forças.

Comprimento e sentido da marcha das colunas.

Vigiar especialmente os entroncamentos de Bacharach, Rheinböllen, Simmern, Kirchberg, Buchenbeuren e os itinerarios através dos massiços arborizados de Bingerwald, Soonwald, Lutzelssoon.

Indícios de destruições preparadas ou executadas nos itinerarios acima e, especialmente, naqueles que as 37.^a D.I. e 137^a D.I. esperam utilizar (a indicar diretamente, segundo a urgencia, pelas D.I.

ao Serviço de Informações da Aeronáutica do Corpo de Exército).

Indícios de organizações inimigas na orla N. do massiço arborizado de Soonwald e Bingerwald e no interior desse massiço.

B — Até o fim do dia:

2 reconhecimentos:

Missões e hora — fixadas oportunamente.

As informações obtidas serão transmitidas:

- imediatamente, por meio de mensagens lastradas, aos Comandantes de coluna interessados;
- em fim de missão, por meio de mensagens lastradas ainda, aos P.C. das 37^a e 137^a D.I.; após a aterragem, por meio de telefonema, ao P.C. do 30.^o C.Ex.

II — TROPAS

Seguem-se as informações que as tropas deverão procurar obter no decurso da progressão:

- ordem de batalha do inimigo;
- indicações relativas ao armamento (infantaria, artilharia, carros, engenhos de defesa contra os carros);
- indicações a respeito das destruições efetuadas pelo inimigo nos itinerários que varam as florestas de SoonWald e BingerWald; locais exatos, especie de destruições (ex.: em um povoado, em aterro, em corte), informações estas que devem ser transmitidas sem delongas ao Cmt. da Engenharia da coluna;
- organizações defensivas do inimigo;
- locais dos P.C.;
- atitude das populações.

III — S.I.A. (artilharia)

Manter-se-á pronto a entrar em ação para determinar a importância da artilharia empenhada pelo inimigo, a sua atividade, o seu calibre, as suas posições.

IV — ESCUTAS.

Os postos C do C.Ex. e das D.I. entrarão em ação, logo que fôr possível, para captar as comunicações inimigas.

V — TRANSMISSÃO DAS INFORMAÇÕES.

As D.I. enviarão á 2.^a Secção do C.Ex. as partes seguintes:

1.^o telefónicas:

— ás 7 hs., para as informações da noite e ás 18 hs., para as informações da jornada.

2.^o escritas:

— todos os dias ás 19 hs., para os acontecimentos ocorridos entre 12 e 18 horas.

Todas as informações importantes concernentes á marcha das operações e á ordem de batalha deverão constituir objeto de partes especiais, transmitidas pelos meios mais rápidos.

o Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex.
P.O. o Chefe do E.M.

**

Realizaram-se as previsões do Gen. Cmt. do 30.^o C.Ex. Sómente a 7 atingiram nossas tropas a estrada Oberwesel Simmern, Buchenbeuren.

Os planos de informações e de procura estabelecidos a 4 continuaram em vigor, ajustando-se perfeitamente á situação, salvo na jornada de 7, em que a zona atribuída á aviação do C.Ex. foi estendida até á estrada St Goar, Gödenroth, Kastellaun, Büchenbeuren, Kappel.

Esta zona parece pouco profunda, ficando em sua parte central a 12 kms. no maximo da estrada Oberwesel, Simmern, Büchenbeuren.

¿ Teria sido possível atribuir desde o dia 7 á aviação de informações, uma zona de investigações mais profunda?

Por exemplo, até o Moselle, o que representaria 30 kms. de profundida, entre Simmern e Treis, que tantos foram os da zona atribuída á aviação no plano de procura de 4 de Setembro?

Mas, as circunstâncias agora são muito diversas.

A 4 de Setembro, estávamos nas vésperas da rutura das hostilidades. Nada sabíamos sobre o inimigo. Era preciso, pois, ver além da máscara constituída pelas florestas de Bingerwald, Soonwald e Idarwald.

Para a aviação do C.Ex. eram da maxima urgencia as missões de procura. E tanto assim que em sua instrução á Aeronautica, o Gen. Cmt. do Ex., repartindo as saídas, atribuiu:

á procura de informações — 4 saídas;
ao trabalho em ligação com a 37.^a D.I. — 4 saídas;
ao trabalho em ligação com a 137^a D.I. — 3 saídas;

e, portanto, mais de um terço das saídas em proveito da procura de informações.

Empenhamo-nos na batalha a 7 e 8 de Setembro.

Dura é a luta, difícil a região. O inimigo reage vigorosamente.

Assim, pois, si desde o dia 7 o Gen. Cmt. do Ex. tem em mente os preparativos da passagem do Moselle, outro tanto não sucede ao Gen. Cmt. do 30.^º C.Ex. que vive a batalha em curso e tem toda a sua atenção voltada para a procura das informações que apresentem um interesse imediato para si, como a descoberta dos agrupamentos de forças inimigas que podem intervir na batalha.

A sua aviação não foi aumentada. Ao contrario, diminuiu em consequencia das perdas. As missões de ligação em proveito das D.I., o trabalho em beneficio da A.P. C.Ex. tornaram-se de maxima urgencia, e, no entanto, agora o Comando só dispõe de 1/4 das saídas que lhe foram reservadas para a procura de informações.

Tais foram as considerações que condicionaram a determinação do limite em profundidade da zona de procura da aviação do C.Ex. no dia 7 de Setembro.

**

Na tarde de 8, o 30.^º C.Ex. atingiu com os seus elementos avançados a grande estrada Büchenbeuren, Belg, Kappel, Kastellaun, Gödenroth, Pfalzfeld.

Á sua esquerda, o 31.^º C.Ex. atingiu com as vanguardas a estrada: Büchenbeuren, Morbach, Thalfang.

Á direita, o II Ex. progrediu até a linha St Goarhausen, Katzenenbogen.

Acham-se fatigadas as tropas das 37.^a e 137.^a D.I. que, aliás, não sofreram perdas de vulto.

O Gen. Cmt. do I Ex. Azul decide: — aproveitar o bom exito alcançado, levando as forças de cobertura para o N. do Moselle, afim de assegurar as passagens desse rio, perturbar a concentração das forças vermelhas e efectuar mais ao N. os desembarques dos grossos azues mobilizados.

A 4.^a D.C. éposta ás ordens do Cmt. do 30.^º C.Ex.

As informações conhecidas sobre o inimigo, nas datas de 8 e 9, são dadas pelos seguintes boletins de informações do I Ex.

I Ex.

Estado Maior 8 de Setembro, ás 20 hs.
2.^a Sec.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES N.^º 10 (Informações obtidas na jornada de 8)

I — Fisionomia Geral da jornada de 8.

Continuamos a avançar em toda a frente, a despeito da resistencia inimiga. Esforçaram-se os vermelhos por conter a nossa progressão para o Moselle, conseguindo apenas retardá-la.

Interrompeu-se o combate á noite em cujo transcurso o contáto foi mantido sem que de parte a parte tivessem sido feitas tentativas de golpes de mão. Á retaguarda da frente, notou-se considerável recrudescimento de atividade, ao N. do Moselle.

II — Ordem de batalha do inimigo.

Nenhuma unidade nova apareceu na frente do Hunrück. Confirmaram-se todas as indicações das jornadas precedentes. Desde 5 de Setembro a luta tem sido sustentada exclusivamente pela 38.^a D.I. inimiga. Foram empenhadas todas as suas unidades e a sua ordem de batalha não variou após o boletim ultimo.

Parece que o inimigo sofreu perdas consideraveis.

Prisioneiros declararam que em certos batalhões as perdas atingiram a 50% do efetivo.

III — Aviação inimiga.

Muito ativa na região de Simmern. O Campo de Wackernheim foi bombardeado durante a noite passada.

D.C.A. inimiga ativa no Moselle, especialmente entre Coblença e Güls e na região Polch-Münsstermaifeld.

IV — Atividade na zona de retaguarda.

Circulação intensa na via-férrea Brohl-Coblença e nas estradas que descem do Eifel para Polch. Foram assinalados no decorrer da noite passada numerosos acantonamentos e bivaques na região Polch, Mertloch Maunheim. Organizações ainda muito descontínuas balisam o rebordo S. dos planaltos da margem esquerda do Moselle. As mais importantes parecem ser as das garupas 274 e 290 ao N. e ao O. de Treis, e as do planalto 260-245-223 entre Lehmen e Löf. Alguns trabalhos esboçados ao S. do Moselle (orla S. de Lieg-Machen Morshausen. De fonte especial sabe-se que o inimigo emprega nesses trabalhos mão de obra civil, ativando-os bastante, particularmente ao N. do Moselle.

V — Postos radios.

O posto de Coblença mantém-se em intensa atividade. Hontem pela manhã revelou-se um posto em Strimmig, um outro em Gondershausen.

Esta noite um posto fez chamadas de Polch ou de Mayen.

VI — Conclusão.

A chegada de tropas procedentes do N. e do O. e a atividade dos trabalhos e da circulação ao N. do Moselle parecem indicar que o inimigo vai concentrar todos os seus esforços na defesa deste rio. Nesta eventualidade os trabalhos esboçados no Moselle balisariam uma posição destinada a retardar nosso avanço e a ganhar o tempo necessário para preparar a defesa na margem N.

I Ex.

Estado Maior 9 de Setembro, às 18 hs.
2.^a Sec.

BOLETIM DE INFORMAÇÕES N.^o 11 (Informações colhidas na jornada de 9)

I — Situação Geral do inimigo.

Em seguida aos combates da jornada de 8 e da manhã de 9, o inimigo recuou para a região a N.O. da linha

geral: St Goar, Pfalzfeld, Gödenroth, Kastellaun, Kappel, Büchenbeuren, Morbach.

II — Ordem de batalha.

Na manhã de 9 foram identificados elementos do 19º de Dragões, 14º de Caçadores e ciclistas do 14º B. C. A. (47 D.I.)

III — Postos radios.

Um posto radio revelou-se na tarde de 8 em Münstermaifeld. Troca intensa de comunicações entre este posto e o de Coblença, na noite de 8 para 9.

IV — Conclusão.

Do conjunto das informações de contato parece que o inimigo deixou ao S. do Moselle apenas ligeiros elementos (cabalaria, ciclistas, metralhadores).

O Gen Cmt. do I Ex.
P.O. — Chefe de E.M.

A 9 de Setembro, após o recebimento da ordem geral de operações do Cmt. do I Ex., expéde o Gen. Cmt. do 30º C.Ex. a ordem de operações para a jornada de 10 de Setembro, da qual se segue um extrato:

30º C.Ex.

Estado Maior 9 de Setembro, às 12 hs.
3.^a Sec.

Carta na esc. de
1/50.000

ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES (para a jornada de 10 de Setembro)

I — Situação geral e informações sobre o inimigo.

Vêr boletins de informações n.^o 10 e 11 do I Ex.

II — Missão do 30º C.Ex.

O 30º C.Ex., compreendendo as 37.^a e 137.^a D.I. e reforçado pela 4.^a D.C., tem como objetivo geral o planalto ao Sul de Polch onde se estabelecerá em condições de poder atuar contra quaisquer forças vermelhas que desembocuem do vale do Rheno ou da região de Adenau.

O 31º C.Ex., à esquerda, tem como objetivo geral o planalto de Lutzerath.

III — Zona de ação do C.Ex., limitada:

a L.: pelo vale do Rheno (exclusive);
a O.: pela linha Sohren, Cochem, Mutterbach, Adenau (as localidades, inc., para o 30.º C.Ex.).

IV — Idéa de manobra.

Repelir desde as primeiras horas do dia 10 os elementos inimigos que permanecem na margem esquerda do Moselle e, si possível, tomar pósse dos pontos de passagens deste rio, da ponte de Treis (inc.) á barca de Brodenbach (inc.)

Para isso, esforço principal:

- de um lado, na direção de Treis (4.ª D.C.);
- de outro, na direção geral de Pfalzfeld, Liesenfeld, Brodenbach (47.ª D.I.);
- cobertura na região Pfaffendeck (5 kms. O. de Boppard), na direção de Coblença;
- no centro, a 137.ª D.I. na região de Beltheim-Godenroth manter-se-á pronta: quer a apoiar a 4.ª D.C. em Treis, si a ponte de Treis estiver intacta; quer a empenhar-se entre a 4.ª D.C. e a 37.ª D.I., por Dommershausen, Macken, Burgen, em vista de uma passagem a viva força do Moselle.

A 137.ª D.I. não ultrapassará sem novas ordens o nó de estradas de Beltheim.

V — Limites das zonas de ação das D.I.

Entre a 37.ª D.I. e a 137.ª D.I.:

- linha Braunshorn, Frankweiler, Sevenich (para a 37.ª D.I., ravina do Beybach para a 137.ª D.I.)
- Entre a 137.ª D.I. e a 4.ª D.C.:
- linha Roth, Sabershausen, Lutz, Müden.

**

Como se apresenta a 9 o problema da busca das informações?

Sabemos que o plano de informações é a resultante lógica:

- 1.º — das informações conhecidas sobre o inimigo nessa data;

- 2.º — da missão do C.Ex.;
- 3.º — da idéa de manobra do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.
- 4.º — da tarefa atribuída ao 30.º C.Ex. na procura das informações pelo plano de procura do I Exercito Azul datado de 8 de Setembro de 1927, ás 23 hs., o qual assim se exprime:

A) — Aviação

Límite entre a Aviação do Ex. e a dos C.Ex.

— a estrada Coblença, Polch, Kaisersech. A Aviação do Exercito...

B) — Corpos de Exercito e 4.ª D.C.:

Os C.Ex. e a 4.ª D.C. se empenharão:

- em precisar a ordem de batalha inimiga;
- em assinalar o aparecimento de grandes unidades novas.

Já o vimos, o plano de informações é um documento de Comando que sai com a assinatura do General.

Para representarmos a gestação lógica, quasi matemática, que se opõe em seu espírito, ou no do Chefe da 2.ª Secção que lhe expõe os seus prognósticos, tentemos, no caso concreto considerado, reunir em um feixe as idéias emanadas dos elementos que vão ditar a sua decisão.

1.º — Informações sobre o inimigo.

Ao Sul do Moselle — elementos ligeiros (47.ª D.I.); desaparecimento da 38.ª D.I.

Ao Norte do Moselle — 47.ª D.I.? e pois? possibilidades do inimigo trazer outras tropas.

Organizações — Posição de resistência provável: encostas que dominam ao N. o Moselle.

Tropas existentes nessa região: a 47.ª D.I., quasi que se pode afirmar. Talvez a 38.ª D.I., reagrupada; talvez outras.

Ao S. do Moselle, na linha Lieg, Macken, Morshausen, provavelmente uma posição de P.A., em que o inimigo poderá ter a intenção de resistir por tempo mais ou menos longo, segundo o grau de adiantamento da sua posição de resistência.

2.º — Missão do C.Ex.

Objetivo: o planalto ao S. de Polch.

É o ponto de direção afastado fixado para o Corpo de Ex.

É aí que o Alto Comando Azul quer vêr o 30.º C.Ex.

Começamos a vêr claramente em nosso plano de informações. O planalto de Polch fica situado ao N. do Moselle.

Para nele ter acesso, vai ser preciso forçar em um ponto a passagem do Moselle, atravessar o centro inimigo, romper a sua posição de resistencia.

Consequencia.

Primeiras informações necessarias ao Comando:

Conhecer a posição inimiga, o seu valor, o seu grau de organização.

Esse trabalho já foi esboçado pelo I Ex. Azul que, por meio dos seus orgãos de busca, preparou o caminho para o 30.º C.Ex., enviando-lhe um jogo de fotos na escala de 1/20.000 da posição de resistencia inimiga e do vale do Moselle.

Mas, por mais solida que seja uma posição, só terá valor quando ocupada. Nessas condições, o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. é levado a formular a seguinte pergunta:

Quais são as tropas existentes na posição de resistencia, ou quais as susceptiveis de intervir num lapso de tempo de 3 dias? Pois que o Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. estima que lhe serão precisos 3 dias para abordar o Moselle, transpõe-lo e romper a posição de resistencia inimiga.

Eis aí um primeiro grupo de informações necessárias ao Comando. São informações de maxima urgencia que lhe permitirão:

1.º) — formar uma idéa precisa sobre a situação e as possibilidades do

inimigo, sobre a posição em que ele pretende opôr-nos o seu esforço principal;

2.º) — dizer aos divisionarios, quando chegarmos ao Moselle: Eis o que sei a respeito do inimigo. Aqui tendes fotos. Cabe a vós completar estas informações. Quanto a mim, agulharei os meus órgãos de procura para a posição de Polch.

Eis ai como se faz um trabalho logico sobre busca de informações. O escalão superior trabalha a uma jornada de combate á frente e não no contato, preparamo a tarefa, desbastando uma situação, para dar a mão ao escalão subordinado.

3.º) — Idéa de manobra do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex.

Mas, não devemos esquecer que a 9 á tarde ainda estamos a 20 kms., em linha réta, do Moselle.

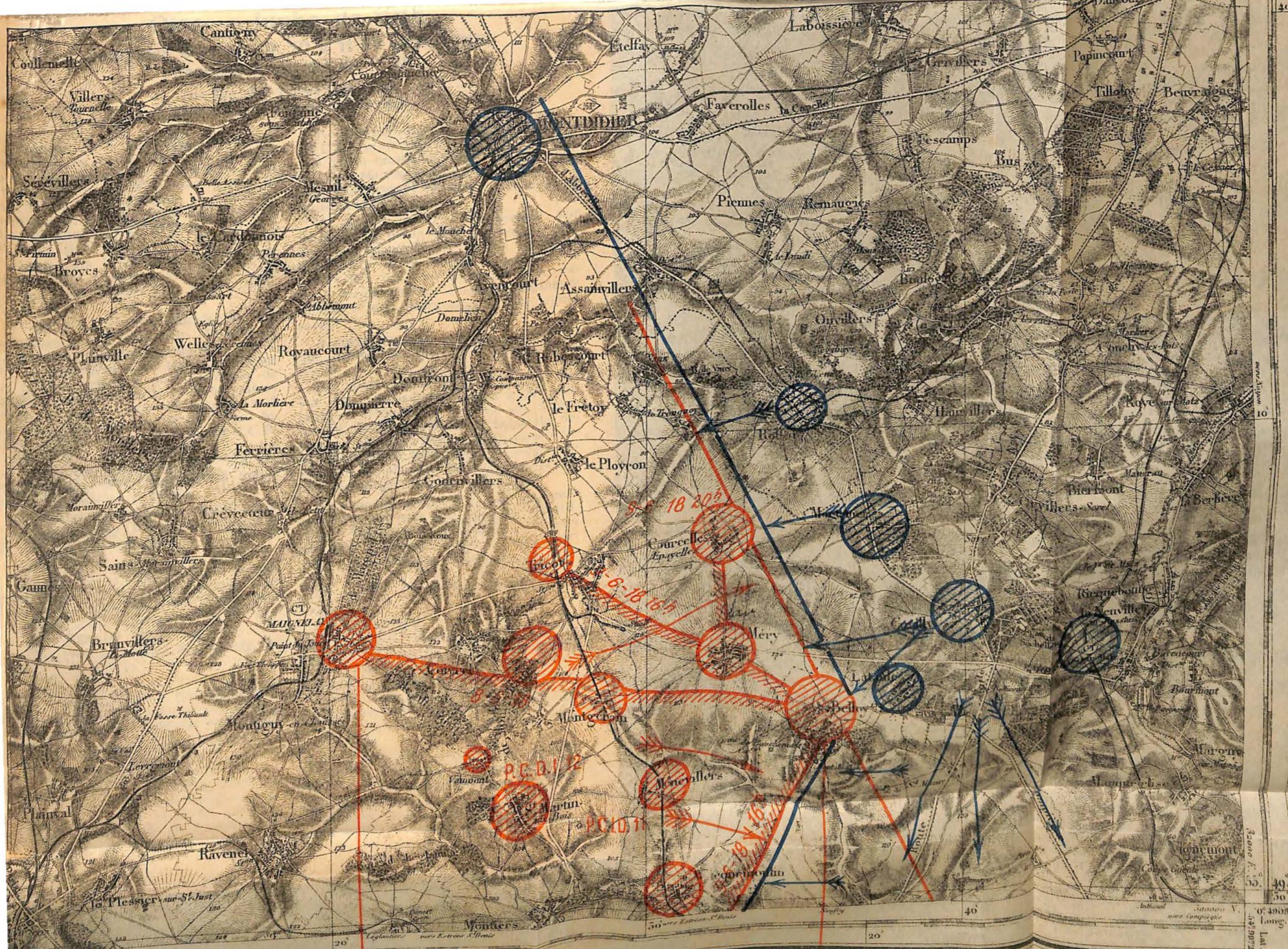
Na jornada de amanhã, 10 de Setembro, provavelmente o inimigo não se oportará ao nosso avanço sinão com elementos ligeiros. Efetivamente, dispondo apenas de precarios meios de transposição, ele não se arriscaria a deixar forças importantes ao S. do Moselle. Mas a região é difícil até o Moselle. As estradas são raras e não é possível fazer que a artilharia e os Combóios abordem o Moselle deslocando-se através dos campos. Torna-se, então, provável que o inimigo execute destruições para retardar a nossa progressão.

Onde serão feitas essas destruições? Quanto mais cedo o soubermos, tanto mais rapidamente serão efetuadas as reparações.

Então, ponto importante a inscrever no plano de informações: as destruições.

Mas o Chefe da 2.ª Secção se impressionou

(Continúa).



Montdidier - 1/80.000^e S.E.

Oise — Junho de 1918

Combates dos dias 9, 10 e 11 de Junho 1918, observados do 2.º B. C. P.

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

Trad. do Major José Faustino Filho

Situação — A 11.ª D.I., trasida de caminhões da região de *Senlis*, acha-se a dois dias em reserva de exercito a traz da 6.ª D.I. (Gal. Mittelhauser), em linha, face a N.E., mantendo os pontos de apoio de *Meignelay*, *Tricot* e *Courelles*. Está prolongada a E. pela 58.ª D.I. e a W. pela 169.ª D.I.

Diante dela o Exercito *Von Hucier*, celebre pela recente manobra de Riga, balisa a linha *Montdidier*, *Rollot*, *Mortemer* etc..

O 2.º B.C.P. está estabelecido em acantonamento de alerta em *Pronbroy* e *Cressorsac* e empregou seus dias 7 e 8 em reconhecimentos do terreno, estudos de caminhamentos e num exercício de quadros executado a 7 com os outros corpos da D.P. *Vuillemot* seguido a 8 por uma manobra da 1.ª D.I., no decurso da qual a 2.ª C.M. do 2.º B.C.P. constitue o 1.º agrupamento (2.ª, 3.ª e 5.ª Cias.) por ordem da D.I. Ela foi mandada para *Méry* onde deverá tomar posição e reforçar a defesa.

O cmt. do agrupamento manifesta-se logo, pedindo que lhe sejam entregues as S.M. de substituição.

Missão — A 11.ª D.I. tem por missão apoiar a 36.ª D.I. no ataque que está iminente do exercito *Von Hutier* que vai tentar passar pelos caminhos *Ste Dennis* e *Compiègne*.

A linha de resistência se extende de *Maignelay* a *Belloy*.

A 9 de Junho aproximadamente as 0.h.15, desencadeia-se o tiro de preparação inimigo e tudo logo se transforma em um rodar contínuo não deixando qualquer dúvida sobre o que vai acontecer.

O 2.º B.C.P. é imediatamente alertado e alcança, ao primeiro aviso da 11.ª D.I., sua posição de vigilância pelos caminhamentos reconhecidos nos exercícios precedentes, evitando assim as estradas guardadas, quasi todas já batidas por violentos tiros de interdição.

Ao romper dalva o 1.º agrupamento (R.D.I.) se instala num campo situado a S.E. do cruzamento de estradas *Montier-Ste Martin-Tricot*. O P.C. da D.I. ocupa um campo separado, junto a encruzilhada.

O ataque inimigo foi lançado por volta das 4 horas e às 7 horas, a 58.ª D.I. que mantinha os pontos de apoio de *Latanle* e de *Belloy* é desimada e a 18.ª D.I. que tem a missão de apoiala se encontra numa situação igualmente crítica e está ameaçada de ter igual sorte.

A nossa esquerda se acha a 152.ª D.I. que protege a 169.ª D.I., engajada a fundo.

Em consequência a 11.ª D.I. deve prever uma mudança de frente a E. para tapar a brecha aberta sobre seu flanco direito com a formação da bolsa da defesa no setor de *Belloy*. Sua missão será interditar a todo custo o acesso do inimigo ao planalto de *Méry* e de repelir os ataques vindos deste lado.

Às 7 horas, o 69.º R.I. está engajado em *Méry* que está ocupado pelo III Btl. (Cmt. *Vetillard*) prolongado a direita pelo Btl. *Lemaitre* (II/69). O Btl. *Dardelet* (I/69) acha-se em reserva de sub-setor.

O 4.º B.C.P. prolonga a linha até *Tricot*.

A mesma hora o *Grupamento Guimarães* (R.D.I.) recebe ordem de se dirigir ao P.C. do 69.º R.I. e aí ficar a disposição do seu Cmt. Cel. *Barthélémy*, na cota 91, saída N.E. de *Ménévillers*. A 2.ª C.M. continuando em *Méry*, o agrupamento tem três seções da 1.ª C.M.: O 26 R.I. retorna dois de seus Btis. para *Vaumont*.

A aproximação se efetua por secções largamente espaçadas que utilizam todas as cobertas para escapar as vistas aéreas do inimigo e aos seus tiros de inquietação, que batem caminhos e encruzilhadas.

Ás 7, h. 50 o agrupamento está na cota 91 onde fica as ordens do *Cap. Berge*, enquanto seu Cmt. se dirige ao P.C. do R.I..

Ás 8,h.5' o *Cap. Berge* recebe a seguinte ordem: — «Manter-vos-eis até segunda ordem nas posições atualmente ocupadas».

As 8h.20' chegam novas ordens da D.I. recuperando o *Agrupamento Guimarães*, que ás 8h.25' envia o seguinte relatorio a 11.^a D.I.:

Unidade de Guimarães á Unidade Vuillemot em 9 Junho 18, ás 8, h. 25'.

Estou na saida E. de Ménévillers, á altura do cemiterio.

Informação — Ao receber a ordem da D.I. o Btl. *Dardelet* retomou sua missão primitiva de reserva de sub-setor.

O agrupamento *Guimarães* reocupa suas anteriores posições como reserva de D.I.

(a) Guimarães.

Voltando as suas posições, o Cmt. do agrupamento, após ter dado as ordens necessarias, vae ao P.C. da D.I. para aí fazer um relatorio verbal e receber eventualmente informações e instruções.

As informações oriundas da nossa direita eram cada vez piores, por isso ás 11 horas, o *Gen. Vuillemot* toma a decisão de prolongar para S.E. o II/69.^º R.I. pelo 1.^º Agrupamento do 2.^º B.C.P. que recebe a missão de *estabelecer uma cortina* a S.E. e interditar a todo custo ao inimigo o acesso dos *planaltos de Méry* deste lado, ás 11h.10' as unidades do agrupamento recebem a ordem abaixo:

Em 9 — Junho ás 11,h.10'.

«O agrupamento, logo que receba os fogos de artificio, seguirá novamente sob a direção do *Cap. Berge*, para a ravina ao S. de Ménévillers.

O agrupamento tomará de passagem um agente de ligação do *Tte. Michon*, que indicará a posição escolhida».

«Assim que se atinja esta posição, o *Cap. Berge*, destacará dois reconhecimentos de oficiais, que reconhecerão a ravina situada ao N.E. de Ménévillers e ao S. da fazenda Bauchemont.

No reconhecimento do terreno os oficiais que o executarem reconhecerão os caminhos que permitam ir do ponto de reunião até ás ravinhas.

Reconhecerão finalmente a ravina orientada N-S e situada imediatamente a W. da fazenda Bauchemont. Tal reconhecimento deve ser orientado no sentido de estabelecer uma linha de defesa tendo a fazenda Bauchemont como centro de resistencia».

(a) Guimarães.

O Cmt. do agrupamento parte com seu oficial adjunto e sua ligação, logo que recebe as ultimas instruções no P.C. da D.I..

Atingindo Ménévillers toma contato com o *Major Denis*, Cmt. do Grupo de 75 de apoio direto, a quem põe ao corrente de sua missão.

Este grupo vai prestar ao *agrupamento Guimarães* auxilio inestimável no decorso das operações que se vão seguir.

Aproveitando-se duma dolora do terreno, que o desenfia das vistas, o agrupamento toma rapidamente o dispositivo de aproximação e ás 15,h.10' está em posição sobre os locais assinalados como objetivos.

Desembocando o agrupamento rapidamente e por surpresa, não deu tempo ao inimigo de ajustar sobre ele seus fogos, durante sua passagem pelo planalto. Os tiros são todos altos e na maioria muito curtos. Em compensação ás ravinhas e a fazenda são batidas, pouco depois, por tiros de deter de tal intensidade, que elas daí a pouco se transformam em ninhos de projetis.

Ás 15,h.25' o relatorio abaixo é enviado a 11.^a D.I..

9 de Junho, ás 15,h.25'.

«O Cmt. do *Agrupamento Guimarães* tem a honra de relatar-vos, que atingiu a ravina a W. da fazenda Bauchemont ás 15h.15'.

(a) — Dispositivo de aproximação — 2 grupos de combate seguidos duma seção da vanguarda. — As Cias. em colunas duplas — ala direita do agrupamento recuada».

b) — Dispositivo após a chegada — a 3.^a Cia. ocupa a fazenda Bauchemont, reforçada por uma seção. Uma seção a direita, (S.) escalonada para traz e outra a esquerda (N.) com escalão idêntico. Esta ultima destacou elementos para tomar ligação com tropas amigas a esquerda. A 2.^a Cia. a direita (S.) da 3.^a Cia. com 2 secções em linha e 2 como

apoio. Esta Cia. prolonga a defesa da fazenda para a direita (S.) até a interseção das duas ravinas.

A 5.^a Cia. com 2 secções sobre a borda superior W. da ravina e as duas outras em apoio á retaguarda. Esta Cia. tem o papel de reserva do Agrupamento».

«As Cias. Mtrs. estão dispostas no cume N. da ravina, observando Méry, 1 secção vae ser colocada sobre a crista ficando face ao bosque de *Belloy*».

c) — *Perdas* — Nenhuma durante a marcha de aproximação. O *Tte. Gauthier* ferido gravemente por obus ás 15 h.20'.

d) — O *Tte. Gallant* parte afim de reconhecer uma posição para o agrupamento de Margerie».

(a) Guimarães.

Observação — O Cmt. do agrupamento comunica que não dispõe de telefones».

Ás 16 h. o sgt. Danvers enviado pela 3.^a Cia. para procurar ligação a esquerda volta trazendo informações inquietantes.

A comunicação abaixo é então, imediatamente enviada ao *Cmt. Mellier*, Cmt. do 2.^o B.C.P.:

«9 Junho ás 16h.10' — O sgt. Danvers enviado para assegurar a ligação do agrupamento com a esquerda encontrou-se a 400 mts. ao N. da ala esquerda de sua Cia., com um dos Maiores do 69 R.I. o qual lhe informou que sua Cia. da esquerda combatia desde a manhã e já lhe faltava munição. A sua frente e a direita existiam bem poucos elementos (o Major Lemaitre em 2769). *Belloy* e o bosque de *Belloy* eram mantidos por elementos do 77.^o R.I.».

(a) Guimarães.

O primeiro relatorio é confirmado por 2 outros que prevêm uma brecha, dentre em breve, na esquerda de nossa linha,

Em consequencia, ás 17h.20', são tomadas as seguintes medidas:

«9 Junho ás 17h.20' — Ao receber a presente ordem a 5.^a Cia. irá ocupar as trincheiras que ligam o 69 com o 77 R.I., nelas se estabelecendo de modo a ter vistas para a frente. Guarnecerá a 1.^a linha com F.M. e R.S.G. (fuzis automáticos). Construirá depósitos para munição a medida do possível.

Guarnecerá as trincheiras com grupos bem afastados entre si, porém em ligação permanente pelo fogo e a vista, de forma a apresentar o menor alvo possível ao tiro de artilharia».

«A missão da 5.^a Cia. é de manter a todo custo os observatorios localizados entre Méry e Belloy, no setor não ocupado pelos 69 e 77 R.I..

O *Cap. Bécourt* assegurará, desde sua chegada, a ligação a direita e a esquerda».

«A 3.^a Cia. ocupará as trincheiras que bordam a ponta N. da ravina diante de Bauchemont. Esta Cia. manterá sempre que possível um dispositivo em coluna dupla que permita ter 2 secções em apoio.

A 2.^a Cia. ficará em reserva.

Tres secções de mtrs. de 2 peças ficarão 2 cruzando fogos entre Méry e Belloy, a 3.^a dominando o fundo da ravina.

Canhões de 37 e Stoks — serão colocados, ao cair da noite, na interseção da ravina de Bauchemont com a que se orienta de E. para W. ao S., tomando-a de enfiada».

(a) Guimarães.

NOTA: — Estando feridos e evacuados, o *Cap. Berge* e o *Tte. Gauthier*, o *Tte. Gandon* assumirá o comando da 3.^a Cia., desde a recepção desta nota.

O Cmt. da Cia. em reserva preverá reconhecimentos para a noite, tanto de oficiais como de sargentos, destinados a verificar o bom funcionamento da ligação com nossos vizinhos da direita e da esquerda e com os elementos do 66.^o R.I. que mantém as saídas S. do bosque de *Belloy*.

(a) Guimarães.

Continuando o inimigo sua pressão sobre Méry e *Belloy*, o *Btl. Dardelet* (I/69) abandona, ás 18h.40', sua posição em reserva de sub-setor e vai prolongar á esquerda de Méry o *Btl. Vétillard* (III/69).

Como reserva imediata só resta o *Agrupamento Margerie* do 2.^o B.C.P..

Ás 20h.20' ante a incerteza do que se passa em *Belloy*, o Agrupamento toma o seguinte dispositivo:

Modificação do dispositivo do 1.^o Agrupamento ás 18h.50'.

A 5.^a Cia. recebe ordem de se manter nas posições da jornada. Alguns elementos do 77, que ainda se mantêm a sua direita estão desorganizados e dispersos; serão fatalmente varridos durante a noite.

As 2.^a e 3.^a Cias. tomaram posição ao S. da fazenda do *Bout du Bois* com a missão de interditar toda tentativa de infiltração por este lado. A 2.^a Cia. está cavalgando o esporão donde delimita as ravinas de *Carrières* (W-E) e de *Bauchemont* (N.S.).

As Cias. estão apoiadas por 4 Sec. Metrs. que formam a ossatura do fechamento dos caminhos que ameaçam o planalto. Os canhões de 37 foram trazidos acima do P.C. de *Carrières* (face N. da ravina), donde batem as saídas e as orlas do bosque de *Belloy*.

Os stocks tomaram posição na contra escarpa que comanda a ravina orientada para o S. e que começa a altura do *Bout du Bois*. Eles serão fartamente remuniados, pois que foi encontrado nas proximidades um nicho cheio de munições de stocks.

A noite permite proceder-se ao reaprovisionamento em viveres e munições, melhorar um pouco nossas posições e evacuar os feridos.

A saída do Btl. *Dardelei* e as trocas feitas dentro do dispositivo do 1.^º Agrupamento do 2.^º B.C.P. provocam a ordem seguinte enviada pelo Cmt. *Mellier* ao Cap. de *Margerie*, Cmt. do 2.^º Agrupamento do 2.^º B.C.P..

«9 de Junho ás 20h.30'.

O Cmt. *Mellier* ao Cap. de *Margerie*.

A missão do Cap. Guimarães transforma-se. Ele recebeu ordem de tomar posição com seu grupo ao S. do *Bout du Bois* para deter, eventualmente, as infiltrações que venham a se produzir pelo bosque de *Belloy*. Não estando bem definida a situação entre *Méry* e *Belloy* (a posição foi mantida sem que se saiba bem por quem), lá deixei a Cia. *Bécourt* em posição ao S. da linha *Méry-Belloy*, em apoio atras da linha avançada que era mantida por elementos do 69.^º e 77 R.I..

Em consequência as 2.^a e 3.^a Cias., unicamente terão de assegurar tal missão com o concurso das 4.^a e 5.^a Sec. Mtrs. Reforçar por conseguinte a Cia.

Mtrs. do Capitão Guimarães por 2 ou 3 peças retiradas do vosso agrupamento, cuja missão permanece a mesma.

(a) *Mellier*.

SITUAÇÃO GERAL 9-6-18 ás 20h.30'.

A situação geral é agora a seguinte: — O centro alemão rompeu as posições francesas na região de *Matz* e penetrou profundamente em nossas linhas. A sua direita a D.I. — *Mittelhauser* — mantém-se. *Courcelles* disputada encarniçadamente, é tomada e retomada, mas permanece em nosso poder. Duas Cias. do 26.^º R.I. para lá conduzidas no dia 9 ás 20 horas, a disposição do 149.^º R.I., mantiveram-se a custo dos maiores sacrifícios.

A D.I. *Vuillemot* que tinha esboçado desde a vespera sua mudança de frente, face a E, após o aniquilamento sucessivos das 58.^a e 18.^a D.I., vai completá-las a noite e se encontra desenvolvida perpendicularmente a 36.^a D.I. desde *Courcelles* até *Aronde* a E. de *Wacquemoulin* passando por *Méry*, *Bauchemont* e planalto de cota 98. Após este movimento o 26 R.I. se acha colocado a nossa direita sobre o planalto de cota 98. O C.I.D. o prolonga para além de *Wacquemoulin*. Em consequência, ás 4 h.20' de 10 Junho, o 1.^º Agrupamento recebe a seguinte ordem:

«Em caso de forte pressão inimiga o 2.^º B.C.P. girando sobre sua esquerda virá se colocar sobre a ossatura de fechamento fortemente constituída pelas S.M., na linha: *Wacquemoulin-Ravin-des-Abris*».

(a) Guimarães.

«Ao amanhecer os reconhecimentos assinalam, que já não existe um só elemento do 77 sobre a linha avançada».

(a) Guimarães.

Ao Sudeste a situação é das mais críticas.

No dia 9 á noite, o inimigo ultrapassa *St. Maur* em sua marcha para o Sul; progredindo por *Cuvilly* e *Lataule* vai ocupar *Belloy* durante a noite. Os últimos elementos do 77 foram aniquilados ou expelidos das posições que ocupavam, portanto, a direita da 5.^a Cia. está com-

pletamente no ar. O Cap. *Bécourt* foi obrigado a prolongar sua direita para o S. de modo a retomar ligação nas proximidades de *Bauchemont*.

Ás 5h.15' o Cmt. do agrupamento lhe remete a nota seguinte:

«10 Junho 918 ás 5h.15' — Informações do Tte. *Peschart*:

I — A minha direita passa um regimento que parece se dirigir para o bosque de *Celleir*.

II — Informações colhidas dizem ser o 254 R.I. que tomou posição nas trincheiras em contra-vertente diante do bosque de *Genlis*. Sua direita é prolongada por outro regimento.

Peço informar-me si *Belloy* se acha atualmente ocupada pelos alemães ou por tropas amigas». (a) Guimarães.

As tropas acima assinaladas contra atacaram pouco depois os bosques *Genlis* e *Belloy* esforçando-se por atingir as orlas N. Os Cmts. das 3.^a e 5.^a Cias. recebem ordem de seguir de perto esta progressão assinalando todas as fases».

«10 Junho 918 ás 5h.25'. — Os Cmts. da 3.^a e 5.^a Cias. acompanharão as tropas amigas no bosque de *Belloy* e informarão a miúdo a respeito. O Cmt. da 5.^a Cia. fica particularmente encarregado de se assegurar do momento em que a aldeia de *Belloy* seja reocupada por nossas tropas».

(a) Guimarães.

A nossa esquerda a luta por *Méry* é repetida com obstinação. Ás 6 h. uma seção da 5.^a Cia. é cedida ao Cel. *Barthélémy* para contribuir na defesa de *Méry*. Ás 7h.30' o Tte. *Arnould* do 69.^º R.I. comunica que uma Cia. de seu Regimento perdeu 3/4 de seu efetivo no pomar a W. de *Méry* em virtude dos novos métodos de infiltração adotados pelo inimigo.

«10 Junho 1918 ás 7h.30' — Cmt. *Mellier* ao Cmt. *Bouin*.

«O Tte. *Arnould* do 69.^º R.I. comunica que uma Cia. de seu Regimento teve fôra de combate 3/4 de seu efetivo em virtude da aplicação do método de infiltração do inimigo, no pomar W. de *Méry*.

«Foram avisados deste lado os elementos do 26 R.I. que se acham a Sudeste

de *Méry*. Equal precaução foi tomada afim de informar o agrupamento *Margérie*.

«Uma seção da 5.^a Cia. do 2.^º B.C.P. foi cedida ao Cel. *Barthélémy* para expulsar o inimigo das primeiras casas de *Méry*. (a) Mellier

Nossas unidades sabem com quem têm de se haver, da mesma forma que o 26 R.I. que nos prolonga para o S. na direção do *Aronde*.

A E. todas as tentativas feitas para desalojar o inimigo do bosque de *Belloy* foram vans. Ele ali se infiltrou durante a noite e o mantém solidamente. Ao N. a 5.^a Cia. engajou todos os seus elementos para poder fazer face as tentativas inimigas vindas da direção de *Cuvilly* e *Lataule*. Finalmente ás 8 h. 30' a 5.^a Cia. que ocupa as trincheiras diante da fazenda *Bauchemont* assinala o inimigo progredindo em sua direção, procedente de *Belloy*. A 2.^a Cia. recebe ordem de vigiar atentamente tal progressão e de apoiar a 3.^a Cia. pelo fogo de suas armas automáticas. As Sec. de Metrs. e a seção de acompanhamento recebem ordens idênticas.

O 2.^º agrupamento fica próximo, pronto a intervir em caso de necessidade.

«10 Junho ás 8h.50'. — A 3.^a Sec. da 3.^a Cia. colocada na trincheira em frente à Faz. *Bauchemont* assinala o inimigo progredindo na sua direção, vindo de *Belloy*, a cerca de 1.000 mtrs.

«Vigiar com muita atenção tal aproximação e manter a 3.^a Cia. por meio de fogos de mtrs. e armas automáticas».

«O 2.^º agrupamento está alerta».

(a) Guimarães.

«O inimigo foi igualmente assinalado se dirigindo para S.W. na altura da Fazenda *La Garenne*».

(a) Guimarães.

Mais ou menos a mesma hora a 2.^a Cia. comunicou que se percebia a binóculo, o inimigo segundo os caminhamentos planalto de cota 120 a S.W. da Faz. *La Garenne*. — Parece que se dirige para *Estrées St. Denis* e sofre graves perdas de nossa artilharia cujos projéts enquadram sem interrupção as colunas em marcha ocasionando movimentos de fluxo e refluxo.

Secção de Artilharia

Uma miniatura do 75 O trenador de artilharia de campanha - M 2

Pelo Major João Müller Neiva de Lima

Uma interessante divulgação acaba de ser feita pelos Srs. D. A. Gurney e T. A. Conlon, engenheiros de material belico, de Washington, pela excelente revista americana «Army Ordonnance» de Nov. Dez. 933. Vamos resumir esse artigo, expurgando-o dos elementos menos interessantes á maioria dos oficiais de tropa, á cuja atenção, principalmente, destinamos este extrato.

**

Estão em fabricação nos Estados Unidos, algumas centenas de uma miniatura do canhão de campanha, batizada com a designação de Trenador de Artilharia de Campanha, M 2.

Esse material foi projetado e estudado em resposta a uma solicitação do Comandante da Artilharia de Campanha, para um dispositivo que simulasse o tiro do 75 a 1/100 de seu alcance. Tal qual foi estudado, o trenador possue todas

A 3.^a Cia. mantem-se bem apesar da pressão que recebe. As Sec. Mtrs. e os canhões 37 aproveitam todas as ocasiões para varrer a orla do bosque de *Belloy* e interditam toda a tentativa para desembocar da coberta.

O inimigo procura inutilizar a defesa com o fogo de sua artilharia que felizmente não consegue regular seu tiro graças as cobertas e a dissimilação das unidades do grupo. Não obstante as perdas são sensíveis. O inimigo por sua vez reconstitui suas Cias. abrigados da orla e uma delas, uma *sturm truppe* procura conduzir as outras desembocando em massa para ocupar os rebordos da ravina. Ela é imediatamente atingida por nossos fogos e arrazada; os poucos sobreviventes retornam ao bosque. Segue-se uma reprodução do ataque de infantaria, o fogo da artilharia porém, redobra varrendo as ravinas em todos os sentidos. Neste interregno o avanço sobre *Méry* não cessa.

O planalto de *Méry* é premido por uma tenaz, com esforços por L. e pelo N. para fazer cair esta defesa, que cons-

as características essenciais do reparo de campanha: aparelhos de elevação, direção, sitio e alça graduada em jardas, uma luneta panorâmica regulamentar e dispositivo de leitura do angulo de sitio e elevação, pelo quadrante de nível regulamentar.

O «canhão» é uma arma de calibre 22, modificada para receber um tubo de 1" (25.4mm) de calibre. O projétil é uma esfera de aço de 1" e a sua projeção é feita por meio de um cartucho curto, de festim, do calibre 22. O desvio provável é proporcional ao do canhão 75. Os projétils, visíveis na trajectória, são recuperados para usos consecutivos. As diferenças prováveis, entre lotes de munição, comprados no mercado, podem ser corrigidas com o uso de calços inseridos no tubo, assim limitando o trajeto do projétil na alma, o que aumenta ou diminue os alcances.

Os tubos podem ainda ser parafusados ou desaparafusados, mais ou menos, pa-

titue uma ameaça contra o flanco direito alemão.

«10 Junho 918, ás 8h.50'. — O Cap. Guimarães ao Tte. Gandon — 3.^a Cia.:

1.^º) — Para opor-se a progressão inimiga que se desenha mandei o Tte. Peschart vigiar com atenção, o desembocar do inimigo na direção da fazenda *Bauchemont* e de cobrir a seção ameaçada por fogos de mtrs.

2.^º) — O 2.^º agrupamento está alerta e pronto a intervir, caso seja necessário».

(a) Guimarães.

As 10h. a Cia. *Peschart* (2.^a) começa a recolher elementos dispersos do 256 R.I. que desembocam nas ravinas, vindos da fazenda de *Bout du Bois*. Os homens estão extenuados e não se sabe bem o que se passa. Estão eles desorientados pela infiltração do inimigo, de mais fácil execução porquanto o terreno é de matas ou coberto de trigo bastante crescido.

(Continúa)

ra *afinar* as peças da mesma bateria, no que concerne ás pequenas diferenças de alcance de uma peça para outra.

Os trenadores são montados, por baterias de 4, em plataformas e, nestas, podem ser espaçados á vontade para que os seus intervalos correspondam proporcionalmente aos intervalos reais.

**

As especificações impostas pelo Maj. Gen. H. G. Bishop, Comandante da Artilharia de Campanha, que solicitou a criação dos canhões em miniatura, continham o seguinte:

Alcance: 1/100 do canhão de campanha de 75 mm.

Desvio provável: proporcional ao da munição de serviço.

Campo de tiro vertical: 45°.

Campo de tiro horizontal: 45°.

Deveria permitir a montagem da luna panorâmica regulamentar.

Além de possuir alça própria, deveria também permitir a montagem do quadrante de nível regulamentar.

Em bateria os canhões teriam que guardar um intervalo de 7.2 pols. (183 mm, ou 1/100 do intervalo normal do 75). Com tais intervalos, os trenadores deveriam ser acessíveis á operações individuais, sem interferir com outros da mesma bateria.

Essas especificações foram integralmente cumpridas.

**

Em consequência de muitos projetos e ensaios, em que foram experimentados e sucessivamente abandonados, diversos dispositivos de projeção (molas, ar comprimido, etc.) e vários projéteis de formas, pesos e calibres diferentes, concluíram os Srs. Gurney e Conlon, encarregados desses estudos, pela adoção da munição já mencionada, (cartuchos de calibre 22 e esferas de aço de 25.4 mm) que deram inteira satisfação. Com essa munição organizaram as tabelas de tiro necessárias ao uso do aparelho.

No estudo desse material a condição, imposta, de baixo preço de custo foi seriamente considerada, o que veio acrescentar mais uma dificuldade á resolução do problema. As baterias ficaram fi-

nalmente a um preço aproximadamente igual ao de 3 salvas de 75 e tem todas as suas peças intermutáveis. Foi excluído todo excesso de acabamento, em partes que não interessava á precisão do mecanismo.

**

Com a criação do Trenador, M 2, não houve preocupação de substituir o material de tiro real na formação do artilheiro de campanha. «Somente na guerra» como diz *Army and Navy Register* de Maio, 13, 1933, «a munição para artilharia de campanha é facultada em quantidade bastante para fazer artilheiros eficientes e isto a custa de enormes despesas».

«Com esse aparelho um oficial pôde não só controlar seus elementos de tiro, praticar todas as ginásticas mentais necessárias á regulação sobre o seu objetivo, mas fazer também o «tiro de eficiacia»; isto nunca foi possível, si não nos campos de batalha, devido á exiguidade nas dotações de munição». «Ele pôde também praticar *tiros de varrer e barragens*, métodos de fogo interditos até agora pelos mesmos motivos».

«Enquanto nada, si não o tiro real, faz realmente um artilheiro, sente-se que o aparelho levará o oficial áquele exercício inteiramente preparado para corrigir dados e se conduzir nas regulações com uma confiança que, lamentavelmente, faltou no passado».

«Servirá também para manter viva a proficiencia de fogo, durante estes anos magros, em que pouca ou nenhuma munição é facultada».

**

No caso particular do nosso Exército, no Brasil, o aparecimento do trenador tem redobrada importância. Si nos Estados Unidos a economia de munições, necessariamente menos intensa do que no Brasil, levou ás pesquisas desse aparelho, o que deveremos fazer, nós que, além da apertura de munições sofremos a formidável carença do próprio material, que todos conhecemos?

O Trenador é um aparelho cuja construção está ao alcance da nossa indústria mecânica. Dado ainda que os nossos arsenais, por acúmulo de serviços mais

A propósito de um canhão miniatura

Pelo Cap. Guaracy S. Freire

Resolvemos, apóz uma das ultimas palestras instrutivas que frequentemente mantemos no Gabinete da D.M.B., comunicar aos camaradas uma adaptação que realizámos, em 1924, quando arregimentados no 3º G.I.A.P., então sediado na povoação da Margem do Taquarí (Rio G. do Sul).

No decorrer da palestra a que nos referimos, mostrou-nos o Maj. João Müller Neiva de Lima um artigo publicado em um dos ultimos numeros da revista «Army Ordnance», dos E. E. U. U. da América do Norte.

O artigo em questão se refere a um recurso pratico e economico para o estudo de muitos problemas atinentes ao tiro de artilharia, como sejam: observação, dispersão, regulação, etc..

O recurso consiste na utilização de canhões-miniatura, providos das lunetas regulamentares dos canhões verdadeiros, que lançam projéctis até cerca de 100 metros, empregando, para tanto, pequenas cargas de pólvora.

Como se deve operar sempre em terreno limpo e plano, os projéctis, que são de aço e de forma esférica, podem ser sempre recuperados.

Não nos propômos descrevê-los, pois, por lembrança do Cap. Perí Bevilacqua, do E.M.E., que frequentemente anima com a sua inteligencia e prepáro tais palestras, resolveu o Maj. Neiva traduzir e adaptar o citado artigo e pedir a sua inserção nas páginas acolhedoras da «A Defesa Nacional».

Então, detalhes a respeito do canhão miniatura os camaradas conhacerão através o trabalho desse distinto e competente oficial.

**

Passemos, agóra, ao que nos comprometemos no inicio deste artigo.

urgentes, não possam acrescentar aos seus programas mais este artigo, que precisamos em quantidade apreciavel, resta socorremo-nos da nossa industria privada, a que temos o dever e interessé de encorajar. É necessário não esquecer de que se trata de um aparelho rustico e

Foi por ocasião de um prolongado acampamento na Invernada do Grupo, motivada por uma epidemia que assolava a sua séde, que, numa tarde, divertiamos-nos varios oficiais, entre esses o então Capitão Argimiro Dornéles, em alvejarmos, com revólveres e pistolas, porongos colocados por pescadores no meio do rio Jacuí.

Dado a largura dêsse na região em que nos encontravamos, não nos era possível atirar dentro do «ponto em branco» das nossas armas. Eramos forçados, por conseguinte, a darmos grandes angulos de elevação a elas, daí resultando a impossibilidade de utilizarmos as respectivas linhas de mira.

Como estivéssemos atirando deitados á margem do rio, as coronhas das nossas armas, empunhadas com as duas mãos, ficavam apoiadas no solo, o que permitia, praticamente, apóz um dispâro, que insignificantes fôssem as consequencias do recuo no angulo de elevação utilizado.

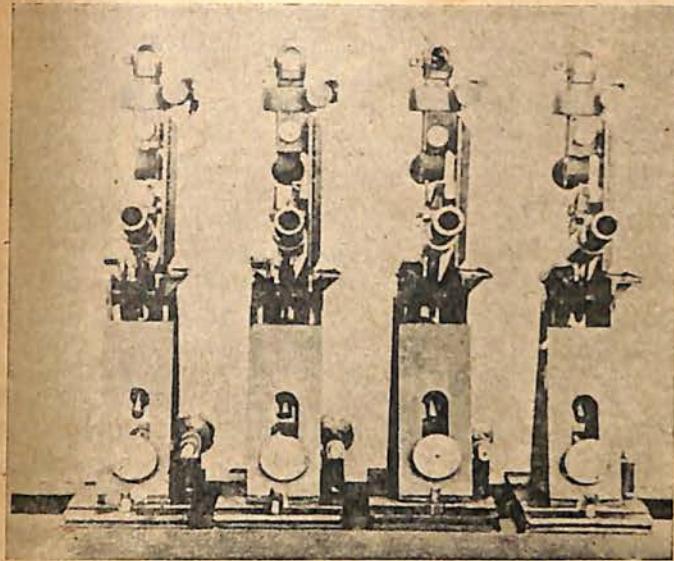
Camaradas colocados atrás informavam, em relação ao porongo visado, os desvios havidos em direção e alcance, o que era facil, pois a superficie do rio estava tranquila e, portanto, bem visiveis eram os pontos de queda.

A uma observação — *curto e à esquerda*, p. ex., —, mesmo sem olharmos para o objetivo armavamo os nossos revólveres e fasiamos correções nos sentidos convenientes, necessariamente estimadas, porém que permitiam, como se observava, um *enquadramento* cada vez mais restrito e mesmo um impacto em cheio, o que foi dado obter pelo Cap. Dornéles, exímio atiradôr.

Apóz éssa sessão, tão divertida quanto instrutiva, ocorreu-nos adaptar a uma estativa uma das nossas armas curtas regulamentares e, dest'arte, repetir, já

barato, cujas unicas partes delicadas são peças normais do material regulamentar adaptadas momentaneamente ao Trenador.

De resto, devo acrescentar que é uma idéa antiga no Exercito brasileiro. O Capitão Guaraci vai tomar a palavra



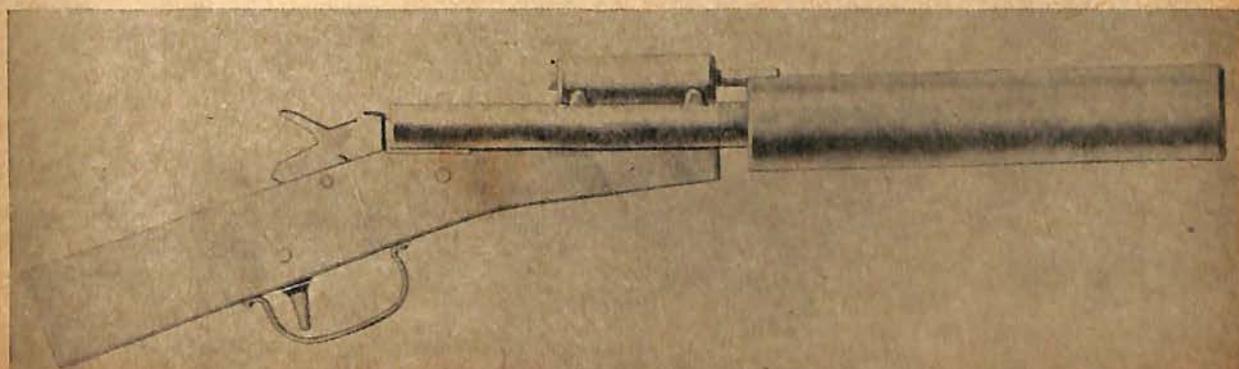
Uma bia de treinadores montada em base de tiro com 183 m/m (7,2 polegadas) de intervalos.



Uma bia de treinadores em ação, evidenciando os limites dos angulos de elevação e direção.



O treinador de Artilharia de Campanha.



então nas margens do rio Taquarí ou nas de um açude existente perto do Quartel, sessões identicas, porém visando o ensino, aos Sargentos, dos processos de regulação do tiro por peça, enquanto não viéssemos a possuir um conjunto de 4 estativas (*1 Bia.!*).

A dedicação de um cabo carpinteiro da Unidade e aos auxílios e estímulo do Comando deveu-se a construção do primeiro *canhão*.

Com ele muitas sessões de instrução foram realizadas e, como é de justiça, não se deve culpar a nossa adaptação pela pouca precisão que se observava algumas vezes e mesmo por algumas contradições, coisas que acontecem, também, no tiro com verdadeiros canhões.

A arma utilizada na estativa que construíramos era o «velho» NAGANT de cal. 44.

A munição empregada a princípio, por ser muito antiga, dava uma porcentagem de *négas* alarmante, ao par de sensíveis variações na velocidade inicial devido às deflagrações mais ou menos enérgicas das cargas de projeção. A situação melhorou um pouco com a aquisição, no comércio, por conta das Economias do Conselho, de uma munição nova.

Entretanto, isso não podia impedir que, exagerada devido ao avançado descalibramento dos nossos NAGANT, se apresentasse, em toda a sua plenitude, a eterna inimiga dos artilheiros: a dispersão.

A utilização das PARABELLUM da carga da Unidade era contraindicada, primeiro pela usúra manifesta, também, dos seus canos e, depois, o seu grande alcance nos interditava a utilização do *canhão* nas margens do açude, situado muito perto da localidade.

**

Resta-nos, agora, descrever, a largos traços, a estativa construída nas oficinas do Grupo.

Consistia ela numa tóscua mesa de madeira, tendo, aproximadamente, 0,40 X 0,60 e a altura comum em móveis dessa natureza. Os seus pés terminavam em pontas revestidas de chapas de ferro, que permitiam, com pequeno esforço, fôsse ela fixada ao solo de uma maneira suficiente a sua finalidade.

Para aumentar, ainda mais, a sua estabilidade, fôram fixados nas respectivas ilhargas, pelo lado de dentro, pedaços de trilhos, daí resultando um peso bem em desacordo com o aspecto e as dimensões do nosso *repáro*.

Sobre a mesa e a ela preso por uma forte dobradiça de ferro, existia um bloco de madeira de lei escavado de forma a alojar o revólver, que ficava perfeitamente imobilizado por meio de duas aldrabas, também de ferro, revestidas de borracha.

Girando no sentido permitido pela dobradiça tinha o bloco um movimento vertical, que era comandado por um parafuso existente sob a mesa.

A amplitude dos deslocamentos verticais assinalava-se por um índice solidário ao bloco, que deslizava sobre um arco de círculo graduado em milésimos, construído numa pequena táboa fixada ao lado.

Os deslocamentos horizontais eram obtidos pela ação de um dispositivo construído à semelhança do que se vê a bôrdo dos pequenos vapores para o comando do lêmee.

Sobre a mesa, a construção de um outro arco de círculo graduado em milésimos permitia, graças à existência de um índice fixo ao bloco, que se medissem os deslocamentos angulares horizontais dados ao conjunto bloco-revólver.

A guisa de dispositivos de recuo e de recuperação e na falta de molas em espiral apropriadas, empregavam-se, aliás com êxito, pedaços de câmara de ar do FORD do Grupo !

A existência, no bloco, de apropriados orifícios e escavações, permitia o carregamento do revólver e a ejeção dos estójos deflagrados sem que necessário fôsse a retirada da arma.

Esses mesmos recursos facilitavam a ação do dedo sobre a técla do gatilho, para o dispâro.

As distâncias de tiro eram, nas sessões de instrução, da ordem de 100 metros e, quando o caso em estudo comportava, fazíamos uma preparação topográfica com relativo rigor, preparação que consistia no levantamento, numa escala muito grande, dos observatórios, do *canhão* e do objetivo.

Esse, como já dissemos, era sempre um porongo, que praticamente imobili-

savamos na superficie da agua por meio de uma pedra a ele ligada por um cordel.

Os pontos de queda dos projetis, quando a superficie estava tranquila, eram visiveis nitidamente a distancias bem superiores a 100 metros e a fugacidade da duração da pequena coluna d'agua levantada não era de mólde a impedir a medição do desvio em direção, mesmo com o emprego do duplo-decimetro graduado em milímetros. Também os círculos concentricos formados em consequencia do encontro do projétil com a superficie d'agua, dada a sua duração, permitiam que se identificassem os pontos de queda após o desaparecimento da coluna levantada.

O emprego de binóculos com reticulo, das lunetas de bateria e dos goniometros - bussolas sempre simplificavam, como é evidente, as observações e a medida dos desvios.

Ocorreu-nos a adaptação ao nosso *canhão* da luneta panorâmica e do nível de pontaria do material de artilharia da Unidade, bem como a organização de uma tabéla que nos desse, para distâncias compreendidas entre 50 e 150 metros, com um escalonamento de 10 metros, os angulos de elevação em milésimos. Mas a rusticidade da nossa construção e os modestos recursos do Grupo nos fizeram cair na realidade...

Também nos ocorreu faser o tiro sobre o solo e deveu-se á falta de uma area suficientemente extensa e limpa que nos pusésse a salvo das consequencias caprichosas dos ricochêtes, a vélha e comoda solução: fica para mais tarde...

**

Ignoramos o destino dado ao *canhão*, como, também, si após o nosso afastamento da Unidade, foi ele utilizado ou aperfeiçoado.

Biblioteca de
“A Defesa Nacional”

Presentemente, dado que possuímos regular quantidade de pistolas COLT cal. 45, pensamos ser possível uma melhoria sensivel na adaptação que realizamos ha quasi um decenio, não sendo, dest'arte, descabida uma tentativa por parte dos camaradas da Trópa, na hipótese de não ter realização pratica entre nós o canhão-miniatura.

**

Antes de finalisarmos este artigo, que já vai longe, devemos advertir, mais uma vez, não constituir o *canhão* em apreço, em absoluto, uma invenção, e, sim, pura e simplesmente, uma adaptação que a muitos deve ter ocorrido, sendo até bem possível que nem a primasia da realização tivéssemos tido.

Sem preocupação de vaidade, que, aliás, seria de todo injustificada, podemos, entretanto, dizer que só agora vimos saber da existencia de algo parecido com o nosso canhão, porém com ele sem comparação possível...

**

Como ponto final, uma nota curiosa: — no dia da *experiencia oficial* do nosso já famoso (dentro da Unidade) *canhão-sinho*, um correspondente de jornal da localidade, no intuito evidente de nos ser agradável, comunicou ao seu representante a *invenção de um canhão* pelo signatario deste artigo.

Soubemos que a notícia merecera alguns centímetros de coluna do jornal e, mesmo, da sua transcrição em um outro periódico do Estado!

Aqueles que, porventura, leram tais notícias ficam, agora, inteirados da verdadeira grandeza dos fatos e da nossa nenhuma participação neles.

**

E tudo isso se passou em 1924.

“Os pombos correios e a Defesa Nacional”
do Dr. Freitas Lima, é o melhor trabalho existente sobre columbofilia.

Entrega de diplomas na Escola de Estado Maior

Discurso do Cel. Coelho Neto

Senhor Chefe do Governo Provisorio, Senhores Ministros, Senhor Interventor do D. Federal, Senhor Chefe do E. M. do Exercito, Senhores Almirantes e Generais, Exmas. Senhoras, meus Senhores:

Sejam minhas primeiras palavras de respeitosa saudação e de efusivo agradecimento pela honra de vossa presença nesta festiva reunião em que nossa Escola consagra, com justa ufania, a formação de mais um brilhante grupo de oficiais de Estado Maior, apto a colaborar nos complexos misteres do comando militar.

Permiti que não dissimule o meu profundo desvanecimento, proclamando o vosso dignificador interessé e o vivo e reconfortante estímulo que nos traz a solicitude de vosso comparecimento a esta solenidade.

Constitue esse vosso expressivo gesto a prova eloquente de que muito bem comprehendeis a magnitude da missão confiada a esta Escola e de que reconheceis a necessidade indeclinável de uma acção persistente pela salvaguarda de nossos fóros de cultura, seja qual for a sua natureza; pois, só assim, amparando e elevando o nosso nível cultural, poderemos transformar nossas aspirações em realizações fecundas e adquirir essa unidade de consciencia e de carácter que faz grandes os povos, porque é imprescindível à segurança de seus destinos.

A finalidade desta Escola visa essencialmente o ensino da guerra. Mas, é fóra de dúvida, que, dentro de sua órbita de actividade, encontra o problema magno da educação nacional, do qual depende o fortalecimento da unidade brasileira, vigorosos fundamentos onde assentar a solidez da sua cultura moral e cívica.

E ao Exercito, em particular, levamos destarte os frutos de nosso trabalho pertinaz e proveitoso. É o contributo profícuo de nosso esforço á grande obra patriótica de reconstrução que o empolga presentemente e á qual empenhamos todas as energias de nossa fé e entusiasmo para que seja integral e perfeita.

Meus distintos camaradas que acabais de terminar o curso de Estado Maior:

A esta casa que, dentro em pouco, ireis deixar, viestes um dia ter no anseio de aprimorar conhecimentos, de alicerçar cabedaes para o porvir. Na faina de busca-los, déstes de vosso labor todo o carinho, toda a grandeza de vosso esforço. Fatigados, embóra, da jornada, mas vitoriosos da empreza, ides agora partir. A hora que é, pois, de despedida, vem por si mesma impregnada de saudade, porque si aqui fundamentastes convicções e firmastes conceitos técnicos, aqui também creastes, pela amizade e camaradagem em que vivestes, um mundo imenso de recordações.

Na nossa nobre profissão mais uma etapa conquistastes. E se ardua foi a tarefa que até hoje tivestes na vida profissional, mais ardua ainda e pesada de atribuições será aquela que, pela investidura que, neste instante, recebeis, vos irá ser confiada daqui por aedeante. Multiplas são as especialidades exigidas num Exercito moderno para bom e seguro andamento do conjunto. Dentre elas, umas serão de execução mais penosa, outras de mais difícil realização. Nenhuma, porém, se sobrelevará á que vos cabe.

No desempenho de vossa missão de oficiais de Estado Maior, tão altamente dignificadora quão profundamente trabalhosa, tão soberbamente empolgante e seductora quanto evada de responsabilidades, fugis á singular contemplação de um panorama particularizado para, olhando de mais alto, abrangeedes de um só golpe e em maior amplitude o scenario global. Sereis, nesse mistér, com devotamento e consciencia, os colaboradores do Comando, os elementos indispensaveis para que ele se despreocupe das minúcias e, por vossa ação inteligente, haveis de ser para os Chefes, muitas vezes, quiçá, os próprios olhos da imaginação.

Para a desincumbencia de tão elevado e nobilitante encargo, se faz preciso um consciente esforço productor, que não esmoreça ao primeiro revez nem,

tão pouco, descure em sua pertinacia ao contacto da primeira victoria.

Complexa em sua actividade é a missão dos Estados Maiores. Sendo de co-operation constante, de criteriosa concatenação, ela se caracterisa pela ação ordenadora e serena, estudada e precisa, decisiva e segura e se reflete, inteira, na operosidade do Comando, que é, assim, a resultante natural dos predicados pessoaes de cada um dos membros de seu Estado Maior. A esses, portanto, impõe-se, irreprimivel, o dever de aumentar cada vez mais sua cultura, extendendo-a a campos diversos do saber humano, afim de colher ensinamentos que, em momento oportuno, se farão preciosos.

«A verdade na guerra — dizia Napoleão — é sempre difícil de conhecer a cada instante e em todos os logares, mas sempre possível de ser achada quando não se poupa esforço para isso». Na pesquisa dessa verdade, buscando-a por um trabalho tenaz e inteligente, por uma actuação consciente e sagaz, farão os Estados Maiores obra edificante e patriotica, a cuja sombra se agasalharão, nas horas tranquilas e felizes da paz, todas as bandeiras das actividades civis e pacificas da Nação e a cuja responsabilidade se virão prender, confiantes e desassombradas, nas horas tormentosas da guerra, todas as forças vivas, todas as energias, a tradição, a honra, a gloria e o futuro de um povo.

Não sei de profissão que realise maior valor, nem de encargo que se recubra de dignidade mais vasta. Tal é a missão que fareis vossa daqui por além, tais-as atribuições que vos hão de tocar.

Soldados do Brasil, creados no culto do amôr da Patria e fé na sua grandeza, na exaltação do civismo e da abnegação, recebeis nova incumbencia que, certo, vos honra imenso, na elevantada convição de cumprí-la com lealdade, com denodo e altivez.

Retornaes, assim, vibrantes de entusiasmo, para o seio do Exercito de cujas proficias actividades vulgares vos haviéis afastado durante o prazo de vosso curso. Sereis dentro dele, pelo vosso merito e pelo vosso patriotismo, seiva de vida promissora, nova energia vitalisante.

O Exercito é e ha de ser sempre o vigôr da Nação. Vivendo no recolhimento de si mesmo e em calada renuncia, numa atitude de obreiro obscuro e tenaz, de lutador destemeroso da peleja, de realisador ignorado, que não alardeia sua obra, mas que, serenamente, do sacrificio silencioso de cada hora, a vai tirando e avolumando, o Exercito é uma escola continua de patriotismo, de devotamento e de fé.

Ao contrario de ser um orgão constante de destruição, a sua função é eminentemente construtiva e creadora. Zelador inconfundivel dos elevados sentimentos da Nacionalidade, guardião imperturbavel da sua civilisação, da integridade da terra, da serenidade das instituições, o Exercito é, todo, uma oficina de ordem, de trabalho, tenacidade e bravura, que empenha sua vida á Patria e por ela pulsa e vibra, entregue dedicadamente ao culto de sua honra, de sua grandeza e da sua gloria.

Para que assim seja, porém, para que o Exercito, efetivamente, na perseverança de seu ideal, não fraqueie e não falhe, para que ele tenha, na verdade, uma existencia eficiente e nobre, é incontestavelmente preciso que toda ela se agite dentro de uma bem comprehendida comunhão de ideias, de uma camaradagem productora e sã, de uma cohesão perfeita e inquebrantavel, de uma solida, sobranceira e inexoravel disciplina.

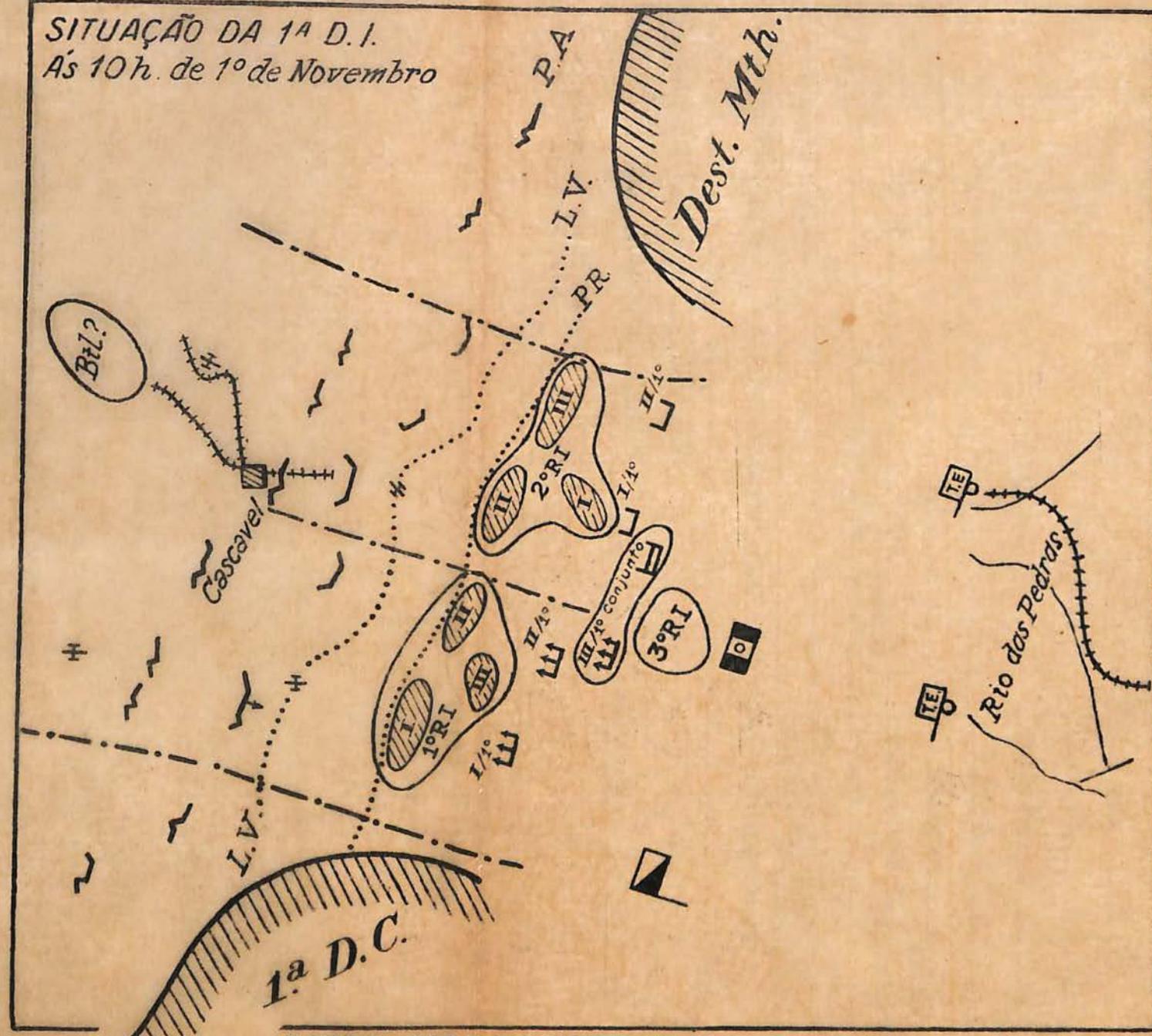
Só a disciplina crê em raizes profundas, só ela pôde organizar com perfeição, só ela sabe construir para o futuro. Evita a confusão desordenadora e esteril, afasta a indiferença, impede a desagregação. É força creadora que erige para o alto, em animo e pujança, a torre maravilhosa das victorias. É palio sob que se abrigam todas as virtudes, é esteio sobre que se prendem todas as conquistas.

Dentro dela e só por ela, será o Exercito coheso, forte e imperturbado, alheio ao destino das cousas que se não ligam á sua propria razão de ser, voltado, inteiro, á crença ardente de seus ideiais, atento a cada instante a voz de seus Chefes.

Confio, firmemente, que haveis de sempre ser fieis executores desses sentimentos que, é bem certo, hão de man-

CALCO ANEXO

SITUAÇÃO DA 1^a D.I.
As 10h. de 1º de Novembro



Secção de Infantaria

Ações em retirada

Notas d'um trabalho dado em aula

Pelo Cap. Durval M. Coelho

Prof. Adjunto da E. E. M.

Num movimento retrogrado a infantaria da vanguarda passará alternativamente de um dispositivo a outro, conforme a pressão do inimigo fôr maior ou menor; o dispositivo de fogos originar-se-á do desenvolvimento dos escalões de fogo.

No nosso exercicio interessa a retaguarda postada, por conseguinte, fractionada para fornecer fogos. Ela se compõe do 3.^º R.I., 1.^º R.C.D. e 1.^º R.A.M. com a missão de retardar o inimigo, instalando-se no planalto de Est. MATO SECO entre os cólos situados respectivamente a 3 kms. E.S.E. de J. ALCOBAGA e a 2 kms. N.E. de Est. MATO SECO até ordens ulteriores.

Os seus movimentos devem começar a partir das 18 horas, mas os seus reconhecimentos pôr-se-ão em movimento tão cedo quanto possível. Urge, pois, ao Cmt. I.D. prevenir aos elementos componentes da retaguarda da sua nova missão, dar as primeiras indicações quanto

ter o Exercito no alto nível que lhe tocará na grandeza dos destinos do Brasil.

Aproveitando o instante em que aqui estamos reunidos, administração, professores e alunos da Escola de Estado Maior, quero, em nome dela, dirigir-me aos distintos e ilustres Oficiais da Missão Militar Francêsa que, em breves dias, irão também deixar-nos, regressando ao seu longinquo e glorioso País.

Nas quotidianas lides escolares, acostumamo-nos a vêr nos prezados mestres da M. M. Francêsa, além de mestres, amigos generosos e a deles, cada dia, receber, com a amizade que conforta, o conselho que orienta e o ensinamento que guia. Do concurso inestimável de sua technica, de sua actuação proveitosa e leal, que sempre se caracterisou no equilíbrio do labor e da justiça, é farta a messe de resultados brilhantes que aqui ficam nesta Escola e, através dela, no Exercito, como obra indissoluvel e emerita que a posteridade ha de acatar e bemquerer.

á sua instalação, acionar os reconhecimentos.

Impõe-se, então, para ele, um prévio exame da situação para orientar os seus comandados no sentido desejado. Sem nos determos muito nas reflexões do Gen., examinaremos os seguintes pontos que principalmente atrairão a sua atenção:

- posição a ser ocupada;
- repartição das forças;
- ligações a assegurar.

— POSIÇÃO QUE A RETAGUARDA DEVE OCUPAR —

Tendo que retardar o inimigo até novas ordens, a sua missão tanto pode terminar a noite de 1/2 como se extender até o dia seguinte.

Na primeira eventualidade é pouco verosímil que o inimigo ataque em força á noite, mormente achando-se ao N. do ITUPEVA. Bastaria guardar as estradas ao N. de Est. MATO SECO e as passagens em J. MARTINS. Tal seria

A esses dignos e prolectos mestres, a Escola de Estado Maior, pela voz de seu comando, apresenta suas antecipadas despedidas, de envolta com uma admiração profunda e agradecida e com o sincero penhor de seu afecto.

A vós outros tambem, meus caros camaradas que hoje recebeis o diploma de oficiais de Estado Maior, num amplexo fraternal e amigo venho igualmente trazer os adeuses da Escola.

Estamos certos de que, pela vossa partida, ha de nela se abrir um vacuo que só preencheremos com a grande saudade que nos vae ficar, mas, ao mesmo tempo, certos tambem ficamos de que, em pról do Exercito, tudo envidareis, com o brilho de vossa inteligencia e a robustez de vosso carácter, para que, na esphera de vossas possibilidades, sejaes também contribuidores resolutos da portentosa obra que ha de fazer o Brasil tão sereno e tranquilo na sua ordem quão seguro e feliz no seu grandioso progresso.

Sêde felizes.

o caso si a sua missão fosse apenas de assegurar o escoamento do grosso, retirando-se por sua vez ainda a noite, quando o grosso tivesse ganho suficiente distância.

Na segunda eventualidade os seus escalões, os seus fogos devem molestar o inimigo á certa distância obrigando-o desde longe a se desenvolver e a progredir, através do campo. Si a ordem de recuo permitir, ela se retrairá antes de ser aferrada desmascarando novo escalão de fogo. Assim continuaria fazendo o jogo de escalões, até tomar um dispositivo escalonado, quando ganhasse suficiente distância do inimigo, si a missão consistisse apenas em se retirar sem a preocupação de retardar.

Neste caso, a posição mais favorável será sobre a crista do planalto de Est. MATO SECO para o primeiro escalão e, para o segundo, na garupa W. de JOÃO TANGERINA nas proximidades do provável eixo principal de progressão do inimigo.

Si, porém, ela se deixar aferrar, só mesmo procedendo a uma rutura, cuja técnica trataremos oportunamente.

— REPARTIÇÃO: — Dois eixos importantes de progressão do inimigo: o da crista da via-férrea e o da rodovia J. MARTINS — JOÃO TANGERINA que devem ser cobertos cada um por uma unidade de infantaria, seja um Btl. Como cada um desses Btls. não pode extender-se lateralmente além de certo limite sob pena de perder a coesão, poderemos empregar a Cia. Mtr. do R.I. para cobrir o vazio entre os dois.

O Btl. restante organizará um segundo escalão na região da garupa E. de JOÃO TANGERINA.

Em resumo:

— 1 Btl. na região N. de Est. MATO SECO a cavaleiro da via ferrea e da estrada para Est. ASTRAPEIA; frente compreendida entre a cabeceira da ravina 300 ms. S.E. de Est. MATO SECO e a região da bifurcação 1 km. W.S.W. desta Est..

— 1 Btl. a cavaleiro da estrada para J. MARTINS, desde as cabeceiras do pequeno arroio que como na direção de J. MARTINS até a pequena depressão 1.800 ms. W.N.W. do cruzamento 1.500 ms. S. de J. MARTINS.

— 1 Cia. Mtrs. no intervalo entre os Btls. precedentes.

— 1 Btl. na região do movimento de terreno de RIO DAS PEDRAS.

Embora não tratemos aqui das questões de Art. não podemos nos furtar em falar sobre o auxílio dessa arma. Para o seu emprego é preciso levar em consideração que:

- desorganizado o plano de fogos da D.I. na noite de 1/2, retirada a artilharia do grosso, é preciso que a Art. da retaguarda assegure fogos nas passagens do ITUPEVA e mesmo sobre alguns pontos interessantes ao N. desse, si for possível;
- o inimigo seja batido quando progredir do ITUPEVA para o Sul;
- enfim, que sejam reforçados e completados os fogos de infantaria pelas granadas da artilharia no caso de engajamento.

— LIGAÇÃO COM OS VISINHOS —

O Grosso do 1.º R.C.D. poderá ser empregado para assegurar as ligações com a 1.ª D.C.; 1 Esq. será destacado para missão analoga com o Dest. Mth.. Estes elementos durante o dia fornecerão frações para sondar a situação na frente caso o contacto não tenha sido retomado.

P.C. I.D. — RIO DAS PEDRAS, para onde vai o Gen. após o reconhecimento, seja, desde 15 horas por exemplo. O Gen. daí pode enviar a sua ordem geral. Nada impõe que ele retorne ao seu P. C. primitivo.

Depois desses reflexos o Gen. poderá redigir a sua ordem preparatória com as prescrições para o acionamento dos reconhecimentos. Neste ponto de vista bastaria que ele indicasse para a infantaria por exemplo: «Reconhecimentos tendo em vista a instalação de 1 Btl. em... 1 Btl. em... 1 Cia. Mtr.... composição» (abster-se de parcimônia, porque o trabalho é grande).

Os reconhecimentos minuciosos serão efetuados pelos Cmts. de Btls. interessados. Os do Btl. de Est. MATO SECO, por exemplo, poderão compreender, além do Cmt. do Btl., o cap. metralhador, 2 Caps. Fzo., Cap. Ajudante para as questões dos trens e serviços. Cada Cap. será acompanhado do seu séquito para

o balisamento das posições escolhidas. Alguns homens desse séquito ficarão em pontos bem determinados, em que as suas unidades devem abandonar as estradas, afim de guia-las.

**

Dada a premencia do tempo, a ordem preparatoria do Cmt. da retaguarda poderia sair entre 12 hs. 30 e 13 horas.

Como todo problema de combate é, antes de tudo, um problema de fogos, os reconhecimentos da retaguarda devem ter, a preocupação precipua dos fogos a realizar.

Em que constituirão, no caso, estes fogos?

Para retardar o adversario é preciso obriga-lo a se desenvolver e a progredir através do campo. Para isso cada escalão deve atuar com fogos longíquos principalmente de artilharia e metralhadoras; a seguir furtar-se ao combate de dia, antes de se deixar aferrar, protegido pela obscuridade, em caso contrario.

Não pode organizar um plano de fogos como na ofensiva normal, estabelecendo diante da frente uma barragem continua, densa e profunda visto que o seu fim principal é realizar fogos longíquos, tanto quanto possível linhas, mais ou menos densas, isto é, CORTINAS DE FOGOS.

A infantaria com as suas metralhadoras acha-se apta para cumprir semelhante missões.

Os batalhões de metralhadoras, de que se cogita atualmente, acham-se particularmente indicados para entrar na composição dessas cortinas; as unidades que as fornecem devem ser capazes, graças a potencia dos seus fogos, de manter eficazmente uma posição enquanto não forem fortemente atacados.

Dispostas ao longo de uma coberta, de um curso d'agua, ou sobre uma crista como no nosso caso, as armas de uma cortina ficarão com fraca profundidade; a barragem será linear mas todos os esforços devem tender para a realização da sua continuidade.

Em suma, as metralhadoras devem obedecer com certo escalonamento em profundidade mas, no momento assado, todas elas deverão bater uma linha além

da qual o inimigo não possa progredir sem montar um ataque de vulto.

Além desses fogos não devemos nos esquecer que alguns elementos devem ser destacados á noite para bater as estradas ao N. de Est. MATO SECO e a passagem de J. MARTINS.

Não é só quando entra na composição de uma retaguarda que a infantaria combate em retirada.

Nos P.A., pode apresentar-se a mesma obrigação; a pressão do inimigo obriga-la-á, ás vezes, a ceder terreno.

Em todos os movimentos retrogrados os processos da infantaria para deter o inimigo, tendo como meio essencial as metralhadoras, se reduzem em:

- constituir escalões sucessivos;
- realizar fogos continuos.

**

Depois dos reconhecimentos o Gen. trata de dar a sua ordem geral.

As principais questões que deveriam figurar nessa ordem, depois dos reconhecimentos, já foram discutidas, notadamente no que diz respeito ao plano de fogos.

Não sendo obrigação da retaguarda resistir sem arredar pé, como no caso de uma defensiva normal, mas devendo furtar-se sem se engajar a fundo, é preciso pensar no momento e no modo dela se furtar ao combate.

— HORA DE RECUO: — É uma questão muito delicada de resolver. A hora de recuo pode ser deixada á apreciação do chefe que se acha em contacto com o inimigo ou pode ser deliberada a priori, pelo comando, quer fixando uma hora, quer a partir do momento em que o inimigo houver atingido uma determinada linha.

A hora do recuo deixada a criterio do chefe de infantaria tem os seus inconvenientes. Ele pode apreciar essa hora levando em consideração tão sólamente a sua unidade, sem se importar com as vizinhas. Isso pode acarretar a queda de todo o sistema. Si determinada pelo comando nas condições acima expostas, apresenta a vantagem de ordenar todo o sistema. Para o comando, porém, apresenta-se uma decisão mui-

to delicada a tomar: determinar esse momento em conciliação com o desenrolar geral das operações, das quais nem sempre ele recebe informações oportunas de todos os pontos. No minimo, o recuo da retaguarda deve ser tal que assegure o tempo necessário ao recuo das diferentes elementos do grosso. A aviação pode prestar neste caso inestimável auxilio.

— EXECUÇÃO DO RECUO: — É difícil, sinão mesmo quasi absolutamente impossível, pedir a uma tropa de infantaria engajada que se retire e, ela mesma, se restabeleça mais á retaguarda.

A cavalaria com os meios de que dispõe pode fazer ação retardadora mas, mesmo assim, esta ação só será eficaz quando os cavaleiros puderem, em tempo oportuno, colocar as suas armas para estabelecer uma cortina de fogos na sua frente.

O infante não tem mobilidade para atuar do mesmo modo. Si atuasse assim, correria sempre o risco de ser abordado pelo adversario. Tem mais potencia devido ás suas metralhadoras, mas estas para se furtarem precisam de um meio de transporte mais rapido que as pernas dos infantes. Os meios automoveis podem ser empregados para completar os progressos do armamento.

As tropas deixadas á retaguarda para deter e retardar o inimigo devem ser dotadas, de caminhões, quando possivel.

Metralhadoras e engenhos automoveis, quando o terreno permite, são dois fatores importantes nas ações retrogradas.

No têma estudado as condições definitivas de recuo vão depender de ordens ulteriores do comando.

Si a tarefa de retardar o inimigo ficar exclusivamente a cargo da nossa retaguarda, o recuo desta poderá ser realizado da seguinte forma:

— os elementos de 1.º escalão se retraírão antes de deixar-se aferrar, através das dobras do terreno de JOÃO TANGERINA, abrigados das vistas terrestres, para irem se instalar no planalto de RIO DAS PEDRAS, desmascarando o 2.º escalão que se encontra na propria região da Est. de RIO DAS PEDRAS.

— atitude semelhante terá o Btl. da região da Est. de RIO DAS PEDRAS que irá para a região de Est. ORIS-SANGA.

e assim por diante procederia a retaguarda até ser acolhida pelo grosso.

Entretanto, o comando poderá achar mais util organizar nova retaguarda com o 2.º R.I. e Gr. de A. de Do. que vão se retirar para a região de Est. ORIS-SANGA.

Neste caso a nossa retaguarda safará sucessivamente o 1.º e o 2.º escalões e estes irão para os locais previamente designados sob a proteção da nova retaguarda.

Em ambos os casos torna-se necessário proceder aos reconhecimentos indispensaveis.

Iniciando os seus movimentos, ás 18 horas, a nossa retaguarda poderá chegar ás posições balisadas á hora indicada, mesmo os Btls. de Est. MATO SECO e Est. ORISSANGA, que têm percurso maior a fazer.

2.º) — RETRAIMENTO DO GROSSO

Como vemos no têma, o movimento do grosso se fará em duas colunas.

- coluna W. — 1.º Gr. 105 C. e 1.º R.I., por J. MARTINS — JOÃO TANGERINA, para a região de ITAQUI — Faz. ITAQUI;
- coluna E. — 1.º R.A.Do. e 2.º R.I. por Est. ASTRAPEIA — Est. MATO SECO — RIO DAS PEDRAS para a região de Est. ORIS-SANGA.

O dispositivo de marcha, organização da coluna, condições de partidas, itinerarios, são fixados de modo comparável ao que se processa numa marcha para a frente.

Os diferentes elementos dessas colunas se sucedem em ordem inversa — a infantaria depois da artilharia, na infantaria a tropa depois dos trens. Por fim devemos levar em consideração que se trata de uma marcha á noite, cujas dificuldades são bastantes conhecidas.

Nessa sessão ficou evidenciada a preocupação que o comando deve ter para facilitar os movimentos da infantaria, notadamente mediante cuidadosa prepa-

ração, e as complexidades acarretadas pelo grande numero de viaturas.

Estas dificuldades, esta preocupação, estas complexidades, são ainda maiores no caso de um movimento retrogrado.

Tiradas as conclusões dos fatores do raciocínio já feito, nas discussões anteriores, e tratando-se exclusivamente da execução do movimento prescrito, a nossa atenção vai ser ocupada sucessivamente pelos seguintes estudos:

- a) — da situação de partida,
- b) — da situação da chegada,
- c) — dos percursos,
- d) — das condições de execução,

seja, depois da leitura da ordem preparatoria, — deslocamento do grosso da região do planalto de Est. ASTRAPEIA respectivamente para as regiões de ITAQUÍ — Faz. ITAQUÍ e Est. ORISSANGA pelos dois itinerarios existentes, a partir das 20 horas.

Trataremos sómente do 1.º R.I.. O movimento do 2.º R.I. muito se assemelhará ao do 1.º.

— SITUAÇÃO DE PARTIDA

As Cias. de Mtrs. dos Btls. e do R.I., as Secs. de Mrt. dos Btls. e as Secs. da Bia. I., devem achar-se dispersas no terreno para satisfazer ao plano de fogos, precisando algum tempo para se reunirem e se pôrem em marcha. A ordem de marcha naturalmente indicada será:

- T.C.; Cia. Mtrs. de R.I., III Btl. (por se achar a cavaleiro da estrada), I Btl. e II Btl.

— SITUAÇÃO DE CHEGADA

A região de estacionamento indicada é ITAQUÍ — Faz. ITAQUÍ. Provavelmente (ainda estamos na ordem preparatoria) o Gr. 105 irá para a Faz. ITAQUÍ.

Na região de ITAQUÍ o estacionamento deve ser o mais possível abrigado das vistas terrestres e aereas por isso que, após uma marcha iniciada a partir das 20 horas de 1.º de Novembro, é quasi certo que o R.I. permaneça ai durante o dia 2.

O estacionamento poderá ser o seguinte:

- T.C., Bia. I. e Cia. Mtrs. R.I., sobre o caminho que na região ITAQUÍ liga as estradas para Faz. MOMBAÇA e para TRES BARRAS.
- III Btl. nas cabeceiras de ravina ao N. do U da palavra ITAQUÍ.
- I Btl. região da bifurcação 300 ms. N. de Faz. ITAQUÍ.
- II Btl. região da bifurcação 1 Km. N. de Faz. ITAQUÍ.

Os T.C. precedem a tropa, mas em condições tais que a infantaria ao chegar ao estacionamento encontre pelo menos ao seu alcance as viaturas mais indispensaveis. Nessa ordem de ideias as cosinhas rolantes, viaturas dagua, viaturas de bagagens, viaturas de viveres devem preceder ás unidades a que pertençam.

— PERCURSO

É pela rodovia J. MARTINS — JOÃO TANGERINA — ITAQUÍ, apresentando um desenvolvimento de 17 Kms. entre a região de partida e a de chegada (5 Kms. até o P.I. em J. MARTINS e 12 Kms. daí a ITAQUÍ). Tratando-se da principal estrada da região, o percurso parece inconfundivel, maximé levando em conta que as demais estradas cortam-na ou atingem-na perpendicularmente.

A tropa iniciando a marcha por volta das 20 horas poderá chegar aos estacionamentos indicados por volta das 2 horas do dia 2.

— CONDIÇÕES DE EXECUÇÃO

A marcha e o estacionamento terão que ser executados na obscuridade. Esta circunstancia importa, como vimos, que se proceda a uma minuciosa preparação, para facilitar a marcha e a instalação no estacionamento.

Recapitulemos as conclusões obtidas:

- 1.º) — Ordem de marcha:

- T.C., Bia. I., Cia. Mtrs. R.I., III, I, II Btls., cada Btl. com o T.C. reduzido.

- 2.º) — estacionamento:

- T.C., Bia. I., Cia. Mtrs. R.I., na região do caminho que na região de ITAQUÍ liga as estradas para Faz. MOMBAÇA e para TRES BARRAS;

- III Btl. nas cabeceiras do afluente S. do Córrego ITAQUÍ (N. do U da palavra ITAQUÍ);
- I Btl. bifurcação (região) 300 ms. N. Faz ITAQUÍ;
- II Btl. arredores do cruzamento 1 Km. N. de Faz. ITAQUÍ;
- 3.º) — Percurso facil de 17 kms., 5 kms. até o P.I. para os elementos mais afastados, 12 kms. até o estacionamento.

- 4.º) — Marcha e instalação á noite exigindo cuidadosa preparação.

Para esta preparação, que de acordo com a ordem preparatoria do comando só poderá ter inicio a partir das 14 horas, o coronel dispõe de 4 horas.

O Coronel do 1.º R.I., depois das reflexões acima, decide logo:

- acionar os elementos necessarios á preparação da marcha e do estacionamento;
- prevenir os comandos imediatamente subordinados sobre as operações em curso.

— PREPARAÇÃO DA MARCHA:

A tropa acha-se repartida nas posições ocupadas e estas devem ser abandonadas á noite, progressivamente da retaguarda para a frente, primeiramente a Bia. I., Cia. Mtrs. do R.I., depois o Btl. reserva e os Btls. em 1.º escalão, estes por sua vez começando os seus movimentos pelas suas reservas, até a tomada do dispositivo de marcha a partir do P.I. determinado em J. MARTINS. Os T.C., por sua vez, precederão as unidades correspondentes.

Uma vez na estrada, o R.I. terá que transpor a posição mantida pela retaguarda da D.I., onde devem ser tomadas precauções especiais, para evitar confusões, como sejam: a tendência dos homens da coluna dela se desviarem, para ficar na posição da retaguarda julgando que os movimentos terminam aí; e dos homens da retaguarda acompanharem os movimentos, julgando que os seus movimentos devem continuar; a possibilidade da retaguarda tomar os últimos elementos retirantes como forças inimigas e hostiliza-los.

A preparação deve ter em vista os movimentos dos diversos escalões para

pontos de reuniões e, após, o deslocamento desses pontos para atingir a estrada. Como tais movimentos tem que se efetuar através do campo, é mistério que os diversos itinerários sejam convenientemente reconhecidos e muito bem balisados. Este trabalho será dirigido por um oficial de cada Btl.. Um outro oficial, o proprio ajudante do R.I., ou substituto qualificado, poderá ser encarregado de trabalho analogo, relativamente aos T.C., Bia. I., e Cia. Mtrs. R.I. É claro, todos esses oficiais serão auxiliados por alguns homens.

Quanto á travessia da nova posição da retaguarda, um oficial será encarregado de entrar em ligação com o Cmt. desta para se inteirar dos elementos postados nas margens da estrada, o local dos elementos destacados da nova posição na direção de marcha. Ele deve conhecer bem a ordem de marcha do R.I., o momento da passagem dos elementos pela retaguarda para, permanecendo nas imediações da estrada e á altura da nova posição ocupada, informar o comando da retaguarda a terminação dos movimentos. Para o restante do percurso, até a região de estacionamento, será empregado um destacamento precursor para o reconhecimento e balisamento do itinerario e o afastamento dos obstaculos, acaso nele existentes. Será constituido dos esclarecedores montados e dos sappadores do R.I.

O destacamento referido, que deve se encontrar nas proximidades do P.C., partirá o mais cedo possível, isto é, imediatamente após a terminação de seus preparativos particulares e o recebimento da ração para o resto da jornada, afim de aproveitar as ultimas horas do dia para a execução de sua tarefa.

Dele se beneficiará o comandante do 1.º Gr. 105 C.

Os estacionadores devem tambem partir cedo, de modo tal que cheguem ainda de dia na nova região de estacionamento para poderem proceder á sua repartição e aos preparativos de instalação.

Passando ás 15 horas no P.I. em J. MARTINS, tratando-se de elementos legeiros, poderão chegar á região de destino antes das 18 horas.

Depois desse estudo, que deve ter consumido pouco tempo a um espirito afei-

to a essa ordem de cogitações, o Coronel trata de prevenir os seus comandos por meio de uma ordem preparatoria e, depois de acionar os reconhecimentos por uma ordem particular.

A ORDEM PREPARATORIA deve, em essencia, tratar dos seguintes assuntos:

- definição do movimento, de modo muito geral;
- indicações sobre o retraímento do R.I.:
 - ordem de marcha;
 - itinerario;
 - P.I.;
 - destino;
 - hora aproximada do inicio do movimento;
 - estacionadores;
- informações sobre a retaguarda.

A ORDEM PARTICULAR para os reconhecimentos deve, por sua vez, tratar:

- dos reconhecimentos e balisamentos a serem realizados para a reunião e a condução de tropa até a estrada;
- da ligação com a retaguarda;
- do destacamento precursor.

Estas ordens poderão sair entre 12 horas e 20' e 13 horas.

— ORDEM GERAL DE OPERAÇÕES:

A Ordem Geral de Operações da Divisão, deve ter chegado ás mãos do Coronel entre 17,15 e 17 h., 30.

Do estudo da ordem preparatoria o Cel. já poude tirar conclusões sobre quasi todos os dados do movimento retrogrado a executar.

Em complemento ás conclusões assentadas o Cel. pode extrair da ordem geral:

- a fixação da hora de passagem das suas unidades pelo P.I.: T.C., Bia. I. e Cia. Mtrs. do R.I., ás 20 h. 30, III Btl. ás 12 hs., I Btl. ás 21 h. 30, II Btl. ás 22 horas;
- a constituição do escalão de contacto cuja missão terminará á 0 (zero) hora do dia 2 (dois);
- recomendações relativas á manutenção do sigilo.

A Ordem Geral do Cel. deve precisar as condições de execução do deslocamento, em cuja preparação (parte es-

sencial numa marcha noturna) ele dispenderá toda a tarde, e a missão do escalão de contacto.

Penetremos nos pormenores.

— Calculo do escoamento (1)

Veremos, primeiramente, o escoamento no P.I. e depois no ponto em que a estrada corta a posição onde se acha instalada a retaguarda.

Elementos	Profundidade	Duração do escoamento
T. C.	900	18 minutos
Bia. I.	220	4 " e 30"
Cia. Mtrs. R. I.	170	3 " e 30"
III Btl.	1.100	22 minutos
I Btl.	1.100	22 minutos
II Btl.	1.100	22 minutos

Nesse quadro levamos em consideração que algumas viaturas dos T.C. dos Btls. seguem com o T.C. do R.I. as quais não são descriminadas para evitar delongas.

A passagem no P.I. poderá ser assegurada:

Elementos	Testa	Cauda
T. C.	20 h, 30'	20 h, 48'
Intervalo		2'
Bia.	20 h, 50'	20 h, 54'
Intervalo		1'
Cia. Mtrs.	20 h, 55'	20 h, 58'
Intervalo		2'
III Btl.	21 hs.	21 h, 22'
Intervalo		3'
I Btl.	21 h, 25'	21 h, 41'
Intervalo		3'
II Btl.	21 h, 50'	22 h, 12'

Esses intervalos são destinados a atender possíveis flutuações.

A distancia do P.I. até a crista do planalto de Est. MATO SECO é da ordem de 1,5 kms. que podem ser percorridos em 30'.

Infere-se daí que o T.C. começaria a penetrar na posição da retaguarda cerca das 21 hs. e que a cauda do II Btl. deixaria essa posição pouco antes das 23 horas.

Cada elemento designado no quadro teria os seus movimentos independentes, dentro do horario preestabelecido. Não é possível, á noite, o Cmdo. de grandes colunas.

(1) Foi feito á razão de 3 kms. por hora.

Interseção - Avante

Pelo Cap. Amangá C. Menezes

O método normal para a determinação de objetivos vistos de observatórios terrestres é a interseção. Deste modo é necessário que na busca de observatórios seja levado em consideração as condições de emprego deste processo, ou determiná-los em número suficiente para que, dentro da zona de vigilância, três destes sempre ofereçam condições favoráveis.

Isto, terá emprego corrente entre nós em qualquer que seja a situação, isto é, com ou sem carta precisa da região ou ausência absoluta desta, porque em 6 horas de trabalho nas condições desfavoráveis pôde o Orientador fornecer a posição relativa das peças, observatórios e objetivos, elementos estes obtidos por meio de interseções com precisão suficiente.

O fim do presente trabalho é expôr a solução do problema em questão pelo método chamado do ponto aproximado.

O método compreende 4 fases distintas:

- 1) — Execução da interseção numa escala de 1/50.000, 1/20.000, 1/10.000 e pelos processos conhecidos determinar graficamente as coordenadas do ponto visado.
- 2) — Determinando assim o ponto aproximado, procura-se o ponto de encontro das visadas com os eixos coordenados que passam por esse ponto pelas fórmulas seguintes:

Seja E o ponto de Estação de coordenadas X e Y conhecido
 A o ponto aproximado de coordenadas x e y conhecido
 ET paralela a Ay

O II Btl. fornecerá um destacamento de polícia.

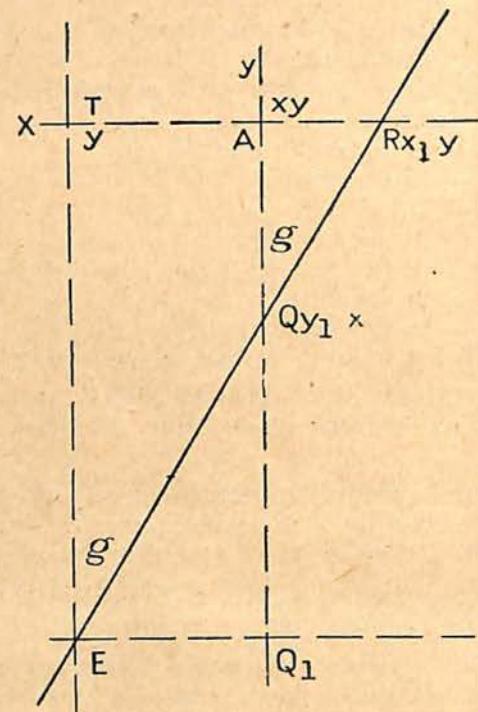
— LUGAR DOS COMANDANTES DE UNIDADES.

O procedimento do Comando durante o abandono de uma posição, mesmo quando esse se processa sem atropelo, como deve acontecer no caso presente, tem certa analogia com os de um Cmt. de navio sinistrado.

Cada chefe deve se esforçar em não preceder a sua tropa para que esta não suponha que se trate duma fuga. Se não for possível a cada chefe se retirar com os últimos elementos, ele só deve aban-

Seja R o encontro da visada ER com o eixo x x_1 de A x_1 y que se quer determinar, temos

$$x_1 = X + TR$$



mas no triângulo ETR;

$$\begin{aligned} TR &= ET \operatorname{tg} g \\ \text{porém} \\ ET &= (y-Y) = y \\ \text{logo} \\ ET &= Ay \operatorname{tg.} g \end{aligned}$$

donar o seu P.C. pelo menos depois da saída de parte desses elementos.

Nessas condições o Cmt. do 1º R.I. deve partir depois do III Btl.; o Cmt. deste Btl., depois da Cia. Testa, etc..

Os chefes devem velar com carinho pela evacuação do material e documentos diversos. Caso todo o material não possa ser evacuado, deve ser escondido, particularmente as munições, ou destruído mas sem provocar explosões para não alertar o inimigo.

As unidades serão prevenidas sucessivamente, para evitar indiscrições, pouco antes de deixarem as posições.

(Continúa)

onde

$$x_1 = X + Ay \quad \text{tg. } g \quad (1)$$

Seja o encontro da visada EQ com o eixo $y y_1$ de A de coordenadas $x y_1$ que se quer determinar temos:

$$y + Y + QQ^1$$

mas no triangulo EQQ^1 :

$$QQ^1 = EQ^1 \cotg. g$$

porém

$$EQ^1 = (x - X) = x$$

logo

$$EQ^1 = x \cotg. g$$

onde

$$y_1 = Y \pm x \cotg. g \quad (2)$$

O emprego das formulas (1) e (2) e dos sinais é especificado no quadro abaixo.

4.º quadrante

$$\begin{array}{ll} g < 5500 & y_1 = Y + \Delta x \cotg. g \\ g > 5600 & x_1 = X - \Delta y \quad \text{tg. } g \end{array}$$

3.º quadrante

$$\begin{array}{ll} g < 4000 & x_1 = X - \Delta y \quad \text{tg. } g \\ g > 4000 & y_1 = Y - \Delta x \cotg. g \end{array}$$

Determinado assim para as diferentes estações os x_1 e y_1 passa-se á 3.ª fase.

3) — Para isso constroe-se um grafico na escala de 1/100 e fazendo A centro dos eixos coordenadas divide-se os eixos x e y em unidades de metro.

Marca-se os x_1 e y_1 e por estes pontos constroe-se a visada do ponto respetivo de acôrdo com o seu lançamento.

4) — Obtidas assim as visadas passa-se á 4.ª fase ou seja a compensação.

É suficiente então que se proceda a um deslocamento das visadas proporcionalmente ás distâncias e obtenção do ponto definitivo.

Vejamos, para maior elucidação do caso, um exemplo pratico: — Sejam tres observatórios

$$\begin{array}{l} A \left\{ \begin{array}{l} 97.400 \\ 96.670 \end{array} \right. \\ B \left\{ \begin{array}{l} 98.100 \\ 98.000 \end{array} \right. \\ C \left\{ \begin{array}{l} 96.300 \\ 99.560 \end{array} \right. \end{array}$$

Cujas visadas respectivas para um ponto desconhecido A foram respectivamente: 5209, 4657 e 3707.

1.º quadrante

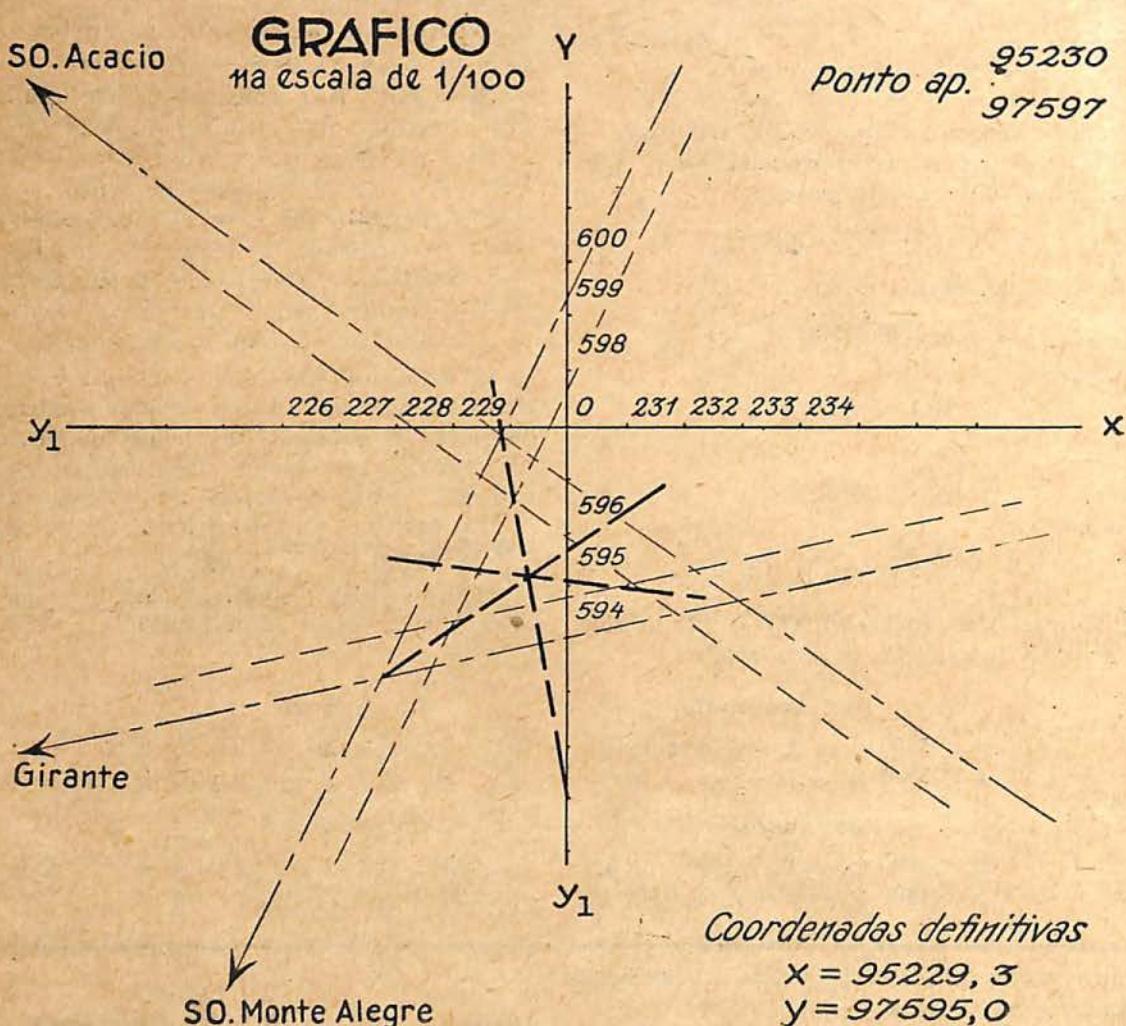
$$\begin{array}{ll} g < 800 & x_1 = X + \Delta y \quad \text{tg. } g \\ g > 800 & y_1 = Y + \Delta x \cotg. g \end{array}$$

2.º quadrante

$$\begin{array}{ll} g < 2400 & y_1 = Y - \Delta x \cotg. g \\ g > 2400 & y_1 = X + \Delta y \quad \text{tg. } g \end{array}$$

Ponto interseptado. Chaminé da Fabrica de cartuchos do Rea- lengo (a mais alta)	Ponto aproximado	(a)				Sinais (1) Sinal mais + (2) „ menos -
		(b)	(a)	(b)	(a)	

Pontos de estação X Y	Gisements g.	(a) Y y y	(b) x x x	(a) lg y + lgtgg	(b) lg x + lg cotyg	X ± ytgg	(a) Y ± x cotgg	(b) Y ± x cotgg	D Compri- mento da vi- sada
S O de Acacio 97.400 96.670 (66º 59')	5209 1191 (66º 59')	97400 95230 -2170	(b)		(b)	3 33646 1.62820 2.96466	(b)	(b) (1) 96670 926.2 97596.2	2.400
Morro do Girante 98100 1457 98000 (81º 57')	4657 1457 - 2870	98100 95230 - 2870	(b)		(b)	3 45788 1.15054 2.60842	(b)	(b) (2) 98000 405.9 97594.1	2.940
So de Mte. Alegre 96300 507 99560 (28º 30')	3707 507 - 1963	99560 97597 - 1963	(a)		(a)	3 29513 1.73476 3.02989	(a)	(a) (2) 96300 1071.2 95228.8	2.300



Do exposto acima vemos que o processo é bastante simples, rapido e de precisão bastante para o emprego nas operações da Artilharia de Campanha.

Dentro destas condições seu emprego deve preferir ao do calculo da interseção a ré pela solução do Patanô analítico, salvo quando o orientador dispõe de tempo suficiente para tal (ou como melhora dos dados obtidos anterior-

mente) ou quando a natureza da operação exija esta precisão.

a) o erro de orientação do aparelho utilizado, b) o erro grafico na escala 1/100 e c) o do emprego do transferidor. O erro de calculo é considerado nulo.

Nota.: — Este processo vem exposto no Manual de Topografia, Titulo VIII na pag. 152, ed. 1925.

ASPECTOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

Pelo Major **Mario Travassos**
Prefacio de **Pandiá Calogeras**

A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preço : 5\$000

Assinantes: 4\$000

Socios: 3\$000

Lei de movimento dos quadros

A «Defesa Nacional» que sempre pregou a necessidade duma lei que regulasse as classificações e transferencias, sente-se perfeitamente á vontade para rejubilar-se com a primeira lei decretada na administração do novo Ministro da Guerra, a qual, assim, correspondendo ás especativas do Exercito, parece querer afirmar tacita e decisivamente sua orientação, *rumo novo*.

Em o nosso n.º 55, correspondente a Abril de 1918, argumentavamos:

«Uma unidade do Exercito, quaisquer que sejam a sua latitude e longitude, não existe sem motivos; todas devem estar por igual prontas para cumprir a sua missão constitucional...»

É preciso vencer urgentemente as dificuldades da distribuição dos oficiais».

Daí para cá insistimos sempre pela flagrante necessidade, que se tornava cada vez mais imperiosa, e uma unica providencia surgiu, precedentemente á atual lei, foi a Portaria de 17-I-921 (Bol. do Ex. n.º 359), cujas normas gerais estabelecendo um justo criterio, classificava as guarnições em 3 categorias e dava prioridade áqueles que estivessem servindo por maior tempo nas categorias inferiores, para cujo calculo estabelecia coeficientes, sendo fixado o dia 10 do inicio de cada trimestre para limitação das indicações.

«No segundo trimestre, poucos foram aqueles que apresentavam *por via oficial* as pretenções, mas, seguidamente, e por vezes, de modo pouco regular, encaminham-se os interessados a este ministerio»; são os termos por que a propria autoridade em seu Aviso de 28-VI-921 (Bol. Ex. 392) confessa a falencia da lei. É que nela se continha o germem destruidor que não a deixou sobreviver, tal era o disposto no paragrafo 1.º do art. 7.º que assim dispunha:

«O governo, entretanto, por conveniencia do serviço, poderá deixar de atender a qualquer transferencia ou mesmo efetua-la para onde julgar necessário».

Daí encaminharem-se os interessados ao ministerio, nos termos do Aviso citado, e continuar tudo como dantes, dispensando-se as autoridades de fazerem as indicações a que se referiam os artigos 1.º e 5.º.

A atual lei não contem nenhum dispositivo destruidor, ela é construtiva por excelencia.

Examinemo-la em sua contestura e nas normas que estabelece, as quais se introduzem num verdadeiro enredo de um criterio bem definido de exigencias assaz suaves.

A base sobre que repousa a nova lei, é a da obrigatoriedade da passagem de todos os oficiais pelas regiões fronteiriças. Fa-lo, porem, por tal modo equitativo e suave, que chega a conciliar os antagonicos interesses individuais e do serviço, estabelecendo *os minimos de tempo* capazes de lhe darem uma praticagem util no exercicio de suas funções e sem outros onus, vai pedir tal tempo de arregimentação como exigencia para a promoção, não para cada posto, porém em situações hierarquicas distintas, como sejam: subalterno, capitão e oficial superior.

A formula: tempo minimo de serviço arregimentado, com o acrescimo dum determinado periodo na zona fronteiriça — traz a perfeita conciliação dos interesses coletivos com os individuais.

**

Afim de satisfazer tal conciliação foram os Estados grupados em quatro zonas (art. 2.º), segundo as necessidades de ordem militar, e para elas previstas um limite de *quadros minimos*, quando por circunstancias imperiosas, não seja possivel obter os quadros normais. Assim, nos corpos da 1.ª zona, subsistirão 2/3 e nas demais metade (art. 3.º); e como tal computado em cada grupo de postos: subalternos, capitães e oficiais superiores. Só se passando a completar cada quadro da 2.ª zona, quando completo o correspondente da 1.ª, e igualmente para a 3.ª com os correspondentes da 2.ª.

**

O «pivot» desta engrenagem assenta no art. 4º, onde se determina que todos sirvam obrigatoriamente na 1.ª zona:

- *os de cavalaria* — nos tres periodos (como subalterno, capitão e oficial superior);
- *os das outras armas e serviços* — em dois periodos (como subalterno ou Capitão e como oficial superior);
- aqueles, (Cav.) tirarão dois destes periodos no R. G. Sul, sendo um como Cap., e outro no Paraná, Sta. Catarina ou Mato-Grosso; e estes (os demais) terão um periodo pelo menos no Rio Grande. Os oficiais do quadro de E.M. farão um destes periodos em função de estado-maior.

Na 2.ª zona todos deverão servir em dois periodos, dos quais um como subalterno ou Capitão.

*

**

O art. 5º vai estabelecer o modo como processar as designações e transferências, o qual consta de dois métodos que conjugados evidenciam o caráter impensoal do critério e conciliam os interesses em luta, pois que consulta:

- a) — à preferência do oficial;
- b) — à necessidade do serviço;

atendendo-se em *a* aos que não tenham ainda servido na zona compulsória pela ordem de antiguidade de posto e em *b* aos que maior permanência tenham nas guarnições de 1.ª categoria; passando-se após aos da 2.ª e 3.ª respectivamente.

Excepções foram abertas por indispensáveis as funções *técnicas* e dos *especialistas*, bem como para com a situação peculiar à aviação e aos serviços.

Certas compensações foram estabelecidas (art. 6º e 7º), como ferias dobradas, contagem de tempo majoradas para efeito de reforma e direito a transferência para guarnição de melhor categoria. E para assegurar o funcionamento deste mecanismo, o movimento de oficiais vai-se dar em *épocas fixas* (art. 9º) determinadas pelo Ministro da Guerra, de modo a chegarem aos corpos um

mês antes do inicio do período de instrução que mais interessa a sua atividade.

No nosso n.º 55, já dissemos:

«Convém estabelecer *épocas especiais para as transferências e para as promoções*.

As transferências em época certa já estão delineadas no Aviso de 13-I-917, que procurou salvaguardar os interesses da instrução, mas que naufragou porque foi medida isolada como tal sem exequibilidade. Quando não militassem a favor dessas medidas as mais interessantes questões de instrução e organização, justo seria institui-las para evitar que o ministerio da guerra vivesse constantemente ocupado com essas questões que são, de fato, relativamente subalternas».

A fixação das épocas vem ainda facilitar as autoridades a previsão das verbas de transporte e ajuda de custo e sua equitativa distribuição, pois não raro, repetiu-se o fato de oficiais transferidos para regiões mais próximas irem ali encontrar verba, que já não existia em guarnições mais afastadas, deixando os que para lá seguiam em situação bastante aflitiva.

Outra medida a esta correlata vem igualmente contribuir para que cedo não se exgote a verba prevista, tal a que se contém no art. 14, n.º 3, que determina: «só efetuar transferências por necessidade de serviço quando não houver pedidos». Introsa-se mais uma vez o interesse individual com o coletivo.

O título VI, estabelece regras razoáveis para o exercício de funções extranhas à tropa (arts. 15 e 16) e fôra do Exército (art. 17).

Já em o nosso n.º 152 pedíamos uma lei que:

«previsse a reforma de oficiais julgados inaptos por um Conselho Superior de Justiça (inaptidão moral, profissional, ou física)».

O atual art.º 18 creou essa novidade mandando submeter a julgamento aqueles que se revelarem incompetentes, dando-lhes por penalidade única a reforma.

O Problema de Instrução na Cia. de Infantaria

Notas fornecidas aos alunos da E. M. P.

Pelo Cap. J. B. de Mattos

A Instrução no 2.º Periodo

Programa (1)

A instrução no 2.º periodo tem a duração de 2 meses, e compreende tres agrupamentos:

- Instrução da tropa — a cargo dos Cmtes. de Cias.
- Instrução dos quadros — continuação do programa a cargo do R.I. e do Btl.
- Instrução dos especialistas e dos serviços — a cargo do R.I. e do Btl.

A instrução da tropa — a unica de que tratamos — comporta o aperfeiçoamento da instrução tatica do Pelotão e a totalidade da instrução tatica da Companhia.

(1) Esta explicação precede o Programa do 2.º Periodo que saiu no n.º 234.

É uma nova modalidade criminal, que não se contem em nenhum dos casos previstos na «*Inobservancia do dever militar marítimo*», Capítulo III, do anacrônico Código Penal da Armada, que embora ampliado, nunca foi adaptado ao Exército. A inaptidão revelada para o exercício normal de comando, achava-se até agora unicamente prevista no Regulamento disciplinar, não podendo, pois, ser o inapto afastado das funções que mal exercia.

A exclusividade da pena, como o modo de julgamento, talvez não estejam conforme as normas jurídicas, o que só o futuro nos dirá. Uma garantia, no entanto, acha-se ali assegurada, e das melhores, é a de afastar o acusado do meio que lhe pode ser hostil, dando-lhe uma atmosfera de maior confiança pela

O maior numero possível de exercícios de Pelotões e Cias. devem ser feitos com o concurso de secções de metralhadoras.

Além da instrução tática do Pel. e da Cia., o periodo compreenderá sessões de revisão das partes da instrução teórica que não tenham sido bem tratadas no 1.º periodo e outras que sejam úteis repetir.

Resumindo a titulo de indicação, apresentaremos o quadro anexo: (1)

Baseado no dito quadro e obedecendo ás mesmas indicações constantes das notas anteriores serão organizados os quadros mensais, semanais e diários.

É oportuno chamar a atenção para a dificuldade que encontrará o Capitão para dispor do efetivo do R.E.C.I., não só em homens, como em material e viaturas, dificuldade só sanável com a adoção, pelo Cmt. do Blt., em seu programa, do trabalho em conjunto das Cias. do Btl., de modo que cada Capitão possa dispor dum efetivo real duas vezes por semana.

completa isenção de animo que a insuspeição lhe pode assegurar.

**

As disposições transitórias vem finalmente assentar o espirito de tolerância com que foi organizada a lei, pois, numa benignidade extrema, considera os oficiais como havendo satisfeito as condições relativas aos postos inferiores ao seu e, as do atual, si atingido o terço mais antigo do quadro e, ainda, si apenas atingido a metade, não lhe exigirá o cumprimento total do tempo de serviço nas 1.ª e 2.ª zonas durante o 1.º ano de execução da lei.

Não se podia aspirar uma lei mais tolerante nem mais equitativa.

A ideologia política

Por Émile Corra

(Extratos e tradução por J. B. Magalhães)

Em matéria *política* não logrou ainda o espirito positivo predominar e impor-se como acontece com o caso das outras ciencias teóricas e suas respetivas aplicações práticas. Nela o puro empirismo e os processos arbitrários, têm sido até agora preferidos aos científicos. Ela permanece, de fato, por isso em estado análogo áquele em que se achava na época anterior a Bacon, Descartes e Galileu, regendo-se por *opiniões, doutrinas, sistemas construídos à priori.*

Isso torna-se evidente nos estados patológicos da sociedade que assumem certa gravidade. Para tratá-los, reunem-se, então, conferências nacionais ou mundiais para discutir os processos e recursos de cura do mal que aflige a todos. Procede-se, assim, tal como se fazia em Babilónia, onde era costume trazerem-se os doentes para a praça pública e, sobre seu caso, consultar os transeuntes.

É tanto mais estranhável essa ogerisa á adoção dos métodos positivos em política, quanto de fato é o espirito positivo o arquiteto de todas as sociedades humanas, que assentam em fundamentos sólidos, que são construídas sómente de razões práticas espontaneamente reveladas. Os primeiros homens obedeceram na construção da sociedade, sem murmurar e sem que nenhum mago ou legista lhes revelasse disso os segredos, apenas á *necessidade* e á *experiencia*. É por isso que a geroncracia (assemblea ou governo dos velhos), foi a forma primitiva mas espontânea de governo, a qual ainda hoje perdura em certas tribus retardadas. Sobre esta base natural e sólida, puderam soberbas civilizações desenvolver-se e durar milhares de anos na Ásia e no Oriente, antigo.

A massa humana é, porém, intelectualmente mediocre e credula. Sente enormemente a necessidade de ser dirigida e, a tal ponto, que atribue logo, aos que vêm claro nas situações e sabem livrá-la de certos males que as afligem, poderes sobre-naturais. Então, obedece-lhes servilmente.

Esta sua predisposição instintiva fez surgir um contrapeso ao poder diretor dos velhos: os feiticeiros ou mágicos, os heróis. Passou, assim, o governo a ter um carácter *místico*, que, embora modificado no decorrer das diversas eras da evolução social, perdura ainda hoje. No dizer de Frazer «os mágicos, são temidos e respeitados e quando contribuem para o bem

publico tornam-se funcionários públicos. Exercem influencia poderosa sobre o espirito dos homens elevando ou deprimindo a sorte de seus adoradores e súditos. É assim que, através de transformações sucessivas chega-se á instituição da divindade dos reis, a qual, a seu turno, cede o passo á doutrina mais modesta que os faz apenas reinar por direito divino⁽¹⁾.

De fato, os Faraós, deuses vivos; os imperadores da China e do Japão, filhos do Céu ou do Sol; os reis do ocidente, instituídos por Deus, nada mais são que sobrevivências dos feiticeiros, mágicos e curandeiros das sociedades mais barbares. No século XVIII ainda havia curandeiros de prestígio reconhecido.

O mito da divindade dos reis, já fortemente abalado com a execução de Carlos I da Inglaterra, caiu definitivamente com a cabeça de Luiz XVI, de França, em 21 de Janeiro de 1793. Mas esse *mito político* perdura, transformado, de direito divino em *soberania do povo*, tão falsa em princípio quanto a primeira, e muito mais perigosa na realidade.

Com a mística teoria do direito divino, uma vez instituídos, os governos ficavam estabeis, podendo os administradores da sociedade dispor de tempo para adquirir os conhecimentos e a experiência das necessidades da sociedade; ao passo que isso não se dá com a *mística soberania do povo*.

O desequilíbrio, a instabilidade, caracteriza os regimes democráticos. É uma resultante imediata do recrutamento dos homens políticos por meio da eleição, que submete os *superiores* ao julgamento dos inferiores, de uma opinião pública heterogênea, constituída de uma multidão de fações que impõem a seus eleitos soluções políticas diferentes para as mesmas questões que interessam a todos, e levava certamente Gambetta a comparar a Câmara de Deputados a um espelho quebrado que não refletia a imagem do país mas sua caricatura. A política torna-se uma teia de mexericos e intrigas de campanário; política de burgo podre ou de fócos revolucionários, e dá lugar a que Clovis Hugues observe ser «a função do Deputado incompatível com a do Legislador».

Nos países democratizados, o governo torna-se instável ainda por que emana e depende

(1) — O homem-Deus.

de coligações de correntes partidárias mais ou menos importantes, isto é, fica sujeito a sistemas *a priori*, o que não se coaduna com as necessidades reais.

Cêdo ou tarde, portanto, sendo honesto, o homem político vê-se levado a contrariar seus eleitores uma vez que lhe vão impondo os interesses gerais. É, então, acusado de traidor e é derrubado.

Homens experimentados e doutrinários mais ou menos sinceros, jamais duram no poder o tempo necessário para conhecer e aperfeiçoar-se na função de governar e para poderem elevar-se acima dos interesses particularistas e de todos os partidos sempre hipnotizados por seus egoismos ou quimérias.

Além disso, a usurpação de poderes, a confusão dos poderes legislativos e executivos, às vezes mesmo também do judiciário; o enfraquecimento da autoridade central; a anarquia, a demagogia e por fim a ditadura, são as consequências lógicas da obstinação democrática servilmente respeitada e obedecida. Um governo robusto é de tal modo necessário à boa saúde das sociedades que os povos suportam uma autoridade pessoal, brutal, mesmo terrorista, com mais calma e resignação que uma direção frouxa.

**

Observe-se, porém, que as ditaduras surgidas das democracias em decomposição, apresentam um caráter anormal que é originário de sua fonte: — elas são, do mesmo modo que as democracias, demagogias e místicas.

A perturbação do nosso espírito causada pelo desenvolvimento do poder que adquirimos para modificar as coisas o mito da soberania política dos homens e o delírio legislativo daí resultantes, têm perturbado a tal ponto a razão na sociedade moderna que se crê na onipotência humana em relação aos fenômenos sociais e que é possível, a bel prazer, transformar o mecanismo dos organismos coletivos e sujeitá-lo a novos planos, traçados *a priori*. Assinala a esse respeito A. Comte que «muitos espíritos participam ainda do grande erro dos filósofos e dos legisladores da antiguidade que pretendiam sujeitar a marcha da civilização a suas concepções sistemáticas, em vez de a ela subordinarem seus projetos».

Isso explica também porque assistimos a estas tentativas intrépidas para regenerar os governos debois, substituindo-se pelo «bom tirano» na mesma ordem de idéias que absorvia já o espírito dos publicistas do século XVIII que pre-

tendiam reconstruir a família, a propriedade, a linguagem mimica, oral e escrita, a moral teórica e prática, a religião, a natureza humana, a pátria e a humanidade. E porque não o sistema solar ou, ao menos corrigir a inclinação do eixo de rotação da Terra sobre a órbita, tornando-a mais confortável à habitação do homem?

Tal é, sem dúvida alguma, a mentalidade dominante nas diversas revoluções havidas desde o começo do século XX: o Kuomitang na China, o bolshevismo na Rússia, Kemalismo na Turquia, o fascismo na Itália, o hitlerismo na Alemanha.

Certo, este tratamento ortopédico convém a algumas sociedades doentes, vítimas de acidentes, ou mal conformadas de nascença, por isso que elas se resignam e o suportam. Não é, porém, deseável generalizá-lo nem, aliás devemos temer que isso aconteça porque seu efeito seria fazer sociedade retrograda e decompor-se em muitas outras, todas dessimilhantes como se deu na Grécia antiga.

Tudo é bem velho já dizia Aristoteles. Todas estas pretendidas novidades políticas nada mais são, no fundo, que verdadeiras exumações de coisas que a humanidade já repudiou. Isto de tal modo é verdadeiro que nos leva a crer que em sociologia, como em química «nada se perde, nada se crea».

Não é pela restauração do passado que se melhorará o estado social atual de um modo durável. A ditadura, a tirania, a monarquia absoluta, são estados peremidos em consequência de vícios que renascerão infalivelmente com a restauração e os quais a sociedade moderna suportaria muito menos que a antiga.

Apezar de todas suas imperfeições a democracia tem prestado aos povos o grande serviço de arrancá-los da situação de nervos para formá-los de cidadãos, tornando-os responsáveis pela própria sorte, interessando os diretamente nos negócios públicos, — deixando-lhes liberdade e tornando leiga a política.

Não será, portanto, mergulhando-os novamente no mutismo e na servidão, tornando-os indiferentes ao poder retrogradando-os que melhor se assegurará a ordem para obter uma mais harmoniosa marcha do progresso.

Os erros do mito democrático, como de seus antecessores, os abusos que provoca, devem ser corrigidos e eliminados, é incontestável, mas por processos sem evidência, sem revoluções que são apontados como crimes do regime democrático enquanto que a democracia tem justamente a vantagem de tornar evitáveis tais recursos.

Para isso haveria de contribuir certamente a adoção de certas medidas tais como: limitação da idade para ser eleitor a partir de 25 anos e do direito de elegibilidade aos maiores de 30 anos; o renovamento parcial das assembléas legislativas; não deixar aos membros dessas assembléas a *iniciativa das leis* e dos orçamentos, reduzindo suas atribuições ao puro controle dos atos do governo através do exame das questões de finanças públicas; reprimir a licenciosidade no falar e no escrever pela imposição da necessidade da prova das acusações contra os funcionários públicos.

O aumento do eleitorado, sobretudo pelo direito eleitoral dado às mulheres, não é de molde a corrigir os defeitos da democracia. Tende, ao contrário, a agravá-los. As mulheres são mais numerosas que os homens, mais sentimentais e menos realistas que eles no ponto de vista social, e é essa uma das causas por que nos países em que se fizeram eleitoras, crescendo o volume da massa votante, as coisas, em vez de melhorar têm peiorado.

A maior necessidade das sociedades modernas é sobretudo a de que um *espírito verdadeiramente positivo*, nelas predomine. Precisam elas, em suma, que governantes e governados tenham mais *bom senso* que *ideologia*, para que às soluções de seus *problemas* resultem da observação atenta das realidades de sua existência, única base estável de um regime democrático.

Não é fácil satisfazer esta condição.

Não cessam de surgir novas *ideologias* e neste momento mesmo vemos aparecer os que pretendem regular o curso dos fenômenos econômicos, subtraindo-os à *razão prática* para, inspirados por teorias nominalmente científicas, querer sujeitá-los às conclusões de uma *razão puramente dedutiva*.

Fez-se o atual Roosevelt, grande improvisador e campeão de um «Trust de inteligência» constituído de professores de *economia política*, ou melhor de *professores de plutocracia*, cujas vidas não abarcam mais que os *interesses materiais*, e estes mesmos, restritos aos dos *produtores*. São os prosselitos de uma *economia dirigida*, a qual Flandin, antigo Ministro das Finanças, em França, chamou de *teologia desordenada*, por que as conclusões contraditoriais a que têm chegado os que pregam os novos credos econômicos, lançam uns contra os outros, neutralizam-los e os expõem ao ridículo universal.

A intervenção dos *sociólogos*, a título de *conselheiros técnicos* dos governos, é, na situa-

ção atual da sociedade, injustificável. O exemplo de A. Comte, fundador da sociologia, querendo intervir por seus conselhos na direção prática da sociedade, não deve ser desprezado. As aplicações concretas da sociologia imaginadas por ele, prejudicaram evidentemente o próprio resultado que procurava atingir, não obstante não cessar o grande filósofo de propugnar pela distinção entre o poder *espiritual* e o *temporal*.

É que a *Política é uma arte* derivada da sociologia que é uma ciência abstrata que paira muito acima das contingências próprias a cada momento, não obstante uma mulher de espírito dizer, no século XVIII: «o que me desgosta na história é pensar que, a seu turno, o que eu vejo será história um dia». À *sociologia* só interessam os quadros correspondentes a grandes períodos de evolução, relativos a todo gênero humano. Suas leis são válidas para toda humanidade e devem servir a todos que aspiram governar seja temporal seja espiritualmente. Não podem, porém, com bons resultados ser aplicadas à letra, sem causar sérias desilusões, a *casos urgentes* e de *caráter especial*.

Em tal situação é-se forçado a apelar para recursos empíricos judiciosamente escolhidos e tanto mais quanto a política se complica sem cessar.

Após Luís XI, com o surto dos governos ministeriais, depois continuamente desenvolvidos, a solução esclarecida do conjunto de problemas que correspondem à política, ultrapassa *qua'quer capacidade individual*. As sociedades só podem ser governadas de modo conveniente por *oligarquias controladas*, formadas de homens experientes, assistidos, na *preparação das leis gerais*, por um Conselho de Estado, e na *preparação de leis particulares*, por conselhos técnicos correspondentes aos diversos assuntos especiais. Mas atendendo a essas condições da vida moderna, é preciso fugir às *ideologias*. O bom senso aconselha que o Governo só se deixe influenciar por uma idéia preconcebida: o *interesse geral*. Por isso mesmo deve preocupar-se, antes de mais nada em manter a harmonia social e não ter preferência por panacéas políticas como os *radicalismos*, os *socialismos*, *comunismos* e outras nas que se confundem fenômenos de ordem objetiva e subjetiva. É aliás, assim que em política têm pensado os grandes filósofos e agido os grandes condutores de homens.

(Continúa)

Atos oficiais

CERTIFICADO DE EXCLUSÃO DE PRAÇAS

Por Aviso n.º 769, de 9-XII-933, o Sr. Ministro declara que os comandantes de corpos, ao excluirem qualquer praça, deverão mencionar, nos certificados passados em substituição das cadernetas militares, qual à conduta do excluído durante o tempo em que serviu no Exército, independente de quaisquer outras citações que julguem necessárias e, bem assim, o lugar onde o mesmo verificou praça e se lhe foi fornecido transporte de regresso por conta do Estado.

**

SOLUÇÃO DE CONSULTA

- Sobre lacunas nos assentamentos de praças — Ao Sr. Chefe do D.G. — Aviso n.º 750 — 30-XI-933.

O Comandante da 6.^a Brigada de Infantaria, em ofício n.º 312, de 30 de Setembro ultimo, ao da 3.^a Região Militar, consulta como preencher lacunas nos assentamentos de uma praça em cujo corpo de origem houverem sido extraviados os respectivos assentamentos.

Em solução vos declaro que, de acordo com o que indicais, na impossibilidade absoluta de se obterem os assentamentos de uma praça por causa de extravio ou qualquer outro motivo, e depois de se recorrer às Brigadas que recebem os «Boletins» dos corpos, regiões e mesmo a oficiais sob cujo comando a praça tenha estado, deve ser anotado o tempo em que houver lacunas com a seguinte declaração: «Nada consta por terem sido extraviadas por tal corpo as suas alterações» ou outra declaração análoga.

Outrosim, vos declaro que estas buscas e consultas devem ser extensivas aos hospitais e enfermarias, para verificação de baixas por acidentes, licenças, etc.,

que de algum modo influem na vida militar quer para a reforma, quer para a concessão de medalha.

**

CURSO DE PREPARAÇÃO PARA MATRÍCULA NA ESCOLA DE ESTADO MAIOR

Conforme notícia dos jornais desta Capital, o Sr. Ministro da Guerra aprovou as instruções para o funcionamento e matrícula no *Curso de Preparação para matrícula na Escola de Estado Maior*.

No intuito de informar os nossos camaradas procurámos obter alguns dados a respeito. Com quanto esses dados sejam incompletos, contudo dão uma idéia perfeita das vantagens que esse curso oferece, principalmente para os oficiais que se acham fóra do Rio de Janeiro.

O Curso é instituído tão sómente para facilitar aos oficiais candidatos à matrícula na Escola de Estado Maior, os meios de se prepararem para o concurso; não eximindo portanto, o aluno desse curso, de se inscrever naquela prova.

Este Curso não afasta os seus alunos de suas funções normais, mas não se restringe aos oficiais da guarnição da Capital Federal, visto como é feito por correspondência.

Sua Direção, facilitará o trabalho dos oficiais matriculados, respondendo á consultas sobre matérias do concurso para matrícula na E.E.M.; proporá questões a serem resolvidas pelos alunos e orientá-los á em seus estudos.

Só poderão ser matriculados nesse curso os oficiais que preencham as exigências para inscrição no concurso.

Os oficiais que não tenham feito parte do Curso de Preparação não ficam impedidos de fazerem o concurso, desde que satisfaçam as exigências da lei.

O Exercito no Estado

General Von Seeckt — "Pensées d'un soldat"

Hoje só podemos cogitar de Exercitos de caráter puramente nacional: portanto, todas as particularidades de um povo se refletirão no seu Exercito.

A maneira pela qual se compõe o Exercito e os laços estreitos que daí resultam com todas as classes da população, a comunidade de sorte com elas, impedem o Exercito de se transformar numa casta, por quanto não deve ser mais que uma profissão.

O Exercito não deve tornar-se um Estado no Estado, mas deve, servindo-o, fundir-se com él, e representar assim a imagem mais pura do Estado.

O Exercito, no qual se encontram todos os elementos étnicos e todas as condições sociais, encarna de uma forma visível a unidade nacional e constitue um dos mais fortes pilares do edifício do Estado. Com relação ao exterior garante a existência do Estado, porque está pronto para repelir qualquer agressão contra él, e é ao mesmo tempo a expressão da vontade do Estado de se fazer respeitar. Nos conflitos de interesses, o Exercito faz pesar a palavra do Estado.

No interior, o Exercito incarna a vontade do Estado e lhe garante a força para enfrentar quaisquer tentativa subversivas; garante desse modo a ordem e a segurança pública.

Como o Estado, o Exercito não existe por si mesmo, mas ambos são as formas pelas quais se manifesta a vontade de viver de um povo.

Das relações entre o Exercito e o Estado decorrem para ambos direitos e deveres.

O primeiro dever do Exercito para com o Estado é o de se esforçar por atingir o mais alto grau de perfeição possível, de aumentar seu valor interior e exterior; porque assim procedendo aumenta a potência e o prestígio do Estado e de subordinar-se ao interesse geral do Estado.

Num organismo político são, o Governo, qualquer que seja sua forma, dispõe, nos limites fixados pelo direito, pela lei e pe'a Constituição, de todas as forças do Estado e, consequentemente, tam-

bém do Exercito. Este, de acordo com sua natureza, é o primeiro servidor do Estado, do qual é uma parte.

Em troca, o Exercito tem o direito de exigir do Estado que sua participação na vida deste seja respeitada. O Exercito submete-se ao Estado, no seu conjunto personificado no Governo, mas não se subordina a nenhum orgão político, seja él qual for.

Chegamos assim aos deveres do Estado para com o Exercito. Este tem o direito de desenvolver-se e conduzir sua vida própria em plena liberdade, na medida em que essa liberdade se concilie com a vida do corpo social. Na política interior e exterior, os interesses militares representados pelo Exercito têm o direito de existir ao lado das outras necessidades políticas. É ao Governo que compete po-las em acordo. Si él vê no Exercito, como é preciso, a imagem mais pura e a mais evidente do próprio Estado, reconhecerá que, honrando o Exercito, honrará a si mesmo, e ainda, que a autoridade do Estado depende do respeito que se tem pelo Exercito.

Si quizermos exigir que o Exercito se mostre digno dessa consideração, deve-se esperar do Estado que garanta ao Exercito e aos seus representantes, a situação que lhes é devida na vida pública e que o proteja contra todos os ataques.

E perfeitamente natural que essa estima se manifeste também materialmente; porque um Estado tem necessidade não só de servidores zelosos como também de servidores satisfeitos.

Que se exige do Exercito? A lealdade para com o Estado.

Que se exige do Estado? Amor ao Exercito.

No sentido em que o comprehendo, o Exercito deve ser uma instituição política, dando a essa palavra a estricta significação de instituição de Estado. O Exercito não deve, certamente, servir á política de partidos.

Brado a todos os partidos: «Não toqueis no Exercito!...»

O Exercito serve o Estado, nada mais que o Estado, porque élé é o Estado.

**Secção
de
Veterinaria**

O cavalo militar

Arraçoamento dos equinos em serviço de guerra no sul de Mato-Grosso

Pelos 1.os Tenentes Armando Rabelo e Bernardino Costa

(Continuação do n.º 236)

IV PARTE

A fisiografia do sul de Mato-Grosso, revelando numa mesma latitude dois meios diversos pelo clima, pela topografia e pela natureza geologica, não podia deixar de ostentar tambem vegetações discordes vestindo com feição caracteristica ora as planicies alagadas, ribeirinhas dos tributarios do rio Paraguai ora os degráus dos terrenos que se alteiam, em ondulações sucessivas, na constituição da zona contigua do planalto.

Nas planicies baixas do vale desse grande rio, sujeitas á inundações periodicas durante enchentes prolongadas, uma area de muitas leguas fica transformada em lagôa, onde surge, a par da vegetação hidrofila peculiar a esses meios (pontederias, utricularias, cyperaceas), o popular capim mimoso, o arrós nativo, o capim felpudo, a grama do pantanal, o capim capivara, o assú, o capim de praia e um sem numero de gramíneas agrestes não forrageiras.

Nos decantados planaltos do Amanbaí e de Vacaria e nas vertentes das serras de Maracajú, Aquidauana e Bodocuema exuberam gramíneas nativas dos generos andropogon, panicum, paspalum e algumas manchas do capim elefante (*pennisetum purpureum*) do capim gordura (*p. melinis minutiflora*) do jaraquá (*hiparrhenia rufa*), do angola (*p. spectabile*), do capim de burro ou graminha comum (*cynodon dactylon*), do capim carona, do capim membéca, etc.

Quando devidamente conhecidos e explorados os recursos forrageiros de Mato-Grosso o problema arraçoador do gado no Brasil tomará aspecto muito mais simples, pois que são em grande numero as espécies de hervas tenras e suculentas apetecidas pelo gado herbívoro, encontradas nas invias paragens daquele imenso territorio.

Das 700 especies de gramíneas identificadas no solo nacional, grande numero foi assinalado nos campos de Mato-Grosso, embora infelizmente, como afirma Kuhlmann apenas 3 a 5 % estejam devidamente analizadas e reconhecidas como bôas forrageiras. Pela falta de cartas agrostologicas, aqui se nos depara identica dificuldade a encontrada para o estudo das forragens que mais são encontradas nos campos do Rio Grande, porque, como para o Estado gaúcho, tambem temos notícia sumaria sobre as forrageiras nativas e cultivadas mais em voga, como dos especimes herbaceos de fraco poder nutritivo, mas que de todo não poderão ser desprezados, num caso de guerra que tenha por teatro de operações a região meridional matogrossense. Segundo o censo pecuário de 1920, encarando somente os rebanhos das especies herbívoras do vasto Estado mediterraneo, atinge á cifra muito proxima a 3 milhões de individuos, população essa que, na generalidade, muito ha crecido nestes ultimos anos. De outra parte a lavoura incipiente em todo o Estado, sem qualquer expressão económica para o país, não oferece recursos em grãos cerealíferos capazes de assegurar a matéria concentrada básica das rações provedoras de um pequeno Exercito em beligerancia nesse território. A safra de milho que no ano de 1924 atingiu a pouco mais de 10 mil toneladas tem acusado sensivel decrescimento nos anos que se seguiram até 1927. A amenidade do clima da futura região, no entretanto, mantém, para essas enormes extensões ainda incultivadas do solo pátrio, fartas pastagens para o gado durante todo o ano, o que contribue para que seja nédeo e de aspecto sadio o gado matogrossense.

Urge, portanto, que a flora agrostologica dali seja desde logo beneficiada por cultivo racional e seletivo, que venha enriquecer as pastagens em larga

escala com forrageiras de eleição próprias para fenar, afim de assim armazenar-se em fenis do Estado uma poderosa reserva alimentar destinada a nutrir um grande efetivo de animais em manobra de guerra.

Limitamo-nos, pois, a fazer estas ligeiras considerações preliminares, em virtude de nos parecer evidente que o grande Estado central, recebendo um Exército para operar dentro dos seus limites, terá forçosamente que se socorrer, desde o primeiro dia de abastecimento, dos recursos forrageiros de Goiás, Minas e São Paulo, que lhe são limítrofes.

**

Arranjo arraçoador para o efectivo equino de um exercito operando em Mato-Grosso, utilisando os recursos forrageiros locais:

TABELA N.^o II

Raçao Normal de Guerra para o padrão de sela de 400 kgs.:

Milho desintegrado	2.ks.0
Milho em grão	2 5
Feno de Capim gordura	4, 0
Graminha comum	10, 0
Saf (ceNa)	0, 020

Norma paradigma: M. S. - 9.900; Prot. - 0,560;
Mg. - 0,240; Mhc. - 4,520;
V. N. - 4,640.

**

Composição discriminativa da raçao em princípios nutritivos:

Milho desintegrado	2.ks.0
M. S.	1,770
Prot.	0,138
Mg.	0,012
Mhc.	1,286
V. N.	1,466

Milho em grão	2,ks.5
M. S.	2,182
Prot.	0,192
Mg.	0,072
Mhc.	2,577
V. N.	0,920

Feno de gordura	4,ks.0
M. S.	3,156
Prot.	0,212
Mg.	0,016
Mhc.	0,940
V. N.	1,032

Capins verdes e comuns	10,ks.0
M. S.	3,500
Prot.	0,200
Mg.	0,040
Mhc.	1,410
V. N.	1,730

**

Raçao normal de guerra para o padrão trator de 500 kgs.:

Milho desintegrado	2,ks.0
Milho em grão	3, 0
Feno de Jaraguá	5, 0
Gramma comum	12, 0
Saf (ceNa)	3, 0

Norma paradigma: M. S. - 12.000; Prot. - 0,700;
Mg. - 0,300; Mhc. - 5,650;
V. N. - 5,800.

**

Composição discriminada da raçao

Milho desintegrado	2,ks.
M. S.	1,770
Prot.	0,138
Mg.	0,012
Mhc.	1,286
V. N.	1,466

Milho em grão	1,ks.5
M. S.	2,619
Prot.	0,231
Mg.	0,087
Mhc.	1,893
V. N.	2,304

Feno Jaraguá	5,ks.0
M. S.	4,050
Prot.	0,180
Mg.	0,010
Mhc.	1,150
V. N.	1,050

Graminha comum	12,ks.0
M. S.	4,200
Prot.	0,240
Mg.	0,048
Mhc.	1,695
V. N.	2,495

**

Raçao Normal de guerra para o padrão de finalidade mixta, pesando 350 kgs.

Milho desintegrado	1,ks.0
Milho em grão	2, 0
Feno de gordura	1, 0
Graminha comum	8, 0
Saf (ceNa)	0, 020

Norma paradigma: M. S. - 8.400; Prot. - 0,490;
Mg. - 0,210; Mhc. - 3,955;
V. N. - 4,060.

O caráter proprio do Exercito

General Von Seeckt - "Pensées d'un soldat"

...O Exercito tem sua vida propria, isto é, uma vida submetida a leis e a condições inteiramente particulares.

O primeiro caráter distintivo do soldado é que ele está pronto a dar sua vida para cumprir seu dever profissional. Nas outras profissões o cumprimento do dever pôde exigir outro tanto; todo homem no exercício de sua profissão pôde encontrar-se diante do sacrifício supremo, mas em nenhuma outra profissão o dever profissional consiste em matar e estar pronto para morrer.

Si a verdadeira arte da guerra tem por fim destruir o inimigo, aquele que a exerce deve aceitar o risco de ser, ele proprio, destruido. Essa concepção do soldado leva a falar de sua profissão como de uma profissão inteiramente particular. E sua responsabilidade em face da vida e da morte que lhe dá seu caráter proprio, sua seriedade, sua dignidade.

O soldado não é responsável sómente por sua propria vida, que não pôde sacrificar levianamente, e sim pelo dever. Ele é tambem responsável pela vida de seu camarada, e, finalmente, ainda pela do inimigo que ele não mata voluntaria e livremente, mas que seu dever profissional o obriga a matar.

O sentimento da responsabilidade para consigo mesmo e por outrem, é um dos traços essenciais do soldado. A responsabilidade para consigo exige que o soldado esteja muito bem preparado moral e fisicamente na sua profissão, para não se sacrificar inutilmente. A responsabilidade para com outrem nos leva á segunda qualidade, não menos importante, que ele deve possuir.

O soldado é um homem que domina a ciencia, a técnica, o material.

Composição segundo os principios nutritivos da ração supra:

Milho desintegrado	1,kg.0
M. S.	0,873
Prot.	0,045
Mg.	0,004
Mhc	0,596
V. N.	0,651
Milho em grão	2,kg.0
M. S.	1,746
Prot.	0,154
Mg.	0,058
Mhc	1,262
V. N.	1,536

O Exercito é a união de varios homens que visam um mesmo fim importante. Resulta daí um laço muito particular, uma solidariedade que chamamos camaradagem. Por essa palavra, entendemos muita cousa, e cousas diferentes. Si partimos das responsabilidades do soldado, chegaremos á regra «um por todos», porque cada qual, a seu modo e no lugar que ocupa, é responsável pelo que sofrem, pelo que podem, pelo que fazem os outros, pela vida dos outros.

Decorre então, para os mais velhos — os chefes, os superiores — o dever de ensinar, de formar, de proteger, e, para os moços, — os jovens, os noviços, os subordinados, — o dever de se submeter conciente e livremente. A amizade e a confiança são os dois grandes elementos constitutivos da camaradagem.

Comandar e obedecer são dois traços caracteristicos do Exercito. Duas cousas dificeis. Tanto mais se comanda com inteligencia e discernimento, mais se obedece com convicção e confiança, mais as cousas se tornam faceis.

Para obrigar muitos homens a colaborarem para um mesmo fim, a natureza humana é forçada a recorrer ao constrangimento. Assim, a disciplina é essencial para o Exercito; o valor deste se mede pela natureza e pelo grão dessa disciplina. Quanto mais a disciplina é livremente consentida, mais vale o Exercito; mas só a disciplina que se torna um hábito e uma segunda natureza resiste á prova do perigo.

...O Exercito faz parte do povo e deve sentir-lo.

Feno de gordura	5,kg.0
M. S.	2,945
Prot.	0,265
Mg.	0,020
Mhc	1,175
V. N.	1,290
Graminha comum	8,kg.0
M. S.	2,800
Prot.	0,160
Mg.	0,012
Mhc	1,128
V. N.	1,384

**Secção
de
Engenharia**

Passagem do Piave pelos franco-italianos a 26 de Outubro de 1918

Pelo Coronel Bails

Tradução do Cap. Lima Figueirêdo

O 12.^o Exercito francês deveria forçar a passagem do *Piave* na região de *Pederobba*, para em seguida progredir para o Norte, seguindo a margem Este do rio.

A passagem do curso d'água deveria se fazer na altura de *Molineto* pela 23.^a Divisão francesa, que já havia atingido esse local e executado com seus sapadores alguns golpes de mão sobre a margem esquerda do *Piave*.

Nos dias 17 e 18 de Fevereiro, o comandante da engenharia divisionária teve oportunidade de fazer transpôr a caudal com tropas de infantaria, utilizando-se dum ponto volante, confeccionada com pequenas embarcações de emergência.

Descrição sumária do rio em Pederobba. — Ao *Piave* cabe perfeitamente o atributivo de torrente: curso d'água importante e veloz, sujeito, especialmente no outono, á cheias subitas e inesperadas que tornam impossível o estabelecimento das pontes.

Pederobba é o local exato em que o *Piave* deixa a região montanhosa, entre as alturas de *Valdobbiadene* e o *Monte Tomba*, para entrar na planície.

Em épocas normais, o *Piave* se compõe dum braço principal, descrevendo sinuosidades numerosas e profundas e um número variável de meandros, cujos leitos mal definidos se deslocam no decorrer dum cheia e algumas vezes se sécam.

Largura 70 a 80 metros, profundidade muito variável, velocidade da corrente 3,5 a 4 metros. Bancos de areia se deslocam constantemente. O braço menor possuia uma largura de cerca de 25 metros e uma altura d'água de 20 a 40 cm.

A margem austriaca se assemelhava a uma praia de seixos rolados e de areia, de 500 a 600 metros de largura, coberta por uma vegetação raquítica. Ao longo desta zona, acompanhando a margem esquerda, havia um talude sobre o qual se achavam as primeiras trincheiras austriacas.

Preparação técnica. Desde 16 de Outubro que se admitiu a possibilidade da transposição. Para isto, dois oficiais de engenharia foram enviados á *Pederobba* com a missão de reconhecer e estudar o regime do rio; de determinar os pontos de passagem e escolher locais abrigados, onde se pudesse depositar o material.

A escolha recaiu sobre a região de *Molineto*, situada entre as gares das mercadorias e a dos passageiros, que apresentava facilidades técnicas, apezar de ser dominada por três quadrantes. Esta última particularidade existiria, para qualquer que fosse o ponto escolhido, naquela região localizada na saída das montanhas.

Escolha do material. O comandante da engenharia divisionária, pontoneiro experimentado, por haver praticado nas correntes rápidas de *Avignon*, dispunha do material francês com pontões metálicos e do material italiano com pontões de madeira.

Estes últimos se pareciam muito, quanto á forma, com os nossos antigos barcos de madeira. O comandante da engenharia divisionária decidiu que as operações da passagem se fizessem com o material italiano. A equipagem de ponte do 12.^o Corpo de Exercito constituiria a reserva, nas proximidades do ponto de passagem.

O material seria trabalhado *pelos pontoneiros italianos*, entre os quais havia alguns graduados que já conheciam o *Piave* e suas dificuldades.

Estabelecimento do projeto da passagem. Estando os reconhecimentos feitos e o ponto de passagem escolhido, organizou-se, a 22 de Outubro de 1918, um plano de emprego da engenharia do 12.^o Exercito, do qual extraímos o seguinte:

«As pontes deverão, no mais breve prazo possível, ser dobradas por passadeiras para a passagem da Infantaria.

As pontes de equipagem serão substituídas por pontes de estacas (recuperação da ponte de *Fener*).».

É certo que este plano de emprego não cogitou do estado da velocidade da corrente, nem do perigo que acarreta a construção de passadeiras entre duas pontes que, como iremos ver, deviam ser construídas a pouca distância uma da outra. É provável que não houvessem consultado preliminarmente um técnico qualificado.

Numa reunião preparatória realizada no Estado Maior da 23.^a Divisão, a qual naturalmente foi assistida pelo comandante da Engenharia da Divisão, examinaram-se as disposições a tomar, para a travessia do curso dagua.

Fez-se primeiramente a passagem dum destacamento de 200 homens, utilizando os barcos, destinado a cobrir a construção das pontes.

Em seguida pediu-se á engenharia que construisse duas pontes separadas de cerca de 200 metros, sob a proteção daquela cobertura.

O comandante da engenharia viu-se na contingencia de declarar que, com uma corrente de 3 a 4 metros, seria uma verdadeira acrobacia se construir duas pontes tão aproximadas, posto que o menor tante (Norte) repercuteria inevitavelmente sobre a ponte de jusante. Em particular o menor escombro conduzido pela correnteza, poria a ponte de jusante em perigo. Este perigo tornou-se muito maior, quando se adquiriu a certeza de que o fundo da torrente era improprio para a ancoragem. Em consequencia do deslizamento das ancoras, alguns pontões ficariam mal ancorados. A fraca distância entre as duas pontes não permitiria que um pontão, desgarrando-se da ponte Norte, pudesse se safar facilmente da ponte Sul (jusante).

Porém a insistencia do comandante da infantaria divisionaria foi tal, que o comandante da engenharia prometeu envidar os melhores esforços para realizar o seu plano, ainda que fosse sómente para lhe aguentar o moral.

Deu ao oficial encarregado da construção da ponte instruções precisas, indicando-lhe as medidas a tomar (amarração dos barcos aos alamos da margem, ancoragens multiplas, etc.) e em particular lhe deu a *instrução formal* de

abandonar a manobra e recolher a ponte ao menor sinal de desgarramento; veremos que estas precauções não foram inuteis.

Sob estas bases, estabeleceu-se um horario de passagem.

Execução: — A passagem devia ser executada a 24 de Outubro, todavia uma cheia inesperada fez com que a operação fosse adiada até ao dia 26 de Outubro.

Todos os discursos seriam agora menos eloquentes que o extrato do diario de marcha da 23.^a Divisão, devidamente completado pelo testemunho dos executantes:

«26 Outubro, 18 h. — Colocação dos barcos nagua. Passagem dos elementos de proteção e organização dos canteiros das duas pontes.

21 h. 30: — É terminada a passagem dos elementos das duas companhias do 107 R.I. As pontes se constroem normalmente. Os projetores inimigos vigram o curso do *Piave*.

22 h. 30 — A ponte Norte desgárra; é abandonada. A construção da ponte Sul contunúo dificilmente devido á velocidade da corrente. Os projetores inimigos encontram a ponte; a artilharia austriaca entra em ação. Interrupções frequentes do trabalho, devido aos projetores.

27 Outubro: — A ponte Sul não termina na hora prevista.

1 h. 40: — Ponte terminada. Tiro de artilharia inimiga regulado a 40 metros ao Sul da ponte (felizmente para as ancoragens). O 107 R.I. passa rapidamente em coluna por quatro.

2 h. 5: — Dois batalhões da 52.^a Divisão italiana passam em coluna por um, o que consome um tempo muito longo. A artilharia austriaca atira sempre sobre a ponte.

6 h.: — A ponte é cortada por um obus. A artilharia atira agora com vistas diretas e regula melhor seu tiro. Todos os esforços dos pontoneiros são pequenos para reparar os estragos, dado a rapidez com que êles são produzidos.

8 h. 25: — A ponte se parte e deriva.

No decorrer da jornada, a ligação entre as duas margens é assegurada por uma ponte volante ligeira e por quatro pontões pilotados por sapadores-mineiros franceses, nas ocasiões em que o fogo

inimigo a permitia. *Uma nova equipagem de ponte italiana é pedida ao Exercito.* A velocidade da corrente, neste ponto, não permitia experimentar o emprego do material francês que se comporta mal em correntes maiores de 3 metros.

18 h.: — Tenta-se restabelecer a ponte com o material readquirido e o chegado da ponte Norte (reserva).

28 Outubro: — Às 3 h. 30, tres quartos da ponte estavam restabelecidos, um obus, porém, damnifica o encontro; é mistér repará-lo.

4 h. 30: — Um barco é furado; é substituído por um cavalete.

5 h. 40: — Ponte terminada. *A equipagem de ponte anunciada ainda não chegou.* O 138 R. I. passa; um batalhão e duas companhias de metralhadoras da 25.^a Divisão italiana também passam.

8 h. 30: — A ponte cortada, começa a derivar.

11 h. 20: — Chegam notícias sobre a progressão do 107.^º e 138.^º R.I. na margem direita.

18 h.: — *Chega uma parte da equipagem de ponte pedida.* Começam-se, então, a nova ponte e *uma passadeira sobre barcos* (material italiano) para dois homens de frente. Por não ser este material próprio para correntes impetuosas, o trabalho é feito muito lentamente e com grandes dificuldades.

29 Outubro, 2 h 30: — Quando faltavam 10 metros para a passadeira atingir a segunda margem, as ancoras desgarram. Renuncia-se a passadeira e *concentram-se os esforços sobre a ponte, visto ter chegado todo o material.* A chegada da equipagem havia sido retardada, *pelos escombros encontrados nas estradas á retaguarda.*

5 h. 30: — A ponte é terminada.

6 h.: — A passagem começa. Calma completa, mas de chofre a artilharia austriaca das alturas de *Quéro*, toma de enviada o curso do *Piave*, fazendo sobre a ponte tiros de 210 e 240; apezar disto a passagem continua.

9 h. 20: — A artilharia inimiga rompe a ponte. A passagem é restabelecida.

10 h. 45: — Novas brechas na ponte, mas mesmo assim se consegue atravessar a artilharia.

13 h. 20: — Circulação impedida; a ponte está completamente destroçada. Uma parte da ponte é levada pela torrente.

30 de Outubro: — O diário de marcha nada assinala referente à pontagem, prova cabal de que a ponte fora restabelecida e de que as operações se desenvolveram, daí em diante, normalmente.

Com efeito, enquanto todos êsses incidentes se produziam, as tropas passadas para a margem direita recalavam os austriacos, conquistando os objetivos sucessivos que lhes haviam sido fixados e, obrigando enfim a artilharia austriaca a se retirar, proporcionando aos pontoneiros italianos e aos sapadores franceses o repouso que êles tanto necessitavam.

Foi assim que, desde 27 de Outubro de dia, o 107.^º R.I. atacava o penhasco de *Seitolo Alto*, do qual se apoderou, alongando a cabeça de ponte.

A 28 de Outubro, o 107.^º e o 138.^º R.I. forçam as posições austriacas, fazendo uma pressão continua. Ocupam a linha *Ostesia Nuova* — *San Vito* — *Madonna di Caravagio* — *Funer* — *Casa di Roer* e chegam a tomar pé nas vertentes do *Monte Pianar* e do *Monte Perlo*.

Os austriacos foram obrigados a retirar sua artilharia.

Vimos que o inimigo supriu esta falta, com a artilharia de *Quéro* a 29 de Outubro. O *Monte Pianar* e o *Monte Perlo* são ocupados e, a partir dêste momento, a situação evolue favoravelmente.

A 31 de Outubro, o material francês pôde finalmente entrar em jogo, sendo utilizado na construção duma ponte em *Ferner*, onde a corrente era menos rápida e onde os pontões podiam ser ancorados, em grande parte, nos pegões e destroços da ponte permanente destruída em *Ferner*, o que evitava, evidentemente, os perigos do desgarramento. A ponte foi construída, como se tratasse de uma manobra.

**

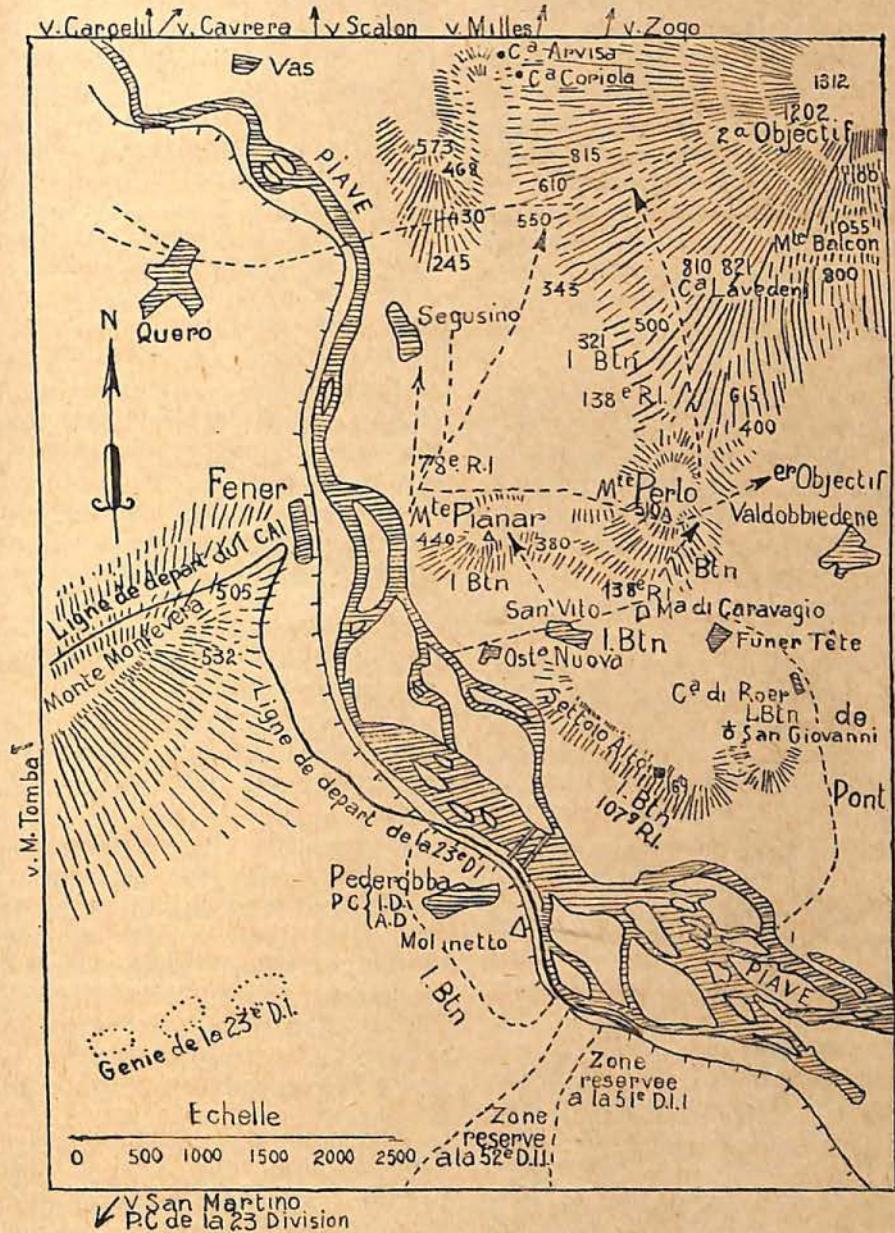
Esta passagem é fertil em ensinamentos e se presta a uma discussão interessante, tanto sob o ponto de vista técnico,

como sob o ponto de vista tático, sobre-
tudo se trouxermos a balha as nossas
prescrições regulamentares atuais.

I.^o Sob o ponto de vista tático:

Sabia-se, visto como se conhecia perfeitamente o setor, que os austriacos iluminavam com projetores o *Piave* com

Em virtude da mobilidade dos projetores, seria preferivel se recorrer ás nuvens de fumaça, que, empregadas no banco de areia da margem esquerda, permitiriam a construção das pontes ao abrigo da artilharia. As condições meteorologicas o permitiam, conforme testemunho dos executantes.



muita regularidade. O comandante da engenharia divisionária solicitara no sentido dos projetores serem destruídos ou neutralizados por nossa artilharia. A promessa lhe foi assegurada, mas os esforços dos artilheiros foram improfícuos.

O problema da circulação na retaguarda, parecia ter sido completamente descurado, pois foram necessários dois ou três dias para se conduzir uma equipagem, devido ao lastimável estado das estradas. Ora, a regularidade da cir-

culação é um problema tático do primeiro chefe.

Si a ordem da 23.^a Divisão, que prescrevia a passagem por 4 com 10 metros de intervalo entre as companhias e 40 m. entre os batalhões, fosse executada, toda infantaria da 23.^a Divisão e uma parte da 52.^a Divisão italiana se achariam na margem inimiga a 27 de manhã e as operações se desenrolariam muito mais rapidamente. A artilharia inimiga teria se retraído muito mais cedo.

Si erros foram cometidos na execução tática, êles foram, em todo caso, largamente compensados pela bravura dos infantes do 107.^º, a energia e a tenacidade dos pontoneiros italianos e dos sapadores-mineiros franceses, e tambem pela otima firmeza do material de pontagem italiano com barcos de madeira que principalmente mereceu esta honra.

Acrescentemos que o estado moral dos austriacos favoreceu a operação. Era evidente que, com um pouco de ardor da parte deles, a cobertura francesa não poderia ser facilmente lançada na margem oposta, antes que a ponte fosse construída.

Devemos reconhecer entretanto que, neste caso, o comando do 12.^º Exercito proporcionara os meios de toda natureza, para pôr em cheque o valor dos seus adversarios. Estavamos, com efeito, nas vespertas do armistício e o «front» inimigo cedia por todos os lados, no Ocidente e no Oriente.

2.^º) — Sob o ponto de vista tecnico poderíamos ter agido melhor, ou por outra, poderíamos aplicar as prescrições atuais do nosso regulamento?

É o que vamos examinar:

a) — Primeiramente, a passagem foi imposta sobre *uma frente estreita*.

Em casos semelhantes, o regulamento alemão diz, com razão, que o bom exito da passagem é um *golpe de sorte*. Todavia, os golpes de sorte, nós o sabemos, são cousas correntes na guerra e a história é fertil em ensinamentos sob este ponto de vista, não sendo êles portanto exclusivos ás travessias dos cursos dagua.

b) — A preparação foi regular e o inimigo surpreendido. Não se suspeitou que mais tarde o inimigo tentasse a passagem a força, executando um golpe de mão, como já o havia feito em Feve-

reiro de 1918. Isto foi uma felicidade para os aliados.

c) — Na construção das pontes todas as medidas foram tomadas para evitar o desgarramento: amarração aos alamos da margem esquerda, ancoras duplas e mesmo triplas.

d) — Aplicando o nosso regulamento ao pé da letra, a passagem deveria se fazer por meios descontínuos até o momento em que o local da ponte ficasse a salvo dos tiros da artilharia inimiga.

Seria isto possível? Não o acreditamos pelas razões seguintes: A passagem de 200 homens em pontões deu lugar a multiplos incidentes. Alguns pontões foram abordar a varios quilometros de seu ponto de partida e alguns não regressaram. Entrementes esses pontões eram pilotados por habilissimos pontoneiros.

É, portanto, duvidoso que, por meios descontínuos, se pudesse passar para a margem inimiga um efetivo igual ao que passou sobre a ponte. O emprego de portadas sobre um rio como o Piave, mesmo com propulsores só poderia acarretar desgostos, já por causa da dificuldade de navegação num *rio estreito* com caráter torrencial, já pela falta de profundidade na margem inimiga (margem em rampa suave).

Os trechos de ponte que se construiriam nesta margem descoberta, seriam excelentes objetivos para a artilharia inimiga.

O emprego de portadas sem propulsor não podia ser encarado, porque a deriva que teria lugar, seria da ordem de 200 a 300 metros para um ciclo e a volta da portada exigiria que a mesma fosse puxada para montante, ao longo da margem inimiga, debaixo do fogo do mesmo. Os proprios barcos e as portadas com propulsores teriam tambem forte deriva.

A mesma observação poderia ser feita relativamente ás pontes volantes com grande capacidade de transporte, para as quais as ancoragens poderiam acarrear sérios dissabores.

Foi por êste motivo que a ligação, no decorrer da jornada de 27, não pôde ser assegurada por uma pequena ponte volante e quatro pontões, confirmando que a passagem descontínua não permiteria alimentar a batalha.

Secção de Intendencia

Serviço de Subsistência da 1.^a Região Militar

Os Serviços de Subsistencias Militares, no Exército Brasileiro, foram criados em virtude dos planos estabelecidos pela Missão Militar Franceza que, desde 1920, tem sido mantida pelo Governo do nosso país e cujos serviços relevantes devem ser justamente salientados porque, na realidade, a sua obra não foi dessas que se perdem com o correr dos anos. Organização de todo desconhecida entre nós anteriormente à vinda daquela Missão, baseada no que de mais moderna existe na França sobre tal assunto, o seu primeiro regulamento foi aprovado pelo decreto n.º 15.816, de 13 de novembro de 1922, quando dirigia a Pasta da Guerra o Exmo. Sr. Dr. João Pandiá Calogeras, a quem muito deve o Exército Nacional, embora só muito posteriormente começasse a ser praticamente executado com o funcionamento do Serviço.

O objéto dos Serviços de Subsistencias em tempo de paz é: 1.º Aquisição

Por outro lado num rio torrencial e de fraca largura, como o que se dispunha, a multiplicação de meios descontínuos de passagem acarretaria numerosos incidentes de manobra, a menos que todos os pontões e portadas fossem governadas por exímios pilotos. Além disso, os barcos e portadas tinham que se escalar ao longo da margem de partida numa extensão de 200 metros, justamente no local por onde passava o talvegue do rio. Uma bôa concentração de fogos sobre este espaço estreito e bem visto, ocasionaria sérias perdas de material e de pessoal durante o embarque.

Finalmente, a passagem do Piave era perigosa, porque todos os pontos possíveis de passagem eram bem vistos e bem dominados pelo inimigo. Sómente as nuvens permanentes de fumaça poderiam, em certa proporção, atenuar os inconvenientes desta situação particular.

Nenhuma disposição foi tomada contra as minas ou torpêdos que os austriacos arremessassem ao rio, o que alias felizmente não fizeram. É bem verdade

— a) de viveres, forragens, combustiveis para aquecimento, essencias e lubrificantes para automoveis, tudo necessário para o fornecimento aos corpos de tropa e serviços; b) dos materiais de exploração que lhe são necessários. 2.º — A transformação de certos viveres, matérias e materiais. 3.º — A conservação das provisões de viveres, forragens, combustiveis, essencias e materiais indispensáveis, destinados ao serviço comum ou às reservas de guerra das subsistencias militares. 4.º — O fornecimento nas condições determinadas pelo Comando Regional, sob proposta do Diretor de Intendencia Divisionário (esta a denominação do regulamento que não foi mantida, visto como, presentemente, essa entidade é o — Chefe do Serviço de Intentencia Regional): a) de viveres, forragens, combustível, material de iluminação e agua potável, conforme as necessidades dos corpos de tropa, serviços e estabelecimentos do Exército, quan-

que a proteção contra êsses engenhos era quasi impossível, porque o comprimento de margem que se dispunha era diminuto e ainda, porque o local da ponte não permiteria a instalação dum sistema de proteção seguro e eficás.

Por todas essas razões, somos de opinião que a solução técnica adotada no Piave era a unica possível.

Aliás, vimos que, si a passagem das tropas fosse feita regularmente e, si a ponte tivesse sido coberta por simples nuvens de fumaça, a operação seria coroada do melhor exito.

e) — Résta-nos sómente dizer uma palavra sobre o material. A passagem do Piave foi possível, nas condições em que foi executada, graças aos pontões de madeira do material italiano, o unico empregado nas noite de 26 para 27 e de 27 para 28.

Os executantes foram quasi unanimes em declarar que, em virtude do regime torrencial do rio, esta passagem não se poderia fazer com nosso material constituído por barcos metálicos tipo 1901.

do esses artigos não forem adquiridos com os recursos do rancho ou outros especialmente concedidos; b) os mesmos artigos á Armada e outras forças publicas, por ordem do Ministro da Guerra; c) de essencias e lubrificantes para automoveis aos corpos de tropa e serviços do Exercito e aos estabelecimentos do Ministerio da Guerra; e ainda, por ordem do ministro ás outras forças publicas; 5.^o — A justificação do emprego dos dinheiros publicos, postos á sua disposição para a execução dos serviços que lhe são confiados; 6.^o — Organização da escrituração do material, com todo o movimento de entradas e saídas dos artigos e respectivos preços, de modo que se conheça prontamente a existencia em deposito. 7.^o — A prestação de contas, na forma das disposições em vigor, das importancias adiantadas para execução dos serviços, perante a Diretoria Geral de Contabilidade da Guerra ou repartição da Fazenda donde foram recebidas (art. 1.^o do Reg. cit.).

É bastante olhar para a vastidão aos encargos que lhes são aféitos, constantes das linhas acima, para se aquilatar da sua importancia e do verdadeiro logar que lhes cabe em um exercito moderno, isto porque, acabando com a descentralização exagerada que até então existia, quando aos proprios corpos de tropa era atribuido o seu abastecimento em tudo o que hoje é função desses Serviços, veio metodizar e dar mais ordem a tais encargos, além de preparar melhor desde os tempos de paz — e esta é a sua maior razão de ser — o abastecimento das tropas no caso de uma guerra eventual. O Serviço de Subsistência Militar da 1.^a Região, pois que funcionam por Regiões Militares, tem sua atual organização baseada nas instruções de 11 de Maio de 1933, publicadas no Boletim do Exercito n.^o 28 dos mesmos mês e ano, propostas pela Chefia respectiva, a cargo do Cel. Raul Porto, do Quadro de Intendentes de Guerra, cuja operosidade, espirito de iniciativa, e capacidade de trabalho o tem mui justamente salientado como homem de ação em todas as comissões por onde tem passado. Á sua testa esteve, anteriormente, o Major Anapio Gomes, do mesmo Quadro, que foi o incrementador do seu funcionamento.

Compõe-se:

Do Gabinete que tem como órgãos diretamente subordinados — a secretaria a contadaria, o conselho de administração, a comissão de recebimento, o almoxarifado e os serviços gerais.

A sua frente está a *Chefia* subdividida em duas *Secções*. A 1.^a secção tem sob suas ordens — o posto agro-pecuario, o matadouro, a padaria central, a padaria de Deodoro, o frigorifico, a torrefação e moagem do café, o moinho de sal, a fabricação de massas alimenticias, os silos, o laboratorio bromatologico, e a camara de imunização. A 2.^a secção superintende — o armazem de viveres central, o dito de Deodoro, o armazem de forragens central, o armazem de forragens de Deodoro, os armazens reembolsaveis central e de Deodoro, o avario, o deposito de oleo e combustiveis, as garages central e de Deodoro e o açougue.

Sem querer discutir o merito dessa organização mais de acordo com a indole brasileira, quer nos parecer que o espirito que a presidiu, atribuindo á 1.^a secção o encargo de *produzir* e á 2.^a o de *prover*, como se depreende do seu exame sumario, está bem dentro da lógica. A experiência certamente o reafirmará nos dias futuros.

O material para montagem das Padarias Militares comprado na Europa, quando da gestão Calogeras no Ministerio da Guerra, só vae ter destino em 1933, ano em que essas padarias se tornaram realidade; não é necessário encarecer o valor e a soma de serviços prestados, quer nos tempos normais quer em campanha, sob qualquer aspecto que se os encare, economico, tecnico-militar ou moral, por esse genero de padarias tão necessário de ser amplamente aplicado no nosso meio, pois não ha quem desconheça a falta do pão sentida pelo soldado, nas suas refeições normais, como alimento de uso mundial que é.

Preparando e fornecendo os tipos de pães comum, abiscoitado ou de guerra, contando com os elementos indispensaveis á sua fabricação para o consumo nas ocasiões necessarias, ter-se-ia mais ou menos encontrado a solução de tão complexo problema como é este em tempo de guerra, porque aí não seria certamente a compra de pães aos fornecedores civis, para enviar á tropa, o ca-

minho certo a seguir. O *pão comum* do tipo militar que obedece como os de mais á uma formula previamente estudada, e experimentada para receber aprovação é preparado de fórmas a estar em condições de ser consumido por espaço de seis dias sem se alterar, o que não se dá com as formulas vulgares das padarias do comercio cujo fim principal é o lucro, não entrando em suas cogitações ess'outra face da questão que é puramente militar; este é o que mais se presta ao consumo em guarnição; em campanha só quando as condições do abastecimento fôrem otimas. Como estas não se apresentam sempre, até mesmo em manobras, idealisou-se o *pão abiscoitado*, capaz de conservar-se e durar cerca de 25 dias, além de suportar com mais facilidade o transporte. O *pão de guerra*, cujo uso talvez será o mais normal entre nós nos dias máus, por sua vez é um tipo de prolongada conservação que pôde mesmo ir até a um ano desde que seja bem fabricado e acondicionado. O seu fabrico requer, porém, mecanismos especiais que parece podemos afirmar não existirem em nenhum estabelecimento civil desse ramo no Brasil.

Querer exigir-se sem um pregaro previo a sua confecção em padarias civis mediante contráto, seria impossivel entre nós, pelo menos na época atual; — só mesmo em um estabelecimento militar para esse fim montado, como o temos presentemente pode haver essa possibilidade; resta-nos generalizar isto.

Encarando agora o lado economico da questão, apresentamos os algarismos seguintes que atestam com eloquencia a sua importancia logo no primeiro ano do respectivo funcionamento:

a) — Preço que o Serviço vinha pagando o pão aos fornecedores, no começo de 1933 — 18030;

b) — Pão produzido pelas duas padarias do Serviço de Subsistência da 1.^a Região — 461.485 kgs. 700, que, ao preço de 18030 monta em 475:320\$271;

c) — Importancia gasta por essas duas padarias para produzirem a quantidade de pão acima — 356:716\$157 — resultando assim uma diminuição na despêsa de 118:604\$114, que já é uma apreciavel importancia.

A tropa, além disso, teve tambem o seu lucro recebendo um produto de bôa qualidade e dentro da tabéla regulamentar quanto ao peso.

**

Parte integrante que é das nossas *tabelas de rações* dos usos brasileiros, tomado sob a forma de infusão, é o café por esse motivo incluido entre os viveres fornecidos pelo Serviço de Subsistência, não só a titulo de provimento normal (titulo gratuito, segundo a expressão regulamentar) como mediante reembolso, tudo na forma prevista pelos dispositivos de regulamento.

A torrefação e moagem do café tem proporcionado aos seus freguêses, anualmente, uma economia de 70:200\$000, como se vê da seguinte demonstração:

- a) — Quantidade aproximada fornecida por ano, a titulo reembolsável — 54.000 quilos;
- b) — Valor pelo preço corrente na praça do Rio — 162:000\$000;
- c) — Idem pelo preço do Serviço — (1\$700) — 91:800\$000.
- d) — Percentagem de economia — . . . 70:200\$000;
- e) — Taxa de economia — 43 %.

O café verde adquirido pelo Serviço e destinado á torrefação é de primeira qualidade como se pôde auferir da opinião já expendida pelos técnicos do Departamento Nacional do Café de que nenhuma torrefação civil do Rio trabalha com artigo igual.

Resumindo, apresentamos os algarismos abaixo que demonstram a quanto atingiram as despêsas com os três órgãos industriais mais importantes do Serviço, durante o ano proximo findo, assim discriminados:

Torrefação e moagem do café	241:305\$900
Padaria Militar de Deodoro	192:2918700
Idem, idem do centro	164:4248500
Soma	598:0228100

A produção desses orgãos deixam um lucro industrial de 8,2% (49:000\$000, em numeros rodondos), calculados o café e

o pão aos preços de 18650 e \$850, respectivamente.

O custo de produção para cada quilo foi:

Café moido e empacotado — 18562;

Pão produzido pela Padaria de Deodoro — \$743;

Idem, idem pela do Centro — \$810.

Todos aqueles que estão ao par dos preços de tais artigos no comércio desta cidade, não poderão ter dúvida alguma sobre as vantagens que o funcionamento do Serviço oferece sob o ponto de vista econômico, a menos que lhe falte sinceridade.

Ainda alguns dados estatísticos sobre o Serviço:

a) — com o funcionamento do açougue.

Preço que o Serviço pagava aos fornecedores de carne verde, antes deste melhoramento — 18398.

Quantidade de carne fornecida aos corpos e aos interessados mediante reembolso, de 1.º de Julho a 31 de Dezembro, 320.247 quilos.

Valor ao preço de 18398 — 447:705\$300;

Importância dispendida pelo Serviço para a execução de tal fornecimento 392:303\$300; daí a diferença para menos, na despesa, de 55:402\$000; que não é tão insignificante a ponto de ser desprezada.

b) — funcionamento dos silos.

Os silos que tiveram sua construção iniciada em 1922 e abandonada pelo espaço de dez anos, foram ampliados e concluídos em 1933, sendo sua inauguração realizada em Janeiro do corrente ano.

Com capacidade para acondicionar alguns milhares de toneladas de cereais, calcula-se que do seu funcionamento pôde acarretar uma economia de duzentos e poucos contos, conforme se pôde ver da demonstração seguinte, tomando por base a quantidade adquirida e destinada ao forrageamento dos animais dos corpos da Região:

Preço médio do milho, em 1933 (quilo) — \$250.

Quantidade adquirida neste ano — 4.399.265 Kgs.

Valor ao preço de \$250 o Kg. — 1.099:616\$250.

Idem dessa quantidade na base máxima de preço por ocasião das épocas da colheita para compras em grande escala (\$200) — 879:853\$000.

Economia resultante — 219:763\$250.

c) — Movimento financeiro em 1933.

Receita 8.196:006\$200

Despesa 7.415:144\$900

Saldo positivo 780:861\$300

Este saldo foi assim distribuído:

Bonificação aos corpos nos 1.º, 2.º e 3.º trimestres	292:306\$400
Recolhido á Caixa Geral de Economias da Guerra nesse mesmo período	196:563\$900
Idem á Diretoria Geral de Contabilidade da Guerra de excesso de etapas	40:961\$500
Distribuído ao Q.G. da 1.ª Região nos 2.º e 3.º trimestres	12:882\$900
Incorporado ás «Economias Lícitas» do Serviço	238:146\$600

d) — Fornecimentos em 1933.

Estes fornecimentos se elevaram, no transcurso do ano, ás cifras importantes de 1.831.223 rações de homens e 1.256.933 de animais, cuja distribuição em especie, com as respectivas quantidades e importâncias, foi a seguinte:

256.371 Kgs. de arroz a \$800	205.096\$800
256.371 " assucar a \$900	230:733\$900
36.624 " banha a \$1.600	58.598\$400
91.561 " café a \$1.650	151:175\$650
522.411 " carne verde a \$1.390	726:418\$294
402.869 " farinha a \$350	141:004\$150
292.995 " feijão a \$400	117:198\$000
36.624 " massa sôpa a \$930	25:260\$320
18.312 " mate em folha, \$550	10:071\$600
549.366 " pão a \$850	468:961\$100
36.624 " sal a \$130	4:761\$120
522.411 " carne secca a \$1.800	726:418\$294
Preço total	2.865:697\$628

4 100.005 Kgs. de milho a \$250....	1.025:001\$250
2.238.807 " " alfafa a \$340....	761:194\$380
18.666 " " farelo a \$128 ..	1:389\$248
19.486 " " remoidos a \$200	3:87\$200
87.461 " " triguilho a \$286.	25:013\$846
565.720 " " aveia a \$300....	169:716\$000
21.635 " " sal a \$130	2:822\$550
58.538 " " tortas a \$300....	17:561\$400
Preço total.....	
	2.006:595\$874

Ou seja um movimento cujo importe total foi de 4.872:293\$502, capáz de, só por si, recomendar o Serviço de Subsistência e salientar o quanto é difícil e de vulto a missão que lhe cabe cumprir dentro do Exercito.

**

É princípio de ordem geral nas instituições militares que a sua organização do tempo de paz se deve basear na de campanha devendo esta, por sua vez, ser cuidadosamente estudada em todos os seus detalhes. Não resta a menor dúvida que tal maneira de conceber a realização de objetivo tão complexo, está perfeitamente de acôrdo com a lógica, pois, não se pôde admitir a criação arbitaria de um orgão que se possa tornar desnecessário na ocasião em que as necessidades cada vez mais se avolumam, senão por um absurdo.

O problema do abastecimento dos Exercitos, nos tempos de guerra, sobre ser transcendente e complicado é aquele que mais requer uma solução perfeita, isenta de falhas, porque sobre él se assenta, podemos dizer sem medo de errar, a segurança na garantia da vitória. Estudados e previstas as necessidades diversas desses Exercitos no teatro das operações, os orgãos indispensáveis a satisfazê-las, as dificuldades sem conta que precisam ser vencidas, teremos formado as bases seguras para organizar o *esqueleto* que deve existir normalmente, sempre preparado para, segundo o estabelecido nos planos elaborados por quem de direito, preencher de modo cabal a sua importante missão de formar o conjunto do arcabouço pertencente ao corpo que se vai mover e agir.

Dai o motivo porque foi concebida a criação dos Serviços de Subsistência em diversos pontos do país predeterminados, como um prévio preparo á execução dos abastecimentos á tropa, na zona de guerra, que deve sempre contar com os recursos enviados do interior, os únicos

capazes de assegurar sua propria existência, pois os demais, nas condições em que se fazem as guerras modernas, são completamente precários e deles mui pouca cousa se pôde esperar nos movimentos mais sérios.

Estabelecerem-se os diversos órgãos do Serviço em locais para onde convergem, por exemplo, os recursos de determinadas regiões, quaisquer que sejam, será estar com «Estações Coletoras» já em condições de exercer sua função, nos tempos de guerra, ou também de ser elementos do grande Serviço de Reabastecimento Nacional, durante a paz, cujo fim principal é o preparo da mobilização agrícola ou de organizar a exploração geral dos recursos agrícolas nacionais em tempo de guerra, segundo a definição do General Buchalet.

Os grandes efetivos que partem para a campanha não podem por si mesmo encarregar-se do respectivo abastecimento, sob pena de fracasso; aírás de si devem existir os órgãos especializados a quem fica aféta uma tal atribuição, de fórmas que aqueles se desocupem por completo quanto á reunião dos meios de sua manutenção e o seu escalonamento, na direção da frente, até a zona de fogo.

Estas ligeiras considerações, sob o ponto de vista militar, que se superpõe a qualquer outro, são suficientes para, demonstrado o valor do Serviço de Subsistências Militares pelo lado econômico, como vimos dos dados estatísticos já expostos, encarem a necessidade de organizá-lo, e fazê-lo funcionar em todas as Regiões Militares, sede de Divisão, nos moldes do da 1.^a Região cujas informações demos acima.

Isso, além de ser uma medida altamente benéfica para o Tesouro Nacional pelas economias que se realizariam de ano para ano nas verbas arçamentarias, as quais ou recolhidas aos cofres públicos ou empregadas em obras uteis nos vários departamentos do Serviço de Intendencia ou de outros quaisquer do Exercito, a juízo das Altas Autoridades, seriam sempre economias em favor do patrimônio público, resultaria em um grande melhoramento das nossas instituições militares cujo máximo de perfeição devemos sempre nos esforçar por conseguir.

A questão dos efetivos militares

O efetivo de paz de um Exército deve corresponder a uma das necessidades da defesa nacional, isto é, constituição de um nucleo apto ao completamento e desdobramento em caso de mobilização. As condições financeiras do país influem, sem dúvida, na estimativa do número de soldados a manter nos corpos. Mas, tal influencia deve exercer-se racionalmente, mediante a consideração de que, em matéria de economia nos orçamentos, os cortes nos efetivos de um exército não estão capitulados nas medidas de primeira urgencia.

Entre nós, nem sempre parece atender-se a tais imperativos, e os efetivos diminuem e crescem á mercê de variantes desconexas. Si traçarmos um grafico das oscilações numericas dos ultimos tempos em nosso Exército, veremos uma caprichosa linha quebrada concretizando a nossa politica militar de *vae e vem*.

**

Mas, o Brasil não começou a sua vida de nação independente com esses propósitos e seu governo mostrou-se cioso de que a soberania nacional estava em suas forças armadas. Basta lembrarmos que, em 1826, tínhamos um total de 26.347 homens de 1.^a linha e de 92.861 de 2.^a, para uma população de 6.000.000. Esse efetivo era constituído de homens *armados, equipados* e pertencentes a unidades *organizadas*. Apezar dos fatores geográficos dissociadores, esse Exército, distribuído em guarnições verdadeiramente isoladas, obedecia uniformemente a um comando unico, consolidou a independencia e, sobretudo, manteve a unidade nacional.

Algum tempo depois, a politica partidaria, como é de seu habito, desconhe-

cendo os meios para agir em beneficio de seus exclusivos interesses, começou a transformar a Guarda Nacional, que vinha preenchendo com regular eficiencia os seus fins, num *bizarro* instrumento eleitoral. E, então, a nossa tropa de 2.^a linha declinou e descambou para o ridiculo com seus 190.942 oficiais sem... soldados... Num só ano, o Ministro da Justiça, da Republica, estribado na lei de 1896, creou 99 brigadas com 12.475 oficiais !

**

Desde 1923 que os efetivos do Exército sofrem reduções e falsos acréscimos, vivendo numa alternativa inexplicável. Já chegamos, em certa ocasião, a chamar de *Regimento* um conjunto de duas Cias. reduzidíssimas, uma banda de musica e mais alguns soldados especialistas.

Em quanto isso se verificava, muitos corpos de polícia viam seus efetivos dobrados e os *exércitos estaduais*, em pleno apogeu, contrastavam com o mirrado *exército permanente* nacional.

Depois da revolução de 1930, quando aos governantes mais se impôz a conservação da unidade nacional, os efetivos das forças nacionais foram mais uma vez diminuidos e as polícias, estimuladas material e politicamente, cresceram, desenvolveram-se e atingiram a situação disparatada que hoje desfrutam. No passado, a Guarda Nacional transformou-se num ridículo; no presente, as polícias se convertem num perigo.

Mas, acreditamos que o Brasil vai retornar a política militar de 1826. As variações de efetivos, que já são efetivas, desaparecerão e cederão logar ás razões do interesse da defesa nacional e da unidade da Pátria.

Escolas de fogo na Escola de Artilharia em 1933

Pelo Cap. Olivio de Oliveira Bastos

(Continuação do n.º 235)

Programa para as "Escolas de Fogo de Instrução" - 1933

N.º da E. F.	GENERO DO TIRO	Unid. de tiro	OBSERVAÇÃO	COLOCAÇÃO EM DIREÇÃO	AJUSTAGEM DO TIRO
1	Preparação do tiro percutente contra pessoal	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria
2 e 3	Preparação e execução do tiro percutente contra pessoal a descoberto	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas com D. R.	Preparação sumaria Regulação expedita
4 e 5	Preparação e execução do tiro percutente contra pessoal a descoberto	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas aparelho declinado	Preparação sumaria Regulação expedita
6	Preparação do tiro contra pessoal. Tiro contra pessoal abrigado (neutralização)	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas balisamento	Preparação sumaria Regulação expedita
7 e 8	Preparação do tiro contra pessoal Tiros de destruição (objectivos largos e estreitos)	Peça e Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria Regulação de precisão
9 e 10	Preparação e execução do tiro de tempo	Bia.	Axial junto a Bia.	Visadas reciprocas	Preparação sumaria Regulação expedita
11 e 12	Preparação e execução do tiro de tempo	Bia.	Axial longe da Bia.	Visadas diretas	Preparação sumaria Regulação expedita
13 e 14	Tiros de destruição contra objetivo fixo	Peça	Unilateral na zona de observação	Visadas reciprocas particular ao modo de observação	Preparação tão completa quanto possível. Regulação de precisão
15 e 16	Tiro de surpresa e tiros contra objetivos que escapam a observação	Bia.	Conjugada por cruzamentos topograficos	Visadas diretas	Preparação tão completa quanto possível. Regulação de precisão com prática de transporte de tiro.
17	Tiro de destruição	Peça	Bi-lateral improvisada.	Visadas diretas	Preparação sumaria Regulação de precisão
18	Tiro contra objetivos inopinados (Tiro progressivo e regressivo)	Bia.	-	Medido graficamente	Utilizando uma prancheta de tiro

LIVROS Á VENDA

ASSUNTOS
AUTORES
PREÇO

 Pelo cor
relo mais

<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do gen. Klinger	4\$000	
<i>Noções de topografia de campanha</i>	General Paes de Andrade	7\$000	7\$00
<i>Adestramento para o combate</i>	" " "	3\$000	\$500
<i>Ensínamentos táticos sobre a D. I. na ofensiva, (Ensínamentos da M. M. E.)</i> . Ed. 1931..	Tenente-Coronel Gentil Falcão	3\$000	\$500
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do <i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do Serviço Militar). Ed. 1923	10\$000	1\$000
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande Guerra</i> . Gen. Gamelin e Cmt. Petibon. Traducção do	" " " "	5\$000	\$700
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do <i>Telemetros</i>	12\$000	1\$000
<i>Orientação em campanha</i>	Coronel Francisco José Pinto ..	4\$500	\$600
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Coronel Abadie). Tradução do	Ten. Cel. Dermerval	3\$000	\$500
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i>	" "	3\$000	\$500
<i>Notas á margem dos exercícios táticos</i>	5\$000	\$800
<i>Infantaria—Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>	Ten. Cel. J. B. Magalhães ..	2\$000	\$500
<i>Aspectos Geográficos Sul-Americanos</i>	Major Travassos	6\$000	\$700
<i>Manual de licenças</i>	" "	5\$000	\$600
<i>Brasil-Alemanha</i>	Major Mario Travassos ..	5\$000	1\$000
<i>Curso de educação física</i> (1.º vol.)	Capitão Silva Barros	7\$000	1\$000
<i>Educação física—idéias fundamentais</i>	Capitão Salgado dos Santos	6\$000	1\$000
<i>O Estado Independente do Acre e J. Placido de Castro</i>	Tenente O. Rangel Sobrinho ..	7\$000	\$700
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução)	" " " "	2\$000	\$500
<i>Règlement du Genie</i> (1.º p., 1.º vol.)	Genesco de Castro	8\$000	1\$000
<i>Combate e serviço em campanha</i>	Comandante Audet	3\$000	\$700
<i>Escola do Pelotão</i>	6\$000	1\$000
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução)	Major Tristão Araripe	10\$000	1\$000
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i>	" "	10\$000	1\$500
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i>	4\$000	\$800
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução)	Major J. Veríssimo	10\$000	1\$000
<i>Manual do Sapador Mineiro</i>	1.º Ten. Joaquim J. Gomes da Silva	8\$000	\$700
<i>Combate de Infantaria</i>	Cap. Benjamin Galhardo (no prelo)		
<i>O Telefone de Campanha</i>	Major A. Soares dos Santos ..	6\$000	\$700
<i>As linhas telefónicas de Campanha</i>	Cap. Lima Figueiredo	1\$500	\$500
<i>Quadros Comutadores</i>	" "	2\$000	\$500
<i>Mémoires</i>	" "	1\$500	\$500
<i>Mémoires</i>	Marechal Foch	72\$500	
<i>Manual do granadeiro</i>	Marechal Joffre	87\$400	
	Major José Faustino	3\$000	\$500

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de \$1500 ou \$2000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos extravios no Correio.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecário d'A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio.
Sede provisória da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.